

MARIA AMALIA CORRÊA GIFFONI

REINADO  
DO ROSÁRIO DE  
ITAPECERICA

1989

Associação Palas Athena do Brasil  
Massao Ohno Estúdio

À  
MARIA ANTONIETA JUNQUEIRA NETTO CORDEIRO  
pelo apoio à Cultura Popular

Homenagem póstuma a  
José Gomes Filho (Gominho)

Agradecimentos a:

Altamiro Lima  
Dr. Antonio Araújo  
Francisco Xavier (Chico)  
Clélio Ferreira  
Dr. Feliciano Madeira  
João Batista (J. B.)  
José Custódio Martins  
José Ribeiro Mendonça (Zé Ponte)  
Marília Giffoni Meirelles de Andrade

Aos capitães dos “Ternos”

Alderano D’Alessandro dos Reis (Catupé)  
Antonio Anieto D’Alessandro (Marinheiro)  
Francisco de Oliveira (Lili) (Vilão da Boa Viagem)  
José Evaristo Pereira (Baixinho) (Vilão Novo)  
Olivério Felix dos Santos (Moçambique)  
e seus componentes

Destaque às figuras:

Princesa Isabel (Izabel Maria Morais Malaquias) e Escrava-cozinheira  
(Geralda Pio)

A todos os participantes e colaboradores do Reinado do Rosário, às  
pessoas de quem recebemos auxílio e atenção, a Itapecerica – a nossa  
gratidão e lembrança.

## ORDEM DO LIVRO

### I PARTE

1-1 – Introdução .....	15
1-2 – Dados históricos de Itapecerica .....	16
1-3 – Considerações sobre o Reinado e a influência religiosa nele exercida .....	20
1-4 – Origem e evolução do Reinado do Rosário de Itapecerica .	24
1-5 – Semelhanças e diferenças entre o Reinado de Itapecerica e o Congado do Oeste Mineiro .....	30

### II PARTE

2-1 – Aspectos atuais do Reinado do Rosário de Itapecerica ...	35
2-2 – Reinado do Rosário de Itapecerica, em 1985	
Desenvolvimento .....	43
a) Visita aos festeiros .....	43
b) Missa e Reunião .....	45
c) Levantamento das bandeiras .....	46
d) Libertação dos escravos .....	48
e) Reinado Maior de Nossa Senhora do Rosário .....	55
f) Reinado de São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês .....	58
g) Descida das Bandeiras, Coroação, Nomeação e Despedida .....	60
h) Procissão, Missa, Festa da Colheita, Leilão e Terço ...	61
2-3 – Observações sobre as danças dos <i>Ternos</i> .....	65
2-4 – Coreografias do Vilão da Boa Viagem .....	68
2-5 – Outras informações .....	77
2-6 – Barracas armadas durante o Reinado do Rosário .....	83

### III PARTE

3-1 – Anotações sobre os Reinados circunvizinhos .....	87
3-2 – Aspectos culturais de Itapecerica .....	88
3-3 – G.T.O. - Escultor itapecericano .....	95

## ANEXO

Documentação fotográfica .....	105
Músicas e versos do Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica (Lembretes) .....	129
Textos Musicais .....	141
Estatutos do Reinado de Itapecerica (1823) .....	159
Constituição do Reinado do Rosário de Itapecerica (1975) .....	177

# I PARTE

## 1-1 - INTRODUÇÃO

Habitados a pesquisar, registrar e divulgar danças e folguedos populares, em função da cátedra que ocupamos na Universidade de São Paulo, foi para nós oportuno, proveitoso e gratificante conhecer o Reinado do Rosário de Itapecerica (MG).

Trata-se de manifestação folclórica pouco conhecida nos dias atuais. A sua presença naquela localidade data de mais de um século, embora interrompida durante alguns anos, por motivos mencionados adiante. De procedência africana, decorrente da coroação dos Reis Congos, a ele foram acrescidas devoções católicas, ligadas sobretudo à Nossa Senhora do Rosário, adotada pelos negros como padroeira, a São Benedito e Santa Ifigênia, pretos como eles e, ainda, à Nossa Senhora das Mercês. Santos de cuja generosidade os escravos muito esperavam para a solução de seus problemas vivenciais. Resultou desta amálgama um acontecimento popular, complexo, rico e de grande beleza.

A oportunidade de conhecer o Reinado do Rosário de Itapecerica nos foi proporcionada por Maria Antonieta Junqueira Netto Cordeiro, Presidente da empresa Nacional de Grafite e interessada em assuntos culturais. Essa empresa tem indústria extrativa e de transformação de grafite, minério que provém de antigas e ricas jazidas locais. Convidou-nos, em 1985, para assistirmos ao Reinado, do qual já tínhamos referências carinhosas e entusiásticas de seu irmão Sérgio Junqueira Netto Cordeiro<sup>(1)</sup>. Fomos de avião até Belo Horizonte e no Aeroporto de Confins o automóvel da empresa nos esperava, para levar-nos a Itapecerica. Lá nos hospedamos na confortável e acolhedora residência que a Nacional de Grafite mantém, nos arredores da cidade.

No registro que faremos do atual Reinado de Itapecerica estão incluídos aspectos de sua fase antiga, que recolhemos através de entrevistas. De grande oportunidade se nos afigura as comparações que estabelecemos entre o Reinado em apreço e o Congado do Oeste de

(1) Precocemente falecido, aos 38 anos, em 1982.

Minas<sup>(2)</sup>, que nos parece a manifestação mais próxima àquela, dentre outros folguedos congêneres que conhecemos por observação direta e através de publicações de outros pesquisadores. Itapecerica situa-se, também, no Oeste do Estado de Minas Gerais e entre ambos – Reinado e Congado – encontramos muitas semelhanças e algumas diferenças, como se verá adiante. Cerimônias, percursos processionais, a presença de “ternos”, inclusive de Congo, cantos, atos “encadeados”, ora mais longos ora mais rápidos, além de manifestações ligadas ao catolicismo, são comuns aos dois.

A finalidade deste trabalho é apresentar aspectos evolutivos do Reinado de Itapecerica, seu contexto atual e outras considerações que julgamos oportunas.

## 1.2. DADOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DE ITAPECERICA

Itapecerica, cujo nome significa “pedra escorregadia”, localiza-se na zona oeste do Estado de Minas Gerais. Seu território montanhoso, com área de 1.042 km, fica a 133km de Belo Horizonte, a capital. As fontes econômicas eram, até certa época, a agricultura e pecuária, porém o forte de seus recursos origina-se da indústria extrativa, contando com várias jazidas. Em seus primórdios, o ouro foi a grande atração. Hoje o grafite se destaca, permitindo a instalação da empresa Nacional de Grafite, próxima à cidade. A Companhia Nacional de Pilhas, em época anterior, também colaborou no setor industrial. Outrora, a madeira constituía fonte de riqueza, em sua forma natural ou transformada em carvão vegetal, ambas de grande aplicação e procura. Garimpos permitiam a extração do ouro, levando para Itapecerica interessados e trabalhadores, fazendo aumentar rapidamente a sua população. O Rio Vermelho, que corta a cidade, foi assim denominado pela cor das águas que o formam, tingidas pelo ouro de aluvião.

O território para a formação de Itapecerica foi desmembrado de São João Del Rei, por Ordem Régia de 1760. A instalação da vila é

(2) Estudado por Waldemar de Almeida Barbosa, em “O Congado do Oeste de Minas”, Revista Brasileira de Folclore – Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro – MEC – Ano V – nº 11, janeiro/abril de 1965, Rio de Janeiro.

de 1789 ou 1790. Levou o nome de São Bento do Tamanduá, pela quantidade desse animal encontrada nas imediações. Para alguns historiadores o nome inicial foi apenas Vila do Tamanduá, no entanto a primeira capela teve São Bento como padroeiro<sup>(1)</sup>.

Foram bandeirantes paulistas, integrantes da Bandeira de Lourenço Castanho Taques, os primeiros a passar pelo local, em 1733. Em 1739, outros paulistas, Feliciano Cardoso de Camargo e Estanislau de Toledo Pisa, seguindo as trilhas percorridas por Taques, chegaram ao Rio Vermelho e fundaram a primeira povoação às suas margens. Polêmizam outros estudiosos afirmando ter sido Conquista do Campo da Picada de Goiás o primeiro nome de Itapecerica, em razão de um desvio dos caminheiros, motivado por tempestade, que os afastou da rota que os levaria a Goiás. Seus primeiros habitantes foram paulistas e mineiros, estes vindos de São João Del-Rei, em cuja localidade se dedicavam à extração do ouro, sem nos esquecermos da população indígena da região. De acordo com historiadores esta era constituída por Tapuias<sup>(2)</sup>.

A importância da então vila era tal que em 1782 já possuía escola municipal, a primeira de Minas Gerais. O Colégio São Bento, posterior, tornou-se famoso. Professores e alunos, pela eficiência dos primeiros e aproveitamento dos segundos, possibilitaram a formação de uma elite intelectual que levou a cidade a ser conhecida como Atenas do Oeste.

Segundo Vânia Diniz Boaventura, baseada em historiadores<sup>(3)</sup>, “em 1789 a Vila do Tamanduá abrangia 34 distritos todos hoje, cidades, como Divinópolis, Candeias, Cristais, Bambui, Ibiá, São Gotardo, Patrocínio, Araxá, São Roque do Paracatu, Santo Antonio do Monte, Camacho, Pedra do Indaiá, São Sebastião do Oeste e muitos outros”.

(1) Segundo dados escritos que nos chegaram às mãos, sem indicação do autor, os nomes da cidade, em ordem cronológica, foram: Conquista do Campo da Picada de Goiás, Casa da Casca, Vila do Tamanduá e Itapecerica. Denominações recebidas enquanto a localidade pertencia a São João Del-Rei.

(2) No trabalho citado no item 1 há referência de serem índios Canidé, do grupo Cataguá, pertencente à nação Tupi-Guarani.

(3) Em “Pequena História de Nossa Terra” – Dados por ela compilados, s/i.

Pela consulta à Enciclopédia dos Municípios Brasileiros<sup>(4)</sup>, concluímos que, após modificações sofridas em seu território, nos anos de 1911, 1912 ou 1921, 1923, 1938 e 1954, o município passou a compreender os distritos de Itapecerica, Camacho, Lamounier, Marilândia, Pedra do Indaiá e São Sebastião do Curral.

Segundo censo oficial de 1980, Itapecerica contava com 35.000 habitantes, incluindo-se a zona urbana e rural. Limita-se, atualmente, com as cidades: Pedra do Indaiá, Santo Antonio do Monte, Formiga, Cláudio, Candeias, Camacho, São Francisco de Paula, Oliveira, Carmo da Mata, São Sebastião do Oeste, Divinópolis e Campo Belo, algumas delas com nomes interessantes e pouco comuns, como acontece frequentemente com a toponímia mineira.

Seus estabelecimentos de ensino, no momento, são: Ginásio Estadual Padre Herculano Paz e Colégio Imaculada Conceição (Estadual), ambos incluindo o 1º e 2º graus. Apresentando apenas da 1ª à 4ª série, são mencionados: Escola Estadual Prof. Alberto Couto, Escola Estadual Severo Ribeiro, Escola Estadual Maria de Magalhães e Escola Estadual Cônego Cezário, além de escolas rurais.

Possui um jornal, "O Itapecerica" e uma Estação de Rádio, a Rádio Difusora de Itapecerica.

Quanto aos templos católicos citamos a Matriz de São Bento e as igrejas de São Francisco, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Graças, São Bom Jesus e os "Passinhos" (capelas) dedicados à Semana Santa, em número de sete. No interior de seus templos antigos, valiosas imagens figuram em altares barrocos e músicas sacras desse período enriquecem os acervos. Da religiosidade de seu povo e do número surpreendente de sacerdotes nascidos em Itapecerica, como se verá adiante, juntam-se o nome de dois Bispos que se destacam nas dioceses de Leopoldina, dirigida por Dom Sebastião Roque Mendes Rabelo e de São João Del Rei, sob a responsabilidade de Dom Antonio Carlos Mesquita.

A economia de Itapecerica, no momento, se baseia na agricultura, com a abundante produção de arroz e café, e na pecuária, que além da carne se distingue com a produção de leite, o que levou a Indústria Danone a se instalar na localidade. As matas continuam abundantes,

(4) Rio de Janeiro. Instituto Brasileiro de Geografia, 1955. Ítem *Itapecerica*.

permitindo a extração de madeira, como se fazia antigamente, encaminhada para a fabricação de móveis e carvão vegetal. A extração e refinação de grafite constitui fonte de riqueza local, sendo por elas responsável a empresa Nacional de Grafite, há muito encarregada deste setor. A extração de granito permite a sua exportação para a França e Itália. Os caminhões são o principal meio de transporte para os locais de consumo em nosso País. Têm sido encontrados blocos de até 25 toneladas. As indústrias que dele se ocupam são: Alterosa, Andrade Ltda. e Mencil. Outras, com especialidades várias, localizadas em Itapecerica, podem ser enumeradas: Eletro-Manganês S/A, Siderúrgica Ita-Ferro, Artes Fogos Ltda. e Fábrica de Fogos São Jorge.

Itapecerica liga-se diretamente a Belo Horizonte pela Viação Transmoreira. A Empresa Erreene se incumbiu das linhas Itapecerica-Formiga, Itapecerica-São Francisco de Paula e Itapecerica-Divinópolis. A Viação Campo Belo une Itapecerica a Campo Belo<sup>(5)</sup>.

Ainda hoje, pelos casarões coloniais bem conservados, vários de alto padrão, pode-se avaliar a pujança da cidade, em seus tempos áureos. Itapecerica deve se orgulhar de seus templos, que atestam a sua religiosidade, e do patrimônio arquitetônico e cultural, valiosíssimo, ao qual se somam tradições encontradas no desenrolar deste trabalho. Hoje, a pacata cidade transpira o passado. Conseguiu, com grandes méritos, preservar seu valor histórico e tradições, resguardando-a de efeitos transformadores e destrutivos.

Parece-nos que foi a eficaz atuação dos padres franciscanos, vindos de São João Del Rei, nos primórdios da cidade, que contribuiu para a vocação sacerdotal de muitos filhos de Itapecerica, considerada o município mineiro que apresenta o maior número de sacerdotes. A galeria que guarda os retratos dos padres nascidos na localidade nos surpreendeu.

Chamamos atenção para dois pontos que interessam diretamente ao estudo do Reinado do Rosário:

1º) A mão de obra escrava, numerosa e permanente, que se fazia necessária para a extração do ouro, contribuiu para o aparecimento do Reinado de Itapecerica.

(5) Agradecemos ao Sr. Clélio Ferreira da Silva pelas informações que nos possibilitaram a atualização dos dados sobre Itapecerica.

2º) A formação religiosa da população, propiciada pelos franciscanos, abrangendo o contingente negro, favoreceu a anexação das devoções católicas às tradições africanas, como se nota no Reinado local.

### 1.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE O REINADO E A INFLUÊNCIA RELIGIOSA NELE EXERCIDA

O vocábulo *reinado* corresponde “ao tempo de mandato de governo de um soberano, seja rei, imperador”<sup>(1)</sup>. O Reinado do Rosário de Itapeverica relembra essa fase de poderio dos soberanos africanos e a presença destacada de Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas. Reproduz a coroação, que determina o início do mandato e o seu término, indicado pela transferência das insígnias reais. Inclui cortejos, cantorias, danças específicas e outras manifestações que se sucedem, compondo o enredo. São elementos fundamentais da coroação dos Reis Congos, envolvendo escravos sudaneses e bantus, que se mesclaram, no Brasil, com devoções da Igreja Católica Apostólica Romana.

O Reisado encontrado no Nordeste e famoso no Estado de Alagoas reproduzia também, em seus primórdios, acontecimentos históricos a respeito dos Reis Congos, nele se destacando os “Congos-Cocumbis”. As embaixadas ou diálogos, as “peças” cantadas nas salas ou nas ruas, na entrada ou na saída, acompanhadas de danças ou “passos” variadíssimos, constituem hoje um conjunto de folguedos vários. A figura do Rei, chamado também “Rei Congo” perdurou no Reisado executado no período compreendido entre a Véspera de Natal e o Dia de Reis.

Existe confirmada afinidade entre os elementos componentes do Reinado e do Reisado, o mesmo acontecendo quanto às suas origens. A ação transformadora do tempo foi exercida sobre ambos, ocasionada por fatores ambientais e vivenciais. Théo Brandão, em seu premiado estudo “Reisado Alagoano”<sup>(2)</sup>, chamava atenção, em 1947, sobre “a mistura de influências as mais variadas que vem sendo processada há

(1) Novo Dicionário Aurélio – 1ª Ed. (9ª impressão) – Editora Nova Fronteira S/A – Rio de Janeiro s/d.

(2) Prefeitura Municipal de São Paulo, 1947.

mais de 60 ou 70 anos” no Reisado. De igual modo, à estrutura do Reinado de Itapecerica foi incluída, há mais de meio século, uma cena que se tornou de grande significação, reproduzindo o dia-a-dia dos escravos, com seus trabalhos costumeiros, cenas de tortura e finalmente a proclamação da Lei Áurea. Acréscimo que o distingue das demais formas congêneres. Mais destacada, ainda, pelas particularidades, é a afinidade entre o Reinado de Itapecerica e o Congado do Oeste Mineiro<sup>(3)</sup>, cujas semelhanças apresentamos em separado. O primeiro teve como parte de sua estrutura inicial o Congo, denominação equivalente à Congada, que nele aparece atualmente com os nomes de Marinheiro e Catupé ou Quatro-pé. A coroação dos Reis Congos é a pedra angular destas três manifestações: Reinado, Reisado e Congado do Oeste de Minas, assim como de outros folguedos populares similares, de origem negra.

Ninguém ignora a influência que as Irmandades cristãs exerceram na vida dos negros, durante a escravidão no Brasil. Além do objetivo religioso, que movia os padres a iniciarem os escravos no cristianismo, a solicitação de seus proprietários, neste sentido, incentivava a missão. A participação nos cultos fornecia-lhes ensinamentos, conselhos e a esperança de um mundo melhor. Elementos que conseguiam abrandar a insatisfação e a rebeldia pelos trabalhos penosos que lhes eram impostos. As Irmandades congregavam os escravos, tornavam-nos participantes e abriam caminho para os objetivos em vista. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a padroeira dos pretos, como já foi dito, era a melhor aceita, a que apresentava maior número de adeptos, a que mais se difundiu.

No século XIX, quando começou a ser realizada a Festa do Rosário, surgiram entre nós as confrarias encarregadas de fazê-la. Nossa Senhora do Rosário é reconhecida pelo objeto que leva nas mãos, o *rosário*, usado para contar as Ave-Marias e os Pai-Nossos. A devoção ao “santo rosário” foi criada por São Domingos, em homenagem à Nossa Senhora. Tornou-se conhecido na Europa entre os portugueses católicos, mas a responsabilidade de sua divulgação, em nosso País, é atribuída aos padres franciscanos, presentes no início do descobrimento. Chegou até aos escravos que, findos os trabalhos diários, faziam

(3) Obra citada.

desfilar o rosário nas mãos cansadas, como conta a tradição. Sabe-se da existência de uma Nossa Senhora do Rosário pintada de preto, para aprofundar a afinidade entre a padroeira e seus devotos. Há, também, referência a Santo Antonio preto<sup>(4)</sup>.

Quatro aspectos são obrigatoriamente abordados pelos que tratam ou trataram pioneiramente do assunto; 1º) a denominação rosário provém das contas que, inicialmente, tinham a forma de minúsculas rosas<sup>(5)</sup>. Aliás, em nossos dias, tivemos ensejo de encontrar na Espanha, Itália e Israel exemplares cujas contas ainda guardam esse formato e outros com perfume de rosas que se conserva permanentemente (segundo os vendedores), lembrando sua origem; 2º) chamamos atenção para outro aspecto, a presença de São Domingos, com seu hábito claro, nas imagens ou estampas de Nossa Senhora do Rosário, de certa época. Tivemos oportunidade de vê-lo junto à Maria, no altar-mor da Igreja do Rosário, construída pelos escravos e já demolida, em Santa Rita do Passa Quatro (SP). Das mãos de Nossa Senhora pendia, também, longa fita azul, na qual os devotos davam nós, à medida que conseguiam graças. No templo atual, moderno, que substituiu o antigo, São Domingos ainda é visto ao lado de Nossa Senhora, em desenho, em baixo relevo, numa das paredes. Em pintura procedente de Florença, e a nós familiar, ambos aparecem juntos. Outros exemplos poderiam ser citados. Ligados ao Reinado do Rosário de Itapeverica tivemos o ensejo de encontrá-lo no altar, aos pés de imenso cruzeiro erguido na Praça Santa Cruz, onde as festividades se realizam. Figura ao seu lado, isoladamente, secular imagem de Nossa Senhora do Rosário, procedente da primeira capela, como foi visto, rodeados de outros santos. Os presentes não sabiam o porque da presença de São Domingos. A totalidade ignorava os laços que o prendiam à padroeira; 3º) os estudiosos do assunto sabem que os escravos adotaram com facilidade o rosário para suas orações, pelo fato deste objeto lembrar-lhes o "ifá", deus da adivinhação, a quem recorriam por meio de frutos do dendazeiro. Através destes, como das contas do rosário, buscavam a presença de divin-

(4) Neste caso supomos tratar-se de Santo Antonio de Catigiró, que era escuro, mas não de raça negra.

(5) O rosário é o precursor do "terço", resultante da redução do número de Ave-Marias e Pai-Nossos do rosário.

dades. Enquanto aqueles frutos serviam para adivinhar o futuro, o rosário era o veículo para os pedidos de alívio dos sofrimentos físicos e das amarguras. O culto à Nossa Senhora do Rosário e, posteriormente, à Nossa Senhora das Mercês, mães boníssimas a quem podiam recorrer e de quem esperavam auxílio, foi bem recebido pelos escravos. Paralelamente, os santos negros São Benedito e Santa Ifigênia, iguais a eles próprios, não poderiam deixar de ser-lhes complacentes e amigos. Irmandades sob a proteção dos últimos foram surgindo. Transferiam para os protetores conhecidos no Brasil as homenagens que prestavam aos guias espirituais africanos. A devoção à Nossa Senhora das Mercês em Itapecerica é muito antiga. Dentre as glebas que formaram originalmente o município, uma delas era denominada Nossa Senhora das Mercês. Em Vila Rica, atual Ouro Preto<sup>(6)</sup>, também a reverenciavam, na época em que Chico Rei influiu no Reinado de Itapecerica; 4º) O aparecimento da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, onde a presença do preto e do mulato era solicitada e a do branco aceita, fez reaparecer a Coroação dos Reis Congos, usual na África. Entre nós, atividades religiosas aqui aprendidas ligaram-se à coroação. Ao fazerem ressurgir a nobreza afriacana, afloraram reminiscências da terra natal e dos tempos de liberdade. Danças, cantos e representações foram revividos e continuam sendo praticados, enquanto as circunstâncias o permitam. As irmandades religiosas foram indubitavelmente as responsáveis pelo aparecimento e manutenção das cerimônias de Coroação dos Reis Congos entre nós. Forneciam recursos econômicos e humanos. Conseguiram preservá-las mesmo quando as condições eram adversas. Salvaguardaram hábitos, costumes e tradições vinculadas a um passado de dor, lenta e sofridamente atenuado com o suceder das gerações. Itapecerica obteve o milagre de manter vivo o seu Reinado, apesar de uma interrupção por motivo de força maior, revivendo-o assim que foi possível. Mantido inicialmente pela Irmandade do Rosário, proposta em 1818, foi sucedida pela Associação de Nossa Senhora do Rosário, fundada em 1975, que dele se encarrega, nos dias atuais. A Igreja de São Bento, em Itapecerica, é a guardiã do estatuto da Irmandade do Rosário, aprovado em 1824, que comprova as ligações desta com o Reinado

(6) Após o levantamento da Capela de Nossa Senhora do Rosário naquela localidade, em 1913, o número de escravos era tão grande que foi iniciada a Capela de Nossa Senhora das Mercês.

do Congo, mais tarde denominado Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Ambos resultaram da soma de cultos africanos, com as devoções da Igreja Católica Apostólica Romana. As Irmandades de São Benedito, Nossa Senhora das Mercês e Santa Ifigênia também exerceram influência nos Reinados antigos. Santos que continuam a figurar no Reinado de Itapecerica.

#### 1.4. ORIGEM E EVOLUÇÃO DO REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA

Para estes dados nos baseamos em conhecimentos advindos de pessoas que ficamos conhecendo na localidade, que nos foram extremamente úteis e atenciosas, destacando-se as que fazem parte do Reinado do Rosário, como participantes ou dirigentes. A valiosa entrevista com o Sr. José Gomes Filho (Gominho), com meio século de responsabilidade pelo Reinado e que, ainda na ocasião, aos 90 anos, fazia dele a sua maior preocupação e a razão da sua vida, nos esclareceu vários pontos. Outros nomes surgirão no desenrolar desse trabalho. Acrescentamos, ao que nos foi dado ouvir, as nossas observações diretas sobre uma das manifestações populares mais ricas, completas, antigas e, sobretudo, raras nos dias de hoje.

1ª Fase do Reinado – Segundo o Sr. José Gomes Filho, Presidente-Honorário do Reinado de Itapecerica, em entrevista que com ele fizemos, em 12 de agosto de 1985, em sua residência<sup>(1)</sup>, o Reinado começou há cem anos “se facilitá”. Veio do tempo do cativo e compreendia, em seu início, o Mouro e o Moçambique. Era dançado no interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Seu pai, José Gomes, era o elemento de maior destaque no antigo Reinado. O cargo por ele exercido correspondia ao do atual Capitão-Mor. Quando não quis ou não

(1) Fomos vê-lo na fazenda, embora tenha residência em Itapecerica. Seu pai tinha “lavoura” (propriedade agrícola) de grande extensão, próxima à cidade, e lhe coube, por herança, as terras que formam sua atual fazenda. No dia anterior, fomos levados até ela pelo Sr. José Custódio Martins, pertencente à Diretoria do Reinado e responsável pelo “palanque”. O Sr. Gominho não pôde nos atender. Pediu-nos que voltássemos no dia seguinte. A sua participação nas festividades da manhã e nas que se realizariam à noite não lhe pertenciam “outras ocorrências”, como afirmou.

pôde mais exercê-lo, indicou José Laureano Pinto, "seu camarada" (empregado) para substituí-lo. Nesta ocasião, o Reinado tinha três "cortes", isto é, três "ternos", como são denominados hoje: o *Congo*, o *Moçambique* e o *Catupé*. José Laureano era o Capitão do Moçambique e ficou sendo considerado "o dono do Reinado". João Faria também fazia parte do Reinado.

O Sr. Gominho começou "quando ficou rapaz". Informou-nos que a primeira vez que o Reinado apareceu em Itapecerica foi por meio do Chico-Rei, que morava em Ouro Preto<sup>(2)</sup>, levado por José Laureano que o aprendeu naquela localidade. Chico-Rei era o "manda-chuva", veio da África, começou o Reinado de Ouro Preto e foi o seu Capitão-Mor. Era também o "manda-chuva" dos Reinados de outros lugares, nas redondezas. Mandou o Reinado de Ouro Preto para Itapecerica, que já tinha o seu "Reinadinho".

Encontramos informações que mencionam a criação por Chico-Rei das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Ifigênia, da construção de uma igreja e da fundação do Reinado, empreendimentos realizados em Vila Rica, mais tarde Ouro Preto. Fatos que reforçam o depoimento do Sr. Gominho<sup>(3)</sup>.

O Sr. Gominho, pouco antes de assumir o cargo de Capitão-Mor do Reinado antigo, formou o "terno" do Mouro, que no começo conhecia "male má". Procurou tornar-se dançador de Mouro. O Capitão do Mouro havia morrido, mas um elemento do "terno", que conhecia bem a maneira de dançá-lo, o ensinou. Assim, o Sr. Gominho pôde incluí-lo no Reinado antigo. Por essa época, o Reinado compreendia o Mouro e o Moçambique. O Chico-Rei ajudou-o a levantar o Reinado, acrescentando o Congo e o Quatro-pé (ou Catupé), que, segundo o informante, "é quasi um só". No início era Congo de saio, depois, há 40 anos mais ou menos, as saias desapareceram.

(2) Pelo que sabemos por tradição oral, Chico Rei era nobre na África, onde foi aprisionado e trazido como escravo para o Brasil. Aqui conseguiu alforriar-se, ficou rico, teve muito prestígio. A denominação "rei" acrescida ao nome, deve-se ao poder adquirido em nossas plagas, graças às suas realizações.

(3) José Ramos Tinhorão, em "Música Popular de Índios, Negros e Mestiços", Editora Vozes - 2ª Ed. Petrópolis (RJ), 1975, fornece dados sobre Chico-Rei e transcrições de outros autores sobre este personagem.

Perguntei-lhe quem tomava parte no Reinado antes da proibição. Respondeu-nos “pretos, cabritos (mulatos) e brancos”. Nesse tempo, o Sr. Gominho já era Capitão-Mor e “tocava o Reinado quase sozinho”. Desde o começo, segundo o informante, “havia três Reinados: o de Nossa Senhora do Rosário, o de São Benedito e o de Nossa Senhora das Mercês. O Reinado, após deixar de ser realizado na igreja, passou a ser feito na Praça Santa Cruz, onde havia o antigo cruzeiro e em sua base o oratório, onde a imagem de Nossa Senhora do Rosário “era a manda-chuva”.

*Interrupção e Reinício* – O Reinado de Itapecerica, segundo o depoente, parou durante 20 ou 25 anos, a partir de 1925 ou 1926. O Bispo de Belo Horizonte, Dom Silvério Barros Pimenta, proibiu a sua realização dentro da igreja. Contou-nos o Sr. Gominho: “ele era muito implicante, não gostava do Reinado e cortou ele. Tirou o vigário da Paróquia e a cidade ficou sem Reinado. Eu enfrentei, sozinho, o Bispo e falei pra ele: tira o Reinado da igreja, mas não tira do povo não”. Sabemos, por outras fontes, que em quase todos os lugares o Reinado extinguiu-se, pela mesma razão.

Quando o telhado da Igreja do Rosário começou a cair e precisou ser reconstruído, não havia dinheiro. O Bispo deixou recomeçar o Reinado, fora do templo. Em 1943, voltou a ser realizado, graças ao seu Capitão-Mor, José Gomes Filho (Gominho), que trabalhou incansavelmente pela sua reorganização. Foram responsáveis, também, por esse renascimento, João Martins de Assis, João Evangelista Malaquias e Eduardo Arantes, seus companheiros na “empreitada”. O Sr. Gominho dirigiu-o desde a reconstituição até 1981, sendo, na ocasião, seu Presidente-Honorário. Deixou o cargo de Capitão-Mor por causa da idade avançada e saúde precária.

2ª Fase do Reinado – Começou com os “ternos” Moçambique e Quatro-pé (Congada). O Mouro não foi incluído porque os que o conheciam haviam morrido ou mudado. Restava um ou outro e não houve possibilidade de reconstituí-lo. Foi acrescentado o Marinheiro (Congada) e o Vilão de Faca e Vara. Perguntamos ao Sr. Gominho porque os moçambiqueiros do Reinado de Itapecerica não usavam nem espada nem bastão, como se vê em outras localidades paulistas e mineiras. Respondeu-nos “aqui nunca se usou espada nem bastão. Usavam, desde o começo até agora, as gungas”. Pudemos vê-las, nas pernas dos

dançadores, feitas com latas de massa de tomate, pequenas, contendo sementes (cuietê e conta-de-lágrima) ou pedras miúdas, presas por fitas de nylon (outrora, eram presas em correira abotoada). São colocadas nas panturrilhas ou nos tornozelos, nestes predominantemente. No Vião usavam vara na mão e faca na cintura. Em certo momento entregavam as varas ao “meirinho” (auxiliar) e “brincavam” com as facas, isto é, batiam a de um dançador contra a do outro, obedecendo o ritmo instrumental, como se vê ainda hoje.

A entrevista com o Sr. Gominho nos deixou saudades, pela boa acolhida, lucidez, amor pelo Reinado, forma de expressão muito pessoal e respostas jocosas. Conseguia transmitir com precisão o que desejava. Guardei com enlevo esta frase “Eu só mandava e desmandava, agora sô comissário” e outras. Pouco antes, ao falarmos do acompanhamento instrumental do Reinado nos disse: “os músicos afinam a viola com a vida”. Ao nos despedir, dissemos: “desejo-lhe que viva muitos anos” ao que nos respondeu “já istô no fim do credo”.

Levou-nos para ver seu acervo de peças, variadas, sem critério de seleção, e fotografias. Referentes à escravidão só vimos um peso de prender escravo. Mostrou-nos dois álbuns de fotos antigas e valiosas, para estudo. Chamou-nos a atenção vários retratos de crianças e adolescentes falecidos, em seus caixões. Permitem observar os trajes mortuários, as ornamentações utilizadas e costumes da época. Retratar mortos era comum há anos, inclusive no Estado de São Paulo. Lembremo-nos de uma fotografia do Reinado, de 1940, no qual compareceram 57 príncipes. Soubemos que o Sr. Gominho pretende doar o material recolhido para um futuro museu, a ser instalado em sua casa, na cidade.

Ouvimos também, na ocasião, o Sr. Antonio Anielo D’Alexandro, capitão do Reinado e funcionário da Secretaria da Segurança. Dissemos que “a 1ª Comissão do Reinado data de 1918. O nome de Reinado veio da África. Os negros do cativo prestavam homenagem aos guias da sua terra. Os seus proprietários eram católicos e os escravos, com medo de contrariá-los, quando praticavam os seus cultos, inclufram Nossa Senhora do Rosário”. Em relação à data 1918, parece-nos tratar-se de 1818, ano em que foi proposta a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que manteve o Reinado de Itapecerica no início deste.

## DIRETORIA DO REINADO

1982/83 reeleita para 1984/85

Presidente	Clélio Ferreira da Silva
Vice-Presidente	Raimundo Nunes da Costa
Tesoureiro	Manoel Henrique de Souza
2ª Tesoureiro	José Ribeiro da Silva
Secretário	Antonio Anielo D'Alexandro
2º Secretário	José Custódio Martins
Encarregado de Patrimônio	Altamiro Ferreira Lima
2ª Encarregado de Patrimônio	Antonio Manoel dos Santos
Presidente Honorário	José Gomes Filho
Capitão-Mor	José Gomes Filho
Capitão-Regente	Altamiro Ferreira Lima
Relações Públicas	Alderado dos Reis D'Alexandro
2º Relações Públicas	Geraldo Humberto D'Alexandro
Supervisão Geral	Antonio Gomes de Carvalho

Nota: Foi com esta diretoria que tivemos contato, quando fomos a ItapicERICA.

## 1.5. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENCONTRADAS ENTRE O REINADO DE ITAPECERICA E O CONGADO DO OESTE MINEIRO

Depois de termos observado “in loco” o Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica, em 1985, e conhecendo o importante trabalho de Waldemar Barbosa, “O Congado do Oeste de Minas”, publicado em 1965<sup>(1)</sup>, comparando os dois, notamos que muitas semelhanças ainda persistem entre as duas manifestações populares. Vinte anos separam nossas observações das relatadas pelo Autor e encontramos, no atual Reinado de Itapecerica, danças, evoluções, procedimentos e atividades, além da parte religiosa, comuns ao Congado do Oeste da década de 60. Isto nos leva a supor que a denominação diferente, recebida por um e por outro, não exclui terem sido um só em suas origens. Há, também, diferenças possivelmente conseqüentes da evolução sofrida por um, por outro ou mesmo por ambos.

Waldemar de Almeida começa o seu trabalho com esta afirmativa: “As festas do *Congado*, chamadas em Ouro Preto de *Reinado* ou *Reisado* do Rosário, tiveram início na antiga capital de Minas”. O que reforça e confirma depoimentos e dados que recolhemos recentemente.

As semelhanças expostas a seguir revigoram a nossa opinião de serem o Congado do Oeste Mineiro e o Reinado de Itapecerica o mesmo, ou, por prudência, terem a mesma origem.

### A) Semelhanças

1) *Santos homenageados*: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês.

2) *Cerimônias religiosas*: são comuns no Congado e no Reisado, missa e procissão. Na primeira, os dançadores entram normalmente e não dançam. Terminada a missa, formam os “ternos” do lado de fora.

3) *Personagens da Corte*: Rei Perpétuo, Rainha Perpétua, Rei e Rainha da Coroa Grande, estes renováveis anualmente. São figuras encontradas nas cortes de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia, que possuem também seus príncipes e princesas. Reis e Rainhas comparecem a todas as cerimônias.

(1) Já citado.

*Nota:* Waldemar Barbosa menciona Jufzes e Jufzas no Congado, sobre os quais não ouvimos menção no Reinado de Itapecerica, em 1985.

4) *Ternos:* Tanto no Congado como no Reinado aparecem o Moçambique e o Congado ou Congada. O primeiro tem lugar predominante em ambos. O segundo (conhecido em Itapecerica como Catupé e Marinheiro) apresenta sempre mais de um terno. O Vilão, que no Congo aparecia como Dança das Varinhas, no Reinado figura com o verdadeiro nome.

5) Cada “terno” vai buscar a corte de seu padroeiro para levá-la à missa, procissão e outras apresentações.

6) O *almoço*, o *lanche* ou *jantar* são oferecidos aos participantes pelos festeiros, Reis e Rainhas, Príncipes e Princesas. Há consulta prévia com os que vão se responsabilizar por esta parte, tanto materialmente quanto sobre a organização.

7) A *Participação* no Reinado ou no Congado é feita para cumprimento de promessa, além de devoção, companheirismo, etc.

8) Os *donativos* são habituais em ambos para auxiliar as festividades e manutenção das associações respectivas.

9) A *passagem das coroas* dos Reis do ano anterior para o próximo é obrigatória, tanto no Congado quanto no Reinado. Os Reis e Rainhas, em tempos passados, eram empossados pelos padres. Coroa e cetro, no momento, são transmitidos diretamente, de “mão em mão”, sem os sacerdotes como intermediários.

10) A *proibição* pelas autoridades católicas (Bispos) da realização do Congado e do Reinado nas igrejas é outro fato comum.

11) O uso de fogos de artifício para abrilhantar as cerimônias é visto em ambos.

## B) Diferenças

Comparando o Congado do Oeste Mineiro com o Reinado de Itapecerica notamos algumas diferenças que merecem atenção:

1) *Quanto à Realeza:* no primeiro, Rei e Rainha costumam visitar pessoas. Quando estas lhes pedem que dancem, atendem à solicitação por meio dos ternos que os acompanham. Em retribuição, os visitados oferecem bebidas aos visitantes, fato que não chegamos a presenciar no Reinado de Itapecerica.

2) *Transporte das coroas*: no Congado do Oeste, Reis e Rainhas levam as coroas depositadas em bandejas. Em Itapecerica, as transportam nas mãos.

3) *Vocábulario*: não ouvimos no Reinado a palavra “Estado”, equivalente a Rei, Rainha e sua corte, usual no Congado.

4) *Promessas*: foi registrado, no Congado do Oeste, que as promessas, em maior porcentagem, são feitas para males das pernas, e ao pagá-las às vezes o fazem de forma bastante curiosa. Os promesseiros adotam comportamentos extravagantes e até cômicos, o que não notamos em Itapecerica. Diferenças que supomos advindas de outros tempos e outra maneira de ser.

5) *Danças*: O Congado incluía, na Contradança (não considerado “terno”), a Dança da Fita e, fora dela, a Caixinha de Bombacha. Tanto de uma como de outra não houve referências no Reinado.

6) *Sexo dos dançadores*: no Reinado não tivemos menção de homens travestirem-se de mulheres, como é comum em algumas danças. Fato verificado no Congado em que, tanto na Dança das Fitas quanto na Dança das Varinhas, a metade dos homens se travestia de mulheres, vestindo-se e pintando-se à semelhança das mesmas.

## II PARTE

## 2.1 ASPECTOS ATUAIS DO REINADO DE ITAPECERICA

Os vários personagens, incluindo nobres, promesseiros, mordomos, elementos organizadores, componentes de ternos e outros coadjuvantes que participam das atividades pré-estabelecidas, constituem o arcabouço do tradicional Reinado de Itapecerica. A quase totalidade desses elementos era encontrada desde os seus primórdios. As cerimônias religiosas, os desfiles pelas ruas, os cortejos levando e trazendo personagens da nobreza, acompanhados por instrumentistas, os cantos, os passos de dança individuais ou em conjunto, o encaminhamento a pontos religiosos ou não, a obediência a postos hierárquicos, são normas antigas.

Vamos registrar, agora, parte do que observamos no Reinado de Itapecerica, ao acompanhá-lo. São registros que focalizam alguns aspectos gerais importantes, sem entrar em detalhes sobre o seu desenrolar, apresentados em capítulo posterior. Abrangem, também, providências para a sua realização.

*Local* – O lugar para a apresentação do Reinado continua o mesmo, desde o seu reinício, após proibição no interior da igreja. É a Praça Santa Cruz, onde se encontrava o antigo cruzeiro de madeira, que se desgastou com o passar dos anos, em cuja base via-se o oratório com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, a figura mais importante do Reinado.

A Praça tem capacidade para 5.000 pessoas. No centro encontra-se o novo cruzeiro, erguido em substituição ao anterior, iluminado por lâmpadas, em toda a extensão. A seus pés, anualmente, se instala o altar onde são colocadas várias imagens, entre elas a de São Benedito, São Domingos, Santa Ifigênia, merecendo referência especial a de Nossa Senhora do Rosário, de madeira, recentemente restaurada, contando mais de 120 anos, ao que fomos informados, e que pertenceu à primeira capela da cidade.

Atrás do cruzeiro, à distância conveniente, estão instalados o patíbulo e a roda, instrumentos de tortura. Mais para trás o palanque, onde se acomodam a nobreza e pessoas gradas, para assistirem às cerimônias que se realizam. Contornando os três lados da Praça, barracas de feitiço e conteúdo diversos, forneciam “comes e bebes”, jogos e vários artigos que a gente da terra e forasteiros compravam como lembranças.

Neste cenário se desenrolaram os acontecimentos descritos na 2ª parte deste trabalho.

*Participantes* – A Comissão Organizadora do Reinado é integrada por elementos vivamente interessados no evento, que participam com vontade, trabalho e amor à causa. A Diretoria, o Capitão-Mor e o Capitão-Regente merecem referência especial. Dançadores e músicos procuram executar, da melhor forma possível, a sua missão. Os capitães dos ternos, seus comandados e os encarregados das diversas funções assumem seus trabalhos com responsabilidade. A hospitalidade e a cortesia são características dos integrantes do Reinado e dos espectadores. Formam bloco coeso e atento. À parte, referimo-nos aos mordomos, em número de quatro, eleitos ou escolhidos, cuja presença é obrigatória na abertura dos festejos, na elevação das bandeiras, no encerramento do Reinado e facultativa nos demais dias. Os “ternos” os acompanham nos deslocamentos e são vistos no palanque, como figuras de importância.

Temos a impressão de que a hierarquia dos personagens do Reinado, quer sejam os da nobreza, quer os de outros postos ou função, pouco ou nada tem a ver com a condição econômica ou a ascendência social do participante. O que pesa são os dotes pessoais de cada participante.

*Personagens da realeza* – Uma vez que o Reinado evoca a coroação dos Reis Congo, acrescida a normas da igreja católica, as quais se tornam menos importantes em relação à grandiosidade do tema principal, a categoria dos elementos da nobreza e particularidades que lhes dizem respeito são de suma importância.

Os *Reis Perpétuos* distinguem-se dos demais porque a sua realeza, em caso de morte, passa para os filhos ou membros da família. Quando assistimos ao Reinado havia dois Reis e duas Rainhas Perpétuos. Não é necessário que sejam marido e mulher. Um par era constituído por Alberto Carvalho (há 30 anos como Rei) e Benedita Maria (há 35 anos como Rainha). Do outro par, lembramo-nos de Anunciação dos Passos<sup>(1)</sup>. As suas coroas são guardadas nas próprias casas, enquanto as dos outros Reis e Rainhas permanecem na sede do Reinado.

(1) Uma das Rainhas Perpétuas apresentou-se com traje longo, azul claro, de lamê, enfeitado com arminho. O Rei Perpétuo estava com terno comum, escuro e manto de veludo verde escuro, com aplicações douradas. O manto era alugado. Registramos o Rei Perpétuo Oswaldo Dias da Silva (30 anos como Rei) e a Rainha Perpétua Geralda Ferminio (35 anos como Rainha).

O *Rei e Rainha da Coroa Grande* vão sempre na frente do cortejo, pelo destaque que lhes é atribuído. Cada santo comemorado tem o seu Rei e Rainha da Coroa Grande, assim como um ou dois casais de príncipes. Conseqüentemente, são encontrados no Reinado de Itapece-rica estas figuras da nobreza, fazendo parte dos cortejos de Nossa Se-nhora do Rosário, de São Benedito, de Nossa Senhora das Mercês e de Santa Ifigênia. Ao que fomos informados, os Reis e Príncipes de Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês ficaram uns tempos sem aparecer e, depois que o Sr. Gominho deixou o cargo de Capitão-Mor, voltaram a participar. Acompanham a corte de cada Santo seus dirigentes, dan-çadores, porta-bandeira e músicos. Para cada Santo existem os mesmos cargos da nobreza desempenhados por promesseiros.

Há *Reis nomeados*, por eleição, *Reis de promessa* e príncipes de ambas as categorias. Os nomeados são escolhidos anualmente, sendo um casal de Reis e dois casais de Príncipes para cada Santo. Dentre os Príncipes, inclusive de promessa, vimos muitas crianças de colo, outras pouco maiores, adolescentes e jovens. Reis e Rainhas, Príncipes e Princesas aparecem em determinado ano e não voltam mais, a não ser que repitam ou façam outras promessas. As presenças ligam-se a agra-decimentos por graças obtidas. Reis e Rainhas, além dos mordomos, são encarregados de fornecerem almoço e lanche para os participantes. Combinam, previamente, quanto à espécie, local e serviço das refei-ções. Estas, geralmente, são servidas no "quartel", isto é, local onde os participantes se reúnem para comer e descansar. As roupas dos nobres do Reinado de Itapece-rica se assemelham, o quanto possível, aos trajes oficiais das Cortes. Os cabelos e sapatos seguem aquele estilo. O bom gosto, o capricho e os tecidos finos são empregados para homenagear os Santos Padroeiros. A realeza é representada (além dos trajes espe-ciais) pelos mantos, coroas e cetros. A não ser as pessoas cuja promes-sa abranja, também, a confecção do próprio traje, os demais o alugam. Alguns doam as roupas reais, depois de usá-las. Entregam-nas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde existem elementos encarregados de guardá-las cuidadosamente. Na época do Reinado são alugadas a pes-soas que delas necessitam, por preço módico. O custo dos tecidos e de mão-de-obra atuais levou a maioria a optar pelo aluguel. Membros da nobreza, com funções permanentes no Reinado, costumavam fazer tra-jes anuais, não os repetindo. De tempos para cá, não tendo condições econômicas para variá-los, usam sempre os mesmos.

Os nobres do Reinado de Itapecerica levam a coroa nas mãos e não na cabeça. Acham que só Nossa Senhora do Rosário, Rainha, pode fazê-lo. Em outras regiões, também, é notado este procedimento, pela mesma razão<sup>(2)</sup>. Em Itapecerica vimos coroas e cetros enfeitados de flores, brancas ou multicoloridas, de papel ou pano. Usam, também, papel metálico dourado ou prateado. Nas flores das coroas, o papel, às vezes, se mistura com outro material. O cetro é enfeitado a gosto de cada um, apresentando-se com aspectos diversos.

*Promesseiros* – Vêm de longe, de vários lugares. Muitos apresentam-se vestidos de Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas. São numerosos os promesseiros candidatos a cargos reais. Existe fila de espera. Quando estivemos lá, havia pretendentes inscritos para os cinco anos subseqüentes. Não há número limitado de promesseiros, mas a comissão organizadora acha que a procura excessiva perturba a ordem do Reinado. Nota-se os que, discretamente, o acompanham em trajes comuns. Os milagres correm de boca em boca. Ouvimos o relato de vários.

*Ternos* – Em 1985, ano em que estudamos o Reinado, apresentaram-se os ternos de: Moçambique, o mais importante, presente no levantamento da bandeira de Nossa Senhora do Rosário; o Catupé (Congada) que acompanhou a ascensão da bandeira de São Benedito; o Marinheiro (Congada) e o Vilão (antigo) de Faca e Vara, “ternos” que se apresentaram nos anos anteriores. Por uma dissensão entre os componentes do Vilão, surgiu o Vilão novo, fundado um mês antes do início do Reinado daquele ano.

Cada terno tem o seu traje específico. Há “ternos” que usam mais de um uniforme e outros que se apresentam, cada dia, com trajes diferentes. Em outros locais e em outras manifestações, cada grupo tem um só uniforme, o que se torna mais econômico e facilita a identificação. O Reinado fornece dinheiro para a compra dos tecidos dos uniformes e os próprios usuários o fazem. Sendo assim, estes se julgam, parcialmente, donos e usam a roupa fora do Reinado. Ela desbota, se estraga, ficando inutilizada para o ano seguinte. O mais prático seria doar as vestimentas prontas, recolhê-las após usadas e guardá-las para o ano vindouro, como acontece habitualmente em Congadas e Moçambiques de outras regiões.

(2) Padre Gil Antonio Moreira, Diretor do Seminário de Igarapé (MG) e natural de Itapecerica, com quem conversamos a respeito, confirmou-nos esse comportamento.

A parte instrumental que acompanha os ternos é composta de instrumentos de percussão e corda, com a predominância dos primeiros.

Cada terno inclui aproximadamente 25 elementos, contando dançadores, cantores, instrumentistas, porta-bandeira e dirigentes.

*Cena da libertação dos escravos* – Foi acrescida ao Reinado por sugestão do Sr. Gominho, conforme ele nos disse. Nela aparecem escravos trabalhando: cardam, fiam, cozinham, servem café. Aparelhos de tortura e uma força completam o cenário. Dois condenados à morte e um franciscano, encarregado de dar-lhes os últimos socorros espirituais, estão presentes. A Princesa Isabel se aproxima e lê a Lei Áurea. A libertação dos escravos e a suspensão do enforcamento compõem o contexto ideal para os agradecimentos e vivas à Redentora. Esta é a fase do Reinado que produz maior impacto. Montanhas e casas coloniais contornam o ambiente. Tudo é feito com tanta naturalidade que traz o passado de volta. A enorme assistência, atenta e emocionada, na maioria populares e promesseiros, vindos de longe para assistir ao Reinado, maravilha-se com o espetáculo. Para o Sr. Gominho, a encenação data de meio século, mais ou menos. Fizemos outras indagações. Clara das Dores nos transmitiu a opinião de sua mãe, na época com 70 anos, de que nunca viu o Reinado sem a representação. Recolhemos duas opiniões merecedoras de confiança, pelos conhecimentos e ligações de seus informantes com o Reinado, que discordam das informações anteriores. Enquanto um situa o seu aparecimento no século passado, o outro julga ter origem no final de 1970. Portanto, ficam dúvidas sobre o assunto. Ponderamos que a “*representação*” ligada aos folguedos, no meio popular, é comum. As embaixadas das Congadas e determinadas “*falas*” do Reinado podem ser consideradas ponto de partida para dramatizações. A Lei Áurea teve para os escravos grande valor. Deu-lhes a liberdade sonhada, pôs término aos seus sofrimentos. As Irmandades religiosas por eles freqüentadas, que atendiam aos seus problemas espirituais e materiais, os participantes dos Reinados da época e os escravos em geral não poderiam esquecer o gesto da Redentora. A gratidão foi, provavelmente, o motivo da incorporação da cena da libertação ao Reinado. Convém lembrar que o último enforcamento ocorreu em 1846, portanto bem antes da Lei Áurea. Revivê-lo no Reinado de Itapicirica parece-nos ser a forma de registrar a pena máxima, acompanhando outras menores, sofridas pelos cativos.

*Recursos* – A arrecadação de recursos para a manutenção do Reinado é feita através dos mordomos, que pagam “jóia” em dinheiro; de donativos depositados num cofre junto ao palanque; de doações feitas pelos reis de várias categorias, príncipes e princesas. Há o cargo de tesoureiro, ocupado na ocasião por Manuel Henrique Souza. A caixa de assistência social destina-se a atender os participantes do Reinado que lutam com dificuldade, encarrega-se do fornecimento dos uniformes e de outras despesas.

*Amarração* – Como os capitães de cada grupo não tem salários, usam de um estratagema para obter recursos. É a *amarração*. Cada grupo faz uma pessoa (ou várias) colocar um donativo, isto é, uma nota (cujo valor é previamente estipulado) <sup>(3)</sup> no chão e pisar sobre ela, para que não possa ser retirada. O capitão do grupo canta pedindo licença para fazer o elogio do doador. Com isto espera sensibilizá-lo para que levante o pé e libere o dinheiro. O doador “fica firme”, não cede. O canto continua, o capitão pega a mão do doador e faz uma reverência (cumprimento) em frente a ele. Beija a mão do benfeitor e, ainda com a mão dada, descreve um giro em torno do mesmo, mas não consegue nada. Assim, vai entremeando canto, medida e giro até que o doador resolva liberar o donativo. O público, parado, acompanha e torce. A cena se torna engraçada. Fomos escolhida para fazer a “amarração” com o capitão do Vilão de Faca e Vara. Segundo nos informaram, o Reinado foi buscar essa maneira de obter contribuição nos “Atos do Reinado do Rosário”.

Durante o trajeto de Rei e Rainha, correspondentes aos diferentes Santos, a caminho do Rosário, é freqüente a Rainha jogar dinheiro em papel (nota) como “prenda”, no chão. Pisa sobre a mesma para que o terno cante para ela. Os versos abaixo, ou outros com a mesma finalidade, pedem à Rainha que levante o pé, para ser possível pegar o dinheiro:

Eu moro muito longe,  
Num ranchinho de sopé  
Se esta “jóia” for prá mim,  
Por favor levante o pé.

Se a Senhora não me agrada  
Eu não volto mais aqui.  
Eu dou um passo prá frente  
E a Senhora um para trás.

(3) Em 1985, a taxa da amarração era de cinco cruzados para os integrantes do Reinado e dez cruzados para os que não participavam dele.

O “terno” fica parado, cantando, até que a Rainha dê o passo para trás e o Capitão possa apanhar a “prenda”.

Nota: Estes versos nos foram enviados pelo Capitão Baixinho do Terno do Vilão (de faca e vara).

*Época de Apresentação do Reinado* – O Reinado de Itapecerica é sempre realizado na 1ª semana de agosto. Em 1985, quando o conhecemos, apresentou-se na 2ª semana devido a uma cisão entre elementos que o compunham. As representações que marcaram seu reinício, após a interrupção forçada, realizadas com a intenção de levantar recursos para a reforma do telhado da Igreja do Rosário, foram feitas no mês de agosto, mais conveniente por ser tempo de seca e de dias grandes, segundo o Sr. Gominho. Daí por diante passou a ser realizado nesse mês. Waldemar Barbosa<sup>(4)</sup> oportunamente lembra que o dia 15 de agosto é consagrado à Nossa Senhora, sendo a data próxima do dia 12 de outubro, consagrada à Nossa Senhora do Rosário. Acreditamos que aquela e esta probabilidade se somam.

Complementando estas observações, citaremos acontecimentos extras que colaboram para o sucesso do Reinado atual.

*Fogos* – A fábrica de Fogos São Jorge, de Itapecerica, produz um tipo de morteiro e outros fogos que iluminam as ruas e o céu durante as cenas do Reinado. Quando os desfiles passam, a intensa claridade e o barulho dos fogos alegram o ambiente. O fogo sempre acompanhou a vida humana e o aparecimento dos fogos de artifício, nas ocasiões de júbilo, é usual. Fotos da ocasião registram seus efeitos curiosos, na noite escura.

*Forró* – Todas as noites, após o encerramento das fases do Reinado, o povo dança o forró, num salão perto da Praça.

*Barracas* – Vendem comes-e-bebes e “lembranças”, além de proporcionar jogos inocentes. Contornam a Praça, decoradas de formas diferentes, contribuindo para alegrar o ambiente, após cada dia do Reinado. Delas falaremos mais tarde.

(4) Obra citada.

## 2.2 O REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA DESENVOLVIMENTO

### a) Visita aos festeiros (de 27 de julho a 3 de agosto)

Durante o período de uma semana as visitas vão sendo feitas, à noite, gradativamente. Representa uma cortesia aos festeiros. Durante o encontro há troca de informações sobre o desenvolvimento dos festejos e as providências necessárias.

Os ternos de Moçambique, Catupé, Marinheiro e Vilão se fazem presentes nas visitas. Apenas um vai a cada casa, com livre escolha, sendo obrigatório o comparecimento a todas as residências. Cada terno se incumbe de um número determinado de visitas. Leva consigo a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, em caráter preferencial, e do Santo que cada terno homenageia durante o Reinado. Os participantes cantam e dançam no interior das casas. Os festeiros oferecem-lhes café, leite, chá, quitandas e doces, enfim tudo que for possível para agradá-los. Quando os ternos fazem menção de se retirar, se os donos da casa desejarem que se demorem mais, seguram a bandeira e a permanência é prolongada.

Nas visitas são levados, pelos organizadores do Reinado, as coroas dos reis, rainhas, príncipes e princesas, os cetros dos reis e objetos guardados na sede, para uso na ocasião devida.

Os festeiros não são sorteados, como é comum acontecer em outros eventos; eles se oferecem em pagamento de promessas e, mais raramente, se apresentam com outra intenção. Há uma longa fila de espera para a participação no Reinado. Candidatos chegam a aguardar até cinco anos de espera para representar a Princesa Isabel e membros da nobreza, como já foi mencionado. O número de nobres nos cortejos é variável, dependendo do número de pretendentes. Certo limite é imposto, para não perturbar o desenvolvimento das atividades.

Versos cantados por ocasião das visitas aos festeiros:

#### *Terno de Moçambique*

Vim te visitá  
é o que tou fasêndo  
tira minha gúnga  
fora do serêno

Sinhô Rei mi dê licença  
prá intrá no seu salão  
prá beijá Santa Corôa  
i tomá sua benção  
num faço nenhum favôr...  
pois é minha obrigação

Sinhá Rainha  
tô aqui de novo  
com grande alegria...  
Aqui, tá seu pôvo.

*Terno de Catupé*

Eu sôbe por notícia  
que nossa festa acabou  
ai, ai num acabou não  
nosso tempo já chegou

Eu trepei na pedra  
a pedra balançou  
é que o mundo tava tôrto  
Sinhá Rainha indireitou

Sinhô Rei e Sinhá Rainha  
dá licença e vou imbora  
vanceis ficá, ai com Deus  
eu vou com Nossa Senhora

*Terno do Congo*

Sinhô Rei e Sinhá Rainha  
eu acabei de chegá  
vim fazê minha visita  
aos festeiros da Senhora do Rosário  
fazendo minha obrigação  
e cumprindo o Calendário

Eu sou carreiro  
eu nasci prá carriá  
a minha boiada é bôa  
sobe o morro sem pará

*Terno de Vilão*

Sinhô Rei e Sinhá Rainha  
estou chegando agora  
vim fazê minha visita  
prá seu Rei e prá Senhora  
com fé em São Benedito  
com fé em Nossa Senhora

Eu sou o papagaio verde  
que veio de traz da Serra  
que vem pedindo paz e alegria  
para o pôvo desta terra.

Esta festa do Rosário  
bem podia não havê  
parece dôce de côco  
todo mundo qué comê

Sinhô Rei e Sá Rainha  
agradeço suas atenção  
aceite nossos respeitos  
deste terno de Vilão

Nota: Versos enviados à Autora pelo Capitão-Mór Altamiro Ferreira Lima.

**b) Missa – Reunião (dia 8 de agosto)**

A missa é realizada na Igreja do Rosário, às 19:00hs. Em 1985, foi celebrada pelo Pe. Bento Mateus Borges, que nos parece ser o celebrante habitual, quando estiver na cidade e não houver imprevistos. Dentro da Igreja a missa é comum, sem particularidades especiais.

Fora do templo tem sido realizada, na Praça Santa Cruz, sob o palanque coberto, preparado para as celebrações, a “missa conga”, isto é, em ritual congo, baseada em tradições congas. Os participantes se reúnem na casa da Princesa Isabel, “ela é que dá a abertura”. Formam o cortejo para acompanhá-la e se dirigem à Praça, para a missa. Não há ordem estabelecida de colocação, ficam à vontade. Os ternos se apresentam com roupa própria, isto é, uniformizados. Só tomam parte os ternos da cidade, os ternos visitantes, não. Os ternos (Moçambique, Catupé, Vilão, Marinheiro) colocam-se na frente do palanque, embaixo, ficando juntos os elementos do mesmo grupo.

O Pe. Bento M. Borges prepara com antecedência a “missa conga”. Hinos do Congo, cantigas do Congo são ensinadas ou recordadas, previamente. Fornece antes, aos participantes, “as leituras” que serão feitas durante a missa. Os capitães dos ternos ficam no palanque, com o Padre e o grupo de auxiliares, composto, predominantemente, de elementos do Reinado. Cada “terno” escolhe um cântico. A oração dos fiéis e a parte da eucaristia são acompanhadas com música conga. É uma celebração híbrida, exemplo de sincretismo. Em momento algum os ternos executam movimentos de dança, embora isto seja feito ainda em nossos dias, no interior da igreja, como observamos em Laranjeiras (SE), com as Taieiras.

Reunião da Diretoria – Seus membros, festeiros e dançadores, reúnem-se após a missa, para confirmar a presença dos festeiros e verificar se as providências prescritas foram executadas, enfim, se tudo está em ordem. Às vezes, por motivo de doença, mudança ou situação financeira alguém pede para transferir sua participação para outro ano, ou cancelá-la. São casos raros e, quando isto acontece, os desistentes geralmente levam outras pessoas para substituí-los. Há sempre alguém interessado na participação do evento, além dos que estão na fila de espera para os próximos anos, e que podem prestar-se para a substituição. Constatamos numerosos participantes de outras localidades, como é comum acontecer.

c) **Levantamento das Bandeiras** (dia 10 de março, sábado, às 20:00hs)

– Local – realizou-se na Praça Santa Cruz, com capacidade suficiente para receber os elementos do Reinado, promesseiros, visitantes, devotos e curiosos, tendo ao centro o cruzeiro iluminado e a seus pés o

altar que abriga os Santos reverenciados. Destaca-se a imagem de Nossa Senhora do Rosário, padroeira do Reinado, antiga, de madeira e restaurada.

Vê-se, ainda, o palanque destinado a receber a nobreza do Reinado, as autoridades e pessoas eminentes e onde se arma o altar para a missa de encerramento e às vezes de abertura. Completam o ambiente as peças necessárias à representação da abolição dos escravos: utensílios domésticos, de trabalho, aparelhos de tortura e patíbulo. Cercam o largo barracas de “comes-e-bebes”, jogos, lembranças, etc. Na praça se processa o levantamento das bandeiras.

– Entrada – A assistência lota a praça, à espera dos acontecimentos da noite. Os ternos que integram o Reinado do Rosário chegam ao local. Ouve-se “o Rosário é minha vida” e outros versos que acompanham a música correspondente. Os componentes de cada terno ficam juntos, à vontade. São meros espectadores e não estão uniformizados. Os trajes especiais não são obrigatórios nesta noite. As bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito serão levantadas.

– Levantamento – A primeira a erguer-se é a de Nossa Senhora do Rosário. Cabe ao terno de Moçambique acompanhar a sua elevação. Atingirá o alto do longo mastro de madeira, ao natural, que se acha tombado, no chão, junto à profunda cova. De grande altura, dominará o ambiente. Quatro mordomos encontram-se no lugar. O número é fixo e são sempre homens, cuja presença é obrigatória. O grupo de Moçambique se aproxima cantando, dançando, discretamente. Dois “levantadores”, munidos cada um de longa e forte vara de madeira (descascada), em cuja ponta se encontram dois ganchos de ferro curvos, próprios para circundar o mastro, incumbem-se de erguê-lo. Levantam-no com perícia e rapidez ao som do canto dos moçambiqueiros. A terra é jogada ao redor do mastro e bem batida para garantir a sua estabilidade. Após o levantamento o terno de Moçambique se retira, cantando.

A seguir, vai ser erguido o mastro com a bandeira de São Benedito. Entra o terno de Catupé (Congada), cantando: “Tá no coração do negro etc” para acompanhar a sua subida. Obedecem às normas vistas anteriormente. Em ambos os casos, quem soca a terra são sempre os mesmos homens que todos os anos se encarregam do mister. Têm experiência para fixá-los corretamente. Retira-se das imediações do mastro o terno de Catupé, depois de cantar e dançar mansamente. A cerimônia

está encerrada. A praça é do povo, começa o borburiño. Os grupos de dança fundem-se à multidão. Os demais ternos, Marinheiro (Congada), Vilão da Boa Viagem e Vilão Novo não participam diretamente do levantamento. São espectadores e ficam nos lugares onde se colocaram ao chegar na praça. A sua função nesse dia é apenas a de assistir ao levantamento das bandeiras. No decorrer da noite todos os ternos, inclusive o Moçambique e o Catupé, ficam junto ao povo, dançam ou apenas cantam, informalmente, cada um com seus dirigentes e músicos. Os mastros permanecem erguidos até ao final do Reinado.

**d) Libertação dos escravos (dia 11, domingo, às 10,30 horas)**

Transformou-se na apresentação mais importante do Reinado do Rosário de Itapeçerica. É a mais concorrida quanto ao número de Reis e Rainhas, Príncipes e Princesas de várias cortes e categorias, de ternos, promesseiros, contando com numerosíssima assistência. A reconstituição do ambiente, a dramaticidade das cenas, o trabalho dos escravos, os castigos a que eram submetidos, a figura benfazeja da Princesa Isabel, a leitura da Lei Áurea justificam a inclusão desta cena histórica no Reinado local. São evocações que superam as demais fases e fogem do padrão de manifestações vistas em outros tempos e lugares.

Os acontecimentos daquela manhã assim se desenvolveram:

– Os ternos foram buscar a Princesa em sua residência e desfilaram com ela pelas ruas. Na frente do grupo via-se uma flâmula enorme, vermelha, símbolo do Congo, seguida pelos ternos Vilão Novo<sup>(1)</sup>, Moçambique<sup>(2)</sup>, Marinheiro<sup>(3)</sup>, Catupé<sup>(4)</sup> e Vilão Velho<sup>(5)</sup>. Cada terno levava à frente a sua bandeira, carregada pelo porta-bandeira. Assim formados, dirigiram-se à Praça Santa Cruz onde se desenrolaram os acontecimentos.

A Princesa Isabel, em 1985, foi representada pela jovem Raquel Maria Morais Malaquias<sup>(6)</sup>. Trajava vaporoso e amplo vestido de tule rosa. Tinha a cabeça ornamentada por uma “casquete”, de onde saíam

(1) Com blusa amarela e calça escura.

(2) Camisa e calça azul claro.

(3) Blusa de mangas curtas, amarela, calça e chapéu de palha de aba larga.

(4) Blusa vermelha, com pinta branca e calça escura.

(5) Colete bordô.

(6) Filha do advogado Levy Malaquias.

plumas róseas. Foi transportada em coche puchado por dois cavalos de raça, castanhos. Atrás, dois cavaleiros com uniforme tipo militar (azul marinho, com alamares vermelhos e quépi branco), montados em lindos animais, lhe faziam guarda. O conjunto desfilou da casa da Princesa até à Praça onde estavam instalados o palanque e nele o trono, para o qual Isabel se dirigiu.

Diante do Palanque e em nível inferior, encontravam-se os elementos que representaram a "cena da libertação". Eram escravos trabalhando, escravos acorrentados, feitor com o seu chicote, escravos condenados à morte e um sacerdote franciscano para confessá-los. Viam-se utensílios de trabalho e aparelhos de tortura. Entre as escravas encontravam-se: cozinheira, fiandeira e cardadeira. Os objetos de trabalho eram: pilão, cardadeira, roca, panelas velhas, bule e canequinhas de folha de flandres, cesta de taquara com couve, mandioca e outros cosméticos, ralo de flandres, quadrado, com furos feitos a prego e moldura de madeira, lamparina de lata, objetos da época. Entre os instrumentos de tortura, a roda e dispositivos para prender os pés. A força chamava atenção.

Iniciando a série de acontecimentos, ouviu-se a saudação do Rei do ano anterior, representado pelo Dr. Severo Ribeiro da Silva<sup>(7)</sup>, o qual dissertou sobre a escravidão e fatos históricos ligados a ela, terminando com uma saudação à Princesa Isabel.

Começou com cumprimentos à jovem Raquel Maria Morais Malaquias. Fez-lhe votos para que se saísse bem no papel de "representar com o maior entusiasmo a Princesa Isabel". Falou sobre Isabel que se tornou Santa Isabel, pelo seu gesto de libertar os escravos. Passou a considerações sobre o que é ser livre. "Sabe o que é ser livre? Sabe em que terra pisa? Sabe o que é honestidade? Quando você é livre se deixa enganar politicamente? É levado a engodo e falsificações? Você é livre para pôr Deus em primeiro lugar? É preso aos vícios do mundo? Você sabe se controlar? É escravo do tabagismo, da bebida e das drogas? Usa e abusa da autoridade que você tem? Veio para assistir à libertação dos escravos e quer a sua própria libertação. Você é totalmente livre ou é escravo, ainda? Mês de agosto é o mês do Folclore e é o mês do Reinado do Rosário. Quero transmitir a grande mensagem a vocês que

(7) Quando o atencessor tem condições de fazê-lo, a saudação é feita por ele. Quando não, declina da missão e a transfere a outrem, como aconteceu.

vieram assistir à libertação dos escravos. A Princesa Isabel teve muito carinho por eles”. Reproduziu estes expressivos versos: “Cumpristes na História um grande papel / Se os brancos te chamam Princesa ou Rainha / Os pretos te chamam de Santa Isabel.” Acrescentou: “Isabel, hoje é o seu dia máximo. Dia em que vai ler a carta da libertação, a carta da alforria. Você, meu querido itapecericano, é um homem totalmente livre? um homem totalmente feliz?”

... “Os bandeiros que se aproximem, porque as bandeiras são do povo, as bandeiras são a crença do povo.”

Analisando suas palavras, vê-se que o orador colocou em confronto a libertação dos escravos com a libertação individual, em vários setores da vida particular e pública. A sua mensagem, extensiva a todos, resume-se em que, para se ser inteiramente feliz é preciso ser totalmente livre. Fez referência a outros países que libertaram os escravos antes do Brasil, mas o fizeram com espada, enquanto nós o fizemos com flores.<sup>(8)</sup>

A seguir, sugeriu que o Sr. Olivério Felix dos Santos, Capitão do Moçambique, falasse sobre os instrumentos de tortura usados durante a escravidão. O novo orador tratou da escravidão de maneira geral, comparou os dias de ontem aos de hoje, referiu-se ao pavor que a força produzia e a intervenção dos santos padroeiros nas horas de aflição. Demonstrou intuição e conhecimento popular. Relatou o caso, conhecido por tradição oral, de um escravo que levou um tiro e salvou-se pelo poder de Nossa Senhora do Rosário. Contou um milagre atual, alcançado por um itapecericano (Belmiro, do Antonio Belmiro) que estava doente e consultou vários médicos de Belo Horizonte, onde era chofer. Nenhum descobriu a sua doença. Então, fez promessa de ir a pé de Belo Horizonte a Itapecerica para assistir ao Reinado. Chegando, ajoelhou-se aos pés de Nossa Senhora do Rosário e rezou um terço. Ficou completamente bom. Disse entre outras coisas: “o padre que ungiu aquele negro, naquele momento, tinha a fé que nós temos em Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Nossa Senhora das Mercês”. Esclareceu ainda: “a Princesa Isabel pediu ao seu pai para libertar os escravos e ele disse “eu vou viajar, mas tudo que você fizer será bem feito”. Assim que ele pegou o navio, ela, com a caneta de ouro, liber-

(8) O que reproduzimos é uma síntese do que foi dito.

tou os negros... O negro sofria o dia inteiro com essa *roda* tocada por água. O *chicote* tinha arame farpado. Negro era amarrado e castigado no *tronco*, quando ele fazia pouco trabalho. Sofria o castigo a primeira, a segunda, a terceira vez, depois era eliminado pelo carrasco, que atirava bem. Era atingido no coração. Às vezes, “caía na bera d’água e os peixe comia ele”. E mais adiante: “O negro era tratado com fubá grosso que nem cachorro comia. Hoje as donas de casa têm tudo, até café coado”. Referindo-se à Geralda Pio, que representava a cozinheira, ele disse: “O feitor vigiava a sanzala. A negra apanhava com chicote. Essa negra tinha que socá arrois no pilão e café pra milhões de pessoas. Ralinho, só aquele pra ralá mandioca, pra fazê farinha. Essa negra era a mais trabalhadeira da sanzala e assim mesmo apanhava.”

.. “Esse quadro, que existe há muitos anos, mostra o negro importado que ia pra força e o padre junto dele. A Princesa Isabel tirando os preto do cativoiro, soltando eles da sanzala. Princesa Isabel, chega até aqui, vem fazer a libertação.”<sup>(9)</sup>

Antes que a Princesa tomasse a iniciativa, a escrava cozinheira, representada por Geralda Pio, se manifesta de forma dramática, com toda a exuberância e autenticidade que a caracterizam.

#### d) *Libertação dos escravos*

A escrava reproduz a sua vida triste e trabalhosa. Intercala a tarefa de socar no pilão com exclamações de: “Vamo socá”. Depois de socar um pouco, diz: “Ai, meu Deus!”. Interrompe aquele trabalho para servir café aos escravos acorrentados. Volta a socar e a choramingar. Começa a preparar o almoço. Corta a couve com enorme faca, rala a mandioca, chora, reclama, grita e repete, constantemente: “Ai, meu Deus!”. Tira o “pito” do bolso, acende-o e dá umas baforadas. O feitor a castiga, batendo-lhe com o relho por ser teimosa, reclamar e parar de trabalhar. Ela grita, anda em círculo e fala “a negra escrava não agüenta mais de trabalhá!” e logo depois, “estô com fome e é só socá,

(9) Neste pronunciamento, procuramos mais reproduzir o sentido das palavras do que fixar a linguagem popular utilizada, embora sendo esta muito importante. Apresentamos aqui algumas frases em sua forma original: “era liminado em riba d’água”; “era costume pastorá os porco”; “os escravos da sanzala”; “a roda é mais uma simiança, não era assim”; “vamô dá uma viva bem boa, ocêis vão me ajudá”; “Nossa Senhora da minha terra que me vala”; “tiramamos as argema dos escravos, Deus lhe pague Princesa Isabé”.

socá, socá!” e continua socando. Rebelde, não se acomoda. Ajoelha-se e diz “tem compaixão de nós!. Na sanzala é só tristeza, nada mais! Nossa Senhora vem buscá nós! São Benedito, tira nós daqui, Santa Ifigênia, Nossa Senhora das Mercês, me ajude! Ai, meu Deus, tem dó de nós! Nossa Senhora do Rosário, manda uma sombra pra refrescá essa negra, nessa sanzala! É só socá, só socá! Eu paro, eu paro, eu paro! Pode me matá! Tira nós dessa tristeza, que nós não tamô agüentando mais! Vamo guardá toda a nossa tristeza no coração, derramando lágrima!”.

Enquanto isso, as escravas da roca e da cardadeira continuam trabalhando, num canto. Os escravos que iam ser enforcados aguardam os acontecimentos. O franciscano, junto deles, com um crucifixo na mão, começa a confessá-los, preparando-os para a morte. Os escravos acorrentados, submissos e amedrontados, observam a cena.

Em certo momento, a Princesa Isabel sai do trono e se dirige aos escravos. A cozinheira caminha em sua direção falando “em nome de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e de Nossa Senhora das Mercês, vamos ouvi nossa Princesa. Ai! que tristeza, essa sanzala é só tristeza, nada mais! Nossa Senhora, São Benedito, Santa Ifigênia, vêm nos salvá! Ai! Ai! Ai!. Vamo fazê a farinha seca pra gente comê!... Num agüento mais, num agüento mais! Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, têm compaixão de nós! Trabalhá sem comê um pedaço de pão... um pedaço de angu”.

A Princesa, à medida que se aproxima, desenrola o pergaminho que está em suas mãos e o lê:

### Carta de Alforria

*Eu, Princesa Isabel confirmo e assino, empossada na Regência com poderes de Imperador, que governa e manda no Império Brasil, confirmo e assino a alforria brasileira. A Assembléia Geral decreta:*

- I – Declaro extinta e acabada desde esta data a escravidão no Brasil.*
- II – Revogam-se as disposições em contrário.*

*Paço do Senado, 13 de maio de 1888*  
*a) Isabel Cristina Leopoldina Augusta Michaela*  
*Gabriela Raphaela de Orleáns e Bragança*  
*Princesa Isabel*

Todos ouvem atentamente. Os escravos estão libertos. O Capitão Olivério comanda: "tira as argema! tira as argema! tira as argema!" Auxiliares aparecem para tirar a corrente dos escravos. O frei solta os que iam ser enforcados. Os pretos beijam a mão da Redentora. A cozinheira, após a leitura da carta, grita: "eta, Princesa, que beleza... A Nossa Senhora do Rosário veio trazê a Senhora de mansinho."

A Senhora disse: "vamo lá meu Pai, aqueles negro tão sofrendo muito, vamo libertá eles."

Ele falô: "Você tem corage de i na sanzala? Então segue e faz o que deseja."

Isabel responde: "O Senhor disse que eu posso dá a libertação, então vô na sanzala e dô."

A escrava cozinheira exclama: "Salve 13 de maio! Viva a Princesa Isabel! Ela, com o poder de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito, de Santa Ifigênia, pode tirá nois da escravidão". Alegre, bamboleia-se na frente de Isabel. Depois, procede à leitura de uma carta de agradecimento. Dá vivas aos Santos Protetores, ao Capitão-Mor (ausente) e às pessoas presentes, de maior importância. Joga papel picado nos espectadores, depositado numa cestinha de taquara, colocada no braço<sup>(10)</sup>. Ouve-se uma salva de tiros, produzida por fogos de artifício.

Todos os escravos passam a cantar o Hino da Abolição (ver anexo às músicas), precedido por uma parte declamada, transcrita a seguir.

(10) Tivemos o prazer de entrevistar Geralda Pio, a escrava cozinheira. Nascida em 19 de outubro de 1915, preta, alfabetizada, escreve bem. Há dez anos (na ocasião) interpretava a figura mais representativa entre os escravos. Pessoalmente tímida, respondeu com dificuldade e em poucas palavras as perguntas que lhe fizemos. Não parecia a mesma que desempenhou com espontaneidade e segurança a personagem teimosa, que reclamava de tudo, fazendo o feitor enfurecer-se e bater-lhe. Seu desempenho foi ótimo. A voz, um tanto aguda e estridente, marcava a figura interpretada. Disse-nos que sentia não ter feito o papel quando mais moça, assim poderia fazê-lo melhor. É uma revelação em cena: exuberante, reclama, grita, canta. Transmite com muita força as emoções de cada momento. Soubemos que sofria do coração, tinha pressão alta, não podia trabalhar. Percebemos ser muito estimada e que todos procuravam ajudá-la.

## Recitativo

### NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

1

Foi protetora dos cativos  
foi ela quem deu proteção.  
A Princesa Isabel  
para dar a nós libertação.  
Não sei como há gente do coração  
de pedra que despreza a Nossa  
Senhora e não lance uma  
bênção entre nós

2

Salve 13 de maio  
e viva a Princesa Isabel  
só ela, com o poder  
de Nossa Senhora do Rosário,  
que pode nos tirar da escravidão.

3

Viva a Nossa Senhora do Rosário  
e Viva São Benedito e Santa  
Efigênia e também viva o Capitão  
Mor e viva os brincadores de  
Nossa Senhora e Viva todos os  
Itapecericanos e Viva também todo  
o pessoal que aqui veio nos  
abrilhantar e assistir este  
quadro triste que foi a escravidão.

4

Salve treze de maio  
Salve aurora da República  
eterna do Brasil  
O Brasil por teus filhos  
pode erguer a voz  
e combate o hino norte a sul

Em lira e glória  
 Edificadoras nossas almas  
 cantarão, glória Isabel,  
 Glória redentora, glória  
 aos heróis da abolição.

Apagaste uma nota  
 do passado coriscando  
 em relâmpago triunfal  
 Pois em meio de flores  
 nos recorda o combate  
 O final da escravidão.<sup>(11)</sup>

O capitão Olivério convoca: “Viva a Princesa Isabel! Viva os romeiros! Viva os dançadores de Nossa Senhora!” e Geralda Pio, ao terminar a sua parte, já dissera: “Viva toda a murtidão que está aqui!”.

Capitão Olivério, que vem desempenhando o papel de dirigente, avisa: “a palavra continua livre, as autoridade pode fazer uso dela.” O Dr. Severo Ribeiro da Silva finaliza as atividades. Agrecede Reis e Rainhas, deseja vida tranqüila para todos e completa: “Hoje é o dia que vivemos a página mais bonita da nossa História, sonhada por Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e Ruy Barbosa – a libertação dos escravos. Fato que reúne o povo na Praça, dia das flores, que traduz nossa alegria”.<sup>(12)</sup>

É realizada a saída do cortejo. O préstito se forma na mesma disposição da vinda. O coche da Princesa, acompanhado pela guarda, encerra o desfile.

À noite do mesmo dia, o Reinado Maior do Rosário, visto a seguir, apresentou-se.

**c) Reinado Maior de Nossa Senhora do Rosário (dia 11, domingo, à tarde)**

(11) Foi feita a transcrição exata do documento que nos chegou à mão.

(12) Fizemos anotações durante a encenação da libertação dos escravos, mas a fita gravada pela Rádio de Itapecerica, e gentilmente cedida por J. B., nos possibilitou complementá-las.

## Busca dos elementos da corte

É a primeira medida tomada. Começa bem antes da cerimônia, para dar tempo dos ternos saírem do “quartel” e irem buscar Reis e Rainhas, Príncipes e Princesas, em suas residências ou onde se encontrem. Leva-os ao “convento”, de onde o cortejo completo se dirige para a Praça Santa Cruz. É chamado “quartel” a casa de propriedade do Reinado, que pertenceu à Nacional de Grafite. Nele se reúnem todos os ternos, para a busca de Reis e Princesas. É também o local onde os participantes almoçam, jantam ou tomam lanche e descansam. O primeiro terno que chegar ao “quartel” é o primeiro a sair para buscar a nobreza. Por ordem de chegada, tem conhecimento da escalação. É praxe cada terno ir buscar os membros da realeza que lhe ficam mais próximos. Dirigentes do Reinado determinam, previamente, onde e quais os elementos que cada terno deve buscar. “Convento” é o local cedido para a reunião da corte e dos ternos que desfilarão com destino à Praça Santa Cruz, à noite. Aliás, não é usada toda a casa, apenas a sala principal.

Assistimos o *terno de Catupé* buscar a princesa Kátia Dias, na residência onde se encontrava, em companhia da Rainha de São Benedito. A entrada da casa estava enfeitada com bambuzinhos e largos festões de papel crepon torcidos, nas cores amarelo e vermelho. O “Capitão” do Catupé beijou a mão da princesa que estava no trono, armado na sala, adornado com filó amarelo que descia do teto e o envolvia pelas partes laterais e posterior. O Rei de São Benedito veio buscá-la e, ao partirem, cantou “agora eu vou sair, me dá licença”, etc. Depois de levá-la ao “convento”, percorrendo as ruas, o mesmo terno e Rei voltaram à casa para levar a Rainha. O terno de Catupé encarregou-se de pegar mais uma princesa e depois outra, em suas residências.

O *terno de Moçambique*, por ser considerado o mais importante de todos, em companhia do Rei da Coroa Grande, foi buscar a Rainha da Coroa Grande e o cortejo saiu para se reunir aos Reis e Rainhas, Príncipes e Princesas, levados por outros ternos para o “convento”.

O terno *Marinheiro (Congada)* incumbiu-se de buscar a Princesa Isabel em sua residência.

Os *ternos de Vilão* trouxeram outros membros da nobreza. “Puxou” oito festeiros, isto é, Rei e Rainha de Santa Ifigênia, idem de Nossa Senhora das Mercês e um casal de príncipes de cada um destes

Santos. A Princesa Isabel se fez presente todos os dias, acompanhando, também, os Reinados de São Benedito, de Nossa Senhora das Mercês e de Santa Ifigênia, vistos adiante.

### Cortejo

O cortejo do Reinado Maior de Nossa Senhora do Rosário, inclui a Corte Real, com o Rei e a Rainha da Coroa Grande, o Rei e a Rainha Perpétuos, demais reis, rainhas, príncipes e princesas, a Princesa Isabel, os ternos, os carregadores do pódio e das bandeiras, os guardas da Princesa. Forma o grande e solene cortejo do tradicional "Reinado de Nossa Senhora do Rosário", mencionado pelo programa das festividades. Os elementos que o integram saem do "convento", percorrem as ruas e se dirigem à Praça Santa Cruz, como já foi dito.

Pudemos registrar durante o cortejo, além dos participantes já mencionados, o Rei e a Rainha de Nossa Senhora do Rosário e Rei e Rainha de Santa Ifigênia. Entre os elementos da realeza, constituídos por promesseiros, vimos o Rei e Rainha de promessa, quatro crianças formando dois casais de príncipes de promessa, dois reis de promessa que desfilaram juntos, duas princesas de promessa, uma ao lado da outra e uma rainha de promessa, avulsa. Um dos casais de Rei e Rainha Perpétuos era formado por Alberto de Carvalho e Benedita Maria. A Rainha de promessa, sozinha, chamava-se Anunciação Passos. O Rei e Rainha da Coroa Grande desfilaram sob um pódio vermelho, enfeitado de renda branca, transportado por seis homens. Ele era Laerte Bento Chaves e ela Raimunda Maria Moraes. A Princesa Isabel, figura de destaque, tinha a protegê-la um quadrado de haste metálica, prateado, leve e maleável, ladeado por dois guardas com uniforme tipo militar e munidos de bacamarte.

Entre os ternos figuravam o de Moçambique, Catupé, Marinheiro, Vilão Novo e Vilão da Boa Viagem (velho), acompanhado cada um por seus instrumentistas e porta-bandeira, vendo-se ainda o porta-estandarte do Congo, ligado à Princesa Isabel.

Anotamos graficamente a distribuição dos personagens no Cortejo. A disposição inicial é alterada durante o percurso. Este fato ocorre, segundo a tradição, porque o Rei e a Rainha Grande gostam de todos os ternos. A mudança de colocação destes durante o desfile é executada para que cada terno fique, durante certo tempo, junto àqueles reis,

colocando-se à sua frente. A mudança consiste no 2º terno passar na frente do 1º, depois o 3º passar na frente do 1º, a seguir o 4º e o 5º. Cada ala do terno que se desloca sai por fora, contorna o grupo da frente (por fora), o qual se movimenta no lugar para deixá-lo passar. Os de trás (3º, 4º, 5º) avançam para a frente, normalmente, para que o cortejo progrida. No final da mudança, o 1º terno coloca-se em último lugar e o último terno em primeiro<sup>(13)</sup>. Fomos informados de que, em caso de solicitação dos interessados, a ordem de apresentação dos ternos ou figurantes no cortejo pode variar. A colocação vista por nós foi: Vilão Novo, Marinheiro, Catupé, Moçambique e Vilão da Boa Viagem. O Moçambique (grupo principal) fica sempre perto dos reis. Os figurantes, quando cansados, podem ser substituídos. Os ternos e reis se intercalam. O terno fica atrás de seus reis e antecede o rei do próximo terno.

Os sinos da Igreja do Rosário repicaram quando, à noite, o cortejo completo passou ao seu lado, em direção à Praça Santa Cruz. Ao mesmo tempo fogos de artifícios subiram saindo de frente à igreja, iluminando o ambiente.

#### Retorno

Quando as atividades são encerradas, o cortejo se refaz para a volta. Os que desejam acompanhá-los se anexam e os que não quiserem voltam sozinhos. A Princesa Isabel fez questão de integrá-lo, todas as noites, para ser levada à sua residência. Vimos um casal em que a Rainha estava seguindo com os ternos e o rei já tinha ido só. “Voltou por conta própria”, ela nos disse. Aproveitamos o ensejo para visitar a casa da Princesa Isabel, a convite de seu pai. Vimos o trono de madeira, no estilo dos tronos reais, colocado sobre pequena elevação (estrado), revestida de tapete vermelho.

#### f) Reinados de São Benedito, Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês (dia 12, segunda-feira, às 20h)

O Reinado de São Benedito apresenta-se habitualmente sozinho, no dia imediato ao Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Excepcio-

(13) É a técnica da “passagem” utilizada no Vilão de lenço de São Lourenço (SP), descrito por nós em *Danças Folclóricas Brasileiras – 2ª edição – Melhoramentos – SP – 1964*, e em danças europeias.

nalmente, em 1985, apresentaram-se na mesma ocasião os Reinados de Nossa Senhora das Mercês e Santa Ifigênia. Tradicionalmente ambos são vistos um dia após o Reinado de São Benedito, em tempo e espaço dedicado às duas. Como a corte de Nossa Senhora das Mercês e Santa Ifigênia tem menor número de promesseiros, os ternos das santas desfilarão naquele ano com a corte de São Benedito.

### Reinado de São Benedito

O terno de Moçambique saiu do “quartel” e foi buscar o Rei e a Rainha de São Benedito, respectivamente Lindolfo Rodrigues Lopes e Juscelina. Cantaram no percurso “Vamo viajá, vamô viajá / Essa guarda foi formada / Prá levá a coroa”, etc. Dançadores andavam no ritmo musical, com passos balanceados. A moçambiqueira, solista, girava parada e andando, executou vários movimentos e evoluiu com desembaraço. Era mais desenvolta e segura que os homens. Ouvia-se frases como esta: “Eu sô carrero, vim pra carreá / minha boiada saiu do morro”, etc.<sup>(14)</sup> A solista e o capitão cantaram o tempo todo. O coro, só o estribilho. Os dançadores ajudavam a marcar o ritmo com seus paiás, alguns colocados abaixo do joelho, outros no tornozelo e vários sem eles. Os instrumentos eram tambor e chocalhos, estes quadrados.

Acompanhando o terno de Moçambique fomos à casa do Rei de São Benedito. Estava sentado no trono, representado por cadeira de espaldar alto, tendo atrás um pano verde, como fundo. Vestia paletó e calça, ambos azul marinho, camisa branca e manto de veludo bordô, com aplicações douradas. A coroa era de flores brancas e o cetro, representado por bastão, era enfeitado à semelhança da coroa, e ficavam depositados no seu colo. A casa não tinha enfeites na entrada.

O terno de Moçambique, levando o Rei, se dispôs em duas colunas. O Rei situou-se atrás, tendo à frente o 2º Capitão. A moçambiqueira (solista) colocou-se na frente e, entre ela e o porta-bandeira, o 1º Capitão.

Assim disposto, o terno dirigiu-se à residência da Rainha Juscelina. O trajeto foi andado, em passo batido e balanceado. Os participantes cantavam. Houve solo de um dos capitães e o conjunto se encarregou do estribilho. A Rainha encontrava-se na parte superior do sobrado. Os moçambiqueiros subiram a escada de acesso, externa, íngreme e

(14) A região de Itapecerica é montanhosa.

de cimento, pisando forte e sem perder o ritmo. Na sala, grande, via-se o trono. Folhagens verdes e bambu em torno dele. A Rainha ainda não estava pronta. Enquanto a esperavam, outro solista fez demonstração de passos e saltos que faziam estremecer o assoalho. Encontramos a Rainha em seu quarto, secando os cabelos, com secador manuseado por uma auxiliar. Usava vestido azul, longo, amplo e vaporoso, e colar imitando pérola. Foi até o trono, onde sentou-se, para depois seguir com o Rei, sob o pátio, até o "Convento". O percurso observou os detalhes da vinda. A chegada do Rei e Rainha de São Benedito foi recebida com fogos. O terno de Moçambique deixou-os e foi buscar outros nobres.

O comparecimento neste dia foi menor do que o visto no Reinado Maior de Nossa Senhora do Rosário. A presença dos outros ternos, nas homenagens a São Benedito, é facultativa. Vimos apenas o terno de Moçambique, o principal, sem os dois ternos de Vilão. Parece-nos que pode caber ao Catupé apanhar os Reis e Príncipes de São Benedito.

#### Reinado de Nossa Senhora das Mercês e Santa Ifigênia

Fomos informados que esses dois reinados deixaram de comparecer durante alguns anos, voltando a participar depois que o Sr. Gominho deixou a direção do Reinado de Itapecerica. A maneira de buscar os reis e demais componentes dos Reinados de ambas as Santas, assim como levá-las ao "convento", obedece às normas já vistas. Os dois ternos de Vilão se encarregaram de buscar o Rei e a Rainha de Nossa Senhora das Mercês e de Santa Ifigênia e os príncipes de suas cortes. O fato dos promesseiros das Santas serem em menor número, ultimamente, não invalida a possibilidade de que ambas voltem a ter o prestígio do passado.

O retorno dos elementos que comemoraram as Santas em apreço se fez da maneira usual, vista quando comentamos o Reinado de Nossa Senhora do Rosário.

**g) Descida das bandeiras, coroação, nomeação e despedida**  
(dia 13, terça-feira, às 21 horas)

Durante o dia alguns ternos andaram pela cidade.

Descida das Bandeiras

Os mesmos ternos que procederam à subida das bandeiras, isto é, o Moçambique (Bandeira de Nossa Senhora do Rosário) e o Catupé

Bandeira de São Benedito), ao som de músicas específicas para cada um, foram até à Praça Santa Cruz onde estavam erguidas as bandeiras. Dois homens munidos das forquilhas, já descritas, desceram os mastros. Foram os mesmos que os fizeram subir. O povo, presente, acompanhou a descida.

### Nomeação

A nomeação de pessoas para o Reinado do ano seguinte é feita por votação da Diretoria do Reinado do Rosário. Inicialmente seus membros fazem sugestões e só posteriormente, já próxima à realização do Reinado vindouro, serão escolhidos e nomeados os principais participantes, que figuram na lista dos nomes sugeridos.

### Coroação

É feita no Largo do Rosário, após a descida das bandeiras. O Rei Preto, figura muito importante, que faz a abertura das festividades do Reinado, toma a coroa e o cetro do Rei da Coroa Grande, que terminou o mandato, e os entrega nas mãos do Rei da Coroa Grande do ano seguinte. Faz o mesmo com a Rainha de igual categoria, passando a coroa para as mãos da nova Rainha. A coroação, desde que o Reinado deixou de ser realizado na igreja, é feita ao ar livre. Nunca foi usada bandeja para transportar ou carregar a coroa, como acontece em alguns lugares. Este símbolo de realeza é carregado, em Itapecerica, nas mãos e jamais na cabeça ou de outra forma. Só o Rei e a Rainha da Coroa Grande são substituídos anualmente. A escolha é feita no penúltimo dia do Reinado. A coroação é procedida diante dos participantes do Reinado e do público. As coroas por eles usadas são de prata e antigas, datando de 1800, aproximadamente, assim como a do Rei e Rainha Perpetuos (a destes, guardadas na própria residência). São do começo do Reinado. As coroas dos outros nobres são de lata ou alumínio.

### Despedida

A despedida dos que participaram do Reinado e os agradecimentos correspondentes são feitos no penúltimo dia do Reinado e no mesmo local de sua realização, a Praça Santa Cruz. É extensiva aos visitantes e comparecem as cortes de todos os santos homenageados.

i) Procissão, Missa, Festa da Colheita, Leilão e Terço (Dia 14, quarta-feira, às 18h.)

### Procissão

Os dançadores comparecem de uniforme, porém sem os instrumentos musicais. Os componentes de cada terno ficam juntos e colocam-se entre as duas alas feitas pelo povo. Os capitães acompanham seus grupos. Somente o Rei e a Rainha da Coroa Grande comparecem obrigatoriamente. Os elementos da nobreza que residem fora, geralmente, viajam antes e não participam.

Os ternos estão presentes, mas sem os estandartes. Andor, só o de Nossa Senhora do Rosário, enfeitado de fita, papel e flores, quase sempre azuis. Rei e Rainha da Coroa Grande colocam-se na frente do andor. O comparecimento dos reis e rainhas de outras categorias é facultativo, assim como de príncipes e princesas. Os ternos, sem dançar, e o povo andam pelas ruas da cidade, acompanhando a procissão. Entre um terno e outro há um intervalo, onde se colocam os devotos do Santo Patrono ou do preferido. Acompanham o terno atrás do mesmo, porém nas laterais.

### Missa

Em 1985, foi celebrada pelo Padre Mateus Borges, ao ar livre (missa campal). O altar foi armado no palanque e a missa normal, sem nada de especial. A nobreza ocupa as cadeiras, colocadas nos degraus do palanque. Ternos e povo enchem a praça, os primeiros mais à frente. Os dançadores, com uniforme, ficam à vontade. Não é necessário que os elementos de cada terno fiquem juntos. O Rei, a Rainha da Coroa Grande são obrigados a comparecer, assim como o Rei e a Rainha e os dois pares de príncipes de cada Santo (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Nossa Senhora das Mercês e Santa Efigênia). O restante da nobreza e promesseiros sentem-se à vontade para comparecer ou não. A missa há muito não é realizada no interior da igreja, devido à proibição dos bispos neste sentido.

### Festa da Colheita

Gira em torno da eleição da "Rainha da Colheita". Parece-nos que deveria ser "Rainha da Coleta", pois será eleita a moça que maior número de votos vender. O resultado financeiro da venda dos votos é destinado ao Reinado, ou melhor, figura como contribuição para manter as despesas com ele feitas. Trata-se de "colheita de dinheiro" e não de produtos rurais como inicialmente se supõe. Muitas pessoas acham

que as despesas são poucas, que sobra dinheiro, o qual deveria ser empregado em coisa melhor, possivelmente em obras assistenciais. Quem conhece bem o Reinado sabe que os gastos são elevados. Além da assistência a seus membros, a renovação anual dos uniformes e a manutenção dos instrumentos absorvem muito dinheiro.<sup>(15)</sup>

A Rainha da Colheita é coroada logo após a apuração dos votos e no mesmo local onde se realiza.

### Leilão

É comum, incluindo prendas de vários tipos. As quitandas, doces e salgados, no geral, se apresentam em pratos bem enfeitados, com papel de seda ou crepon, caprichosamente repicado. Animais pequenos (frangos, passarinhos, galinhas), bebidas e prendas variadas (almofadas, bordados, crochês, chinelos, perfumes, etc.) são freqüentes. O leiloeiro hábil, com o seu "quem dá mais" costumeiro, após cada lance, faz subir o preço do produto. A renda destina-se a cobrir as despesas do Reinado. Um tesoureiro da entidade, presente, vai anotando as prendas arrematadas e o seu valor.

### Terço

Depois que terminam todas as atividades do Reinado, é rezado um terço em agradecimento, com a participação das pessoas disponíveis e católicas.

Com estas notas encerramos o desenvolvimento do Reinado de Itapecerica, em 1985. A seguir forneceremos novos dados a ele ligados, que servirão de subsídio para o seu melhor conhecimento.

.....

Diz um trecho da Ata da Instalação da Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica "... constituía-se, já, tradição firmemente estabelecida na cidade de Itapecerica, a realização, durante o mês de agosto, de todos os anos, os festejos do Reinado do Rosário, mantidos heroicamente através dos tempos pelos esforços do Sr. José Gomes e a

(15) Existem ternos que têm mais de um uniforme. Muitos participantes querem tergal e não brim, por ser mais prático, encarecendo os trajés. Os instrumentos são pintados quase todos os anos e recuperados quando necessário. A substituição da pele dos pandeiros é feita com freqüência.

ajuda do grupo de abnegados que se encontra presente". Seguindo o exemplo destes, cujos nomes estão inscritos na Ata que apresentamos em anexo, juntaram-se outros na preservação e apresentação dessa manifestação popular que constitui um dos orgulhos da cidade.

Pudemos testemunhar o zelo e o carinho demonstrado pelos dirigentes atuais e pelo povo, neste sentido. Revelam-se pelo apoio e presença maciça durante o desenrolar do Reinado. Educados, atentos e pacientes, prestigiam cada etapa das festividades. Ao cenário natural de Itapecerica, composto pela ondulação das montanhas, da vegetação que reveste as imediações, pelo casario, na maioria singelo, e pelas igrejas antigas, contrapõe-se o cenário temporário, incluindo o local para encenar o episódio da libertação dos escravos, com a forca, a roda e outros objetos; o palanque para abrigar as autoridades e a nobreza do Reinado; o altar, uma das primeiras providências, destinado a manter, dia e noite, a presença dos santos protetores. Um cenário se adapta ao outro como uma criança ao seu berço.

Em certos dias, a cidade se enche de som e das figuras alegres dos "ternos", encarregados de buscar e levar a nobreza ao seu destino. Canto, música e dança acompanham as figuras reais e os que ficam à sua disposição, com suas vestes mais simples ou mais refinadas, que cruzam as ruas da inesquecível Itapecerica. Parece-nos não ser possível conceber o Reinado do Rosário, tal qual se apresenta, a não ser na cidade que o moldou à sua maneira.

O Reinado de Itapecerica apresenta-se aos olhos dos íntimos: seus moradores, a vizinhança, os promesseiros locais e adventícios. Pela sua localização geográfica, distante da capital e dos grandes centros, deu-se ao luxo de conservar-se isolado, numa entrega total a si mesmo. Os turistas ainda não descobriram a cidade e o seu Reinado. Quando os meios de divulgação começarem a difundir-lhes, o interesse e a curiosidade serão grandes e recursos aparecerão para chegar a ambos. Parece-nos que o afluxo de visitantes não desvirtuará facilmente o Reinado Itapecericano, tal a força de sua estrutura. Especialistas, interessados e curiosos, cada um sofrerá, a seu modo, o impacto da configuração e beleza da manifestação em apreço.

Não foi em vão que o Sr. João Gomes Filho ("Gominho") e outros idealistas venceram obstáculos materiais e imateriais para preservarem o Reinado local. Manifestação popular nascida entre escravos,

praticada por seus descendentes e adotada por brancos, tendo em vista a devoção aos deuses de lá e de cá e à busca de seus favores, tornou-se rara nos dias atuais. Espetáculo variado quanto à forma e conteúdo teve a sua continuidade assegurada graças às pessoas que por ele trabalharam no passado e às que por ele zelam no momento. Ambiente, atividades, artes, cores e sensações convergem para um ponto central que é, ao mesmo tempo, irradiador de sonoridade, movimentos, dramaticidade e emoções.

O que apresentamos e dissemos sobre o Reinado do Rosário de Itapecerica é pouco. Aconselhamos vê-lo "in loco" e vivenciá-lo. Absorbê-lo e retê-lo visual e musicalmente. Seus aspectos peculiares ficarão impregnados em cada espectador; mesmo os que estão habituados com a cultura popular, perceberão neste Reinado a "marca pessoal e registrada".

### 2.3 OBSERVAÇÕES SOBRE AS DANÇAS DOS "TERNOS"

Geralmente os componentes dos ternos ficam junto ao povo e dançam, ou apenas cantam, informalmente. Em 1985, após o levantamento das bandeiras, aproximaram-se do palanque e puseram-se a dançar à vontade. Em 1984, haviam feito o mesmo. Anotamos o que nos foi dado ver. Mencionamos em separado o Vilão de Faca e Vara da Boa Viagem. Na 1ª execução dançaram apenas com faca e na 2ª com vara e faca.

#### Terno de Moçambique

Foi o grupo que acompanhou o levantamento da bandeira de Nossa Senhora do Rosário. Trata-se de Moçambique sem espada e bastão. Usavam "gunga" para auxiliar o ritmo. Os dançadores vestiam calça lisa e blusão estampado, peças em cores diferentes. Calçavam tênis ou sapatos. Olivério Felix dos Santos, o seu Capitão, tinha como colaboradores Wilson das Chagas e Zé da Mota.

Na rápida demonstração, os dançadores se dispuseram em duas fileiras que se defrontavam. Movimentaram-se no lugar, gingando e às vezes as fileiras se aproximavam e a seguir se afastavam, andando naturalmente, ou giravam em torno de si, nos lugares. Um solista desinibido e simpático se destacava, dançando com entusiasmo. Em certo momento dois dançadores, velhinhos, fizeram verdadeiro duelo de

sapateados, o que não é comum entre outros grupos que conhecemos. Embora o Moçambique seja tradicionalmente dança de homens, participaram do terno duas moçambiqueiras que dançavam muito bem e com desenvoltura, durante o trajeto do grupo, ao buscar as figuras da Corte. Os instrumentos nos parecem ter sido tambor e chocalho. Pelo que nos foi dado ver, pareceu-nos um Moçambique coreograficamente pobre. Aventamos a hipótese de que a falta de bastões ou espadas, nunca usadas no Moçambique do Reinado de Itapeçerica, tira a oportunidade de movimentos de luta que dão riqueza ao folguedo. Ao terminarem de dançar, debandaram-se. Os músicos seguiram seu caminho, continuando a tocar.

#### Catupé (Congada)

Esteve presente no levantamento da bandeira de São Benedito. Ao dançarem, dispuseram-se em duas fileiras que se defrontavam e balançavam sobre as pernas. Quando se deslocavam, faziam-no andando naturalmente, no ritmo. Repetiam as seqüências e alguns improvisavam. Os instrumentos, caixa e pandeiros, estavam revestidos de papel crepon repicado e pequenas franjas caíam, enfeitando-os. Todos os dançadores levavam pandeiros quadrados, enfeitados como acima. Dançadores vestiam camisa de lamê amarela, de manga comprida. Alguns usavam calça verde de lamê ou algodão, outros "jeans" e chapéu de aba larga, com fitas estreitas e coloridas dependuradas. O Capitão era Alderano dos Reis D'Alessandro, há 30 anos no cargo.

#### Marinheiro (Congada)

O porta-bandeira levava a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. Dançadores, à vontade, dançavam com movimentos discretos, balançando-se sobre as pernas ou andavam com alguma flexão das mesmas. Não fizeram evoluções. Mantiveram-se aglomerados. Trajavam blusa bege, com manchas marrons, calça e chapéu escuros, estes de aba larga, de feltro. Os instrumentos eram caixa e pandeiros. Na despedida deram vivas a Nossa Senhora, a São Benedito, a Santa Efigênia e muitos outros vivas.

#### Vilão Novo

Criado há pouco tempo, por dissidência dos componentes do Vilão da Boa Viagem (antigo), nasceu em 1985, fundado por Custódio Martins, um dos dirigentes do Vilão antigo. Os atuais participantes se

conheciam desde crianças, quando começaram a dançar o Vilão da Boa Viagem. Apresentaram-se sem uniforme, o qual não é obrigatório no levantamento das bandeiras. Dirigiu-o José Evaristo Pereira (“Baixique-xique e caixa. Levavam a bandeira de Santa Efigênia. As varinhas eram iguais às do Vilão de Boa Viagem, já descritas.

Dançaram em duas fileiras que se defrontavam, com os músicos de um lado. Executaram duas figuras:

*Figura 1* – Passo lateral e batida (consistindo em dar um passo para a esquerda e unir o outro pé, idem à direita, alternadamente), acompanhado de batida (cruzar a vara no alto, com o dançador à frente, batendo-a (1); repetir a batida (2), mantendo a vara verticalmente; batê-la no chão (3); segurá-la sem bater (4)).

*Figura 2* – Na disposição anterior, batendo as varas da mesma forma, executaram saltitamento para a frente (saltitar sobre uma perna, elevando a outra ligeiramente à frente). Inverter. Repetir, alternando.

Repetiram as *figuras 1 e 2*, alternadamente, durante algum tempo. A execução foi pouco demorada, mas conheciam outros movimentos. Só usaram vara porque ninguém tinha trazido faca. Costumam dançar com ambas.

### Bênção

Durante as apresentações vimos uma espécie de saudação, com ares de bênção, muito bonita. Parece-nos ter sido no Vilão Novo. Um dos dirigentes pegou a mão do Zé da Ponte, esquerda com esquerda, braços elevados, em arco. O primeiro fez o “sinal da cruz”. A seguir, sem soltarem as mãos, ficaram semi-ajoelhados (como uma genuflexão) e viraram costas com costas, ainda de mãos dadas. Sem estender as pernas, repetiram o “sinal da cruz”. Mais no fim, na despedida, o Zé da Ponte pegou a mão da autora, fez uma reverência, falou umas palavras, e soltou-a. Cantou um pouco, deu-nos a mão novamente, disse outras palavras e partiu, cantando: “Eu levo a companhia, amanhã torno a vortá” etc. A “bênção” acontece quando dois capitães se encontram, ou quando um dança no terno do outro. Quando é feita com outra pessoa, fora das condições mencionadas, não tem o “sinal da cruz” e é considerada um “cumprimento”, uma gentileza, como aconteceu conosco. Durante a “amarração”, vista atrás, usam fazer o cumprimento.

## 2.4. COREOGRAFIAS DO VILÃO DA BOA VIAGEM

### a) Vilão de Faca e Vara

#### Considerações

O Vilão é dança de origem portuguesa, cujo nome equivale a “morador na vila” ou camponês”, não tendo a significação pejorativa de intrigante ou malvado, como acontece entre nós<sup>(1)</sup>. A forma conhecida em Goiás, Vilão de Cacete, lembra a Dança dos Pauliteiros de Portugal. O Vilão é dança que não dispensa um objeto: mala, agulha, lenço, faca, bengala, mochila e cacete. Em São Paulo eram encontrados o Vilão de Lenço, Vilão de Mala (denominação moderna), Vilão de Agulha, Vilão de Mochila (nome antigo). No Brasil Central via-se o Vilão de Faca, em que os dançadores se muniam desse objeto, à semelhança de danças de armas internacionais e gaúchas. Acreditamos que o Vilão de Faca e Vara de Itapecerica tenha se originado daquele, com o aparecimento das varas em substituição à bengala ou cacete. Aliás, o Sr. Gominho nos falou do antigo Vilão de Vara a cavalo, dessa localidade, do qual trataremos adiante, em aspectos culturais de Itapecerica.

O Vilão geralmente não é acompanhado de canto. Dançam-no só homens ou só mulheres<sup>(2)</sup>. Quanto ao Vilão da Boa Viagem, nome do bairro de onde se origina, é bastante antigo. Os dançadores (do sexo masculino) usam faca e vara. O seu capitão, Luiz Francisco de Oliveira (“Lili”) nos informou constar de 22 partes o que pensamos tratar-se de 22 figuras, número bastante elevado. Zé Rocha, que comandou a sua execução, fazendo-o com segurança e precisão, reduziu o número das mesmas para que não avançasse pela noite a dentro. No momento de mudar as figuras, dizia “Vou mandar mudar” e, a seguir, apitava. No Vilão de Faca e Vara que assistimos, dançaram durante algum tempo. Pararam de dançar e iniciaram o canto. Terminando este, voltaram a dançar, alternando. Durante o canto descansavam. O dirigente apitava, indicando a interrupção da dança.

(1) Em “Danças Folclóricas Brasileiras” (Melhoramentos – 2ª ed. S. Paulo, 1964), de nossa autoria, apresentamos outras considerações sobre o Vilão e suas modalidades e descrevemos a coreografia do Vilão de Lenço, de São Silvestre, localidade próxima a São Paulo.

(2) Curiosamente, o Vilão de Lenço descrito era dançado por homens e mulheres aos pares.

Ao apresentar o Vilão da Boa Viagem demos nome às figuras para facilitar a exposição, evidenciar a formação e movimentos correspondentes, como habituamos a fazer para as nossas alunas da Universidade de São Paulo.

*Indumentária* – Camisa vermelha, de mangas compridas, calça azul-marinho, chapéu de palha de aba larga.

*Implementos* – Facas de madeira, não muito grandes (como facão de cozinha). Varas finas de madeira, de 1 m 50 de comprimento, enfeitadas na parte superior com fitas finas, de 15cm de comprimento, nas cores verde, vermelho, azul, amarelo e laranja.

*Acompanhamento* – Cavaquinho, violão, caixas (2), xique-xique e acordeon.

*Texto musical* – Ver junto às músicas – Vilão da Boa Viagem (anexo)

*Número de participantes* – 18 dançadores, 1 capitão, 6 músicos e o porta bandeira.

*Passos:*

*Passo unido, à lateral* – Dar um passo à lateral com a perna esquerda e unir o outro pé (1cp.). Repetir, para o lado direito (1 cp.). Repetir, alternando.

*Passo lateral* – Dar um passo lateral com a perna esquerda e elevar a direita, obliquamente à frente (1 cp.). Repetir, com pernas contrárias (1cp.). Repetir, alternando.

*Batidas:*

1ª) Em 1, 2, 3 (tp.) segurar os objetos naturalmente, no 4 (tp.) bater vara e faca, uma contra a outra. Repetir a seqüência às vezes indicadas.

2ª) Bater as varas uma contra a outra (1 tp.) esperar com elas cruzadas (1 tp.). Repetir a seqüência, à vontade.

3ª) Bater vara contra vara (1 tp.). Repetir a batida (1 tp.). Bater a vara no chão, mantendo-a na vertical (1 tp.). Segurá-la apoiada no chão, sem bater (1 tp.). Repetir a seqüência como for indicado.

Fazer a batida junto com os passos, conforme a indicação na coreografia.

Coreografia (Ver croquis)

Figura 0 – *Entrada* – Dançadores dipostos em duas colunas, tendo à frente o porta bandeira e atrás os músicos. Estes colocam-se em duas fileiras paralelas. Caminham à frente, naturalmente. À certa altura param.

*Nota:* O capitão coloca-se em último lugar, na coluna da direita.

Figura 1 – *Em colunas, vara e faca* – Na coluna da esquerda os dançadores seguram a faca na mão direita e a vara na esquerda, mantendo-a junto ao corpo e verticalmente. Na coluna da direita os dançadores estão com a faca no cinturão e a vara na mão direita, segurando-a como foi visto. Bater faca e vara uma contra a outra. Usavam passo unido e a batida nº 1.

Figura 2 – *Em colunas, só vara* – Os que estavam com a faca guardam-na no cinturão e colocam a vara na mão direita, segurando-a como foi indicado. Todos vão bater as varas umas contra as outras. Empregar o passo lateral e a batida nº 3.

Figura 3 – *Fileiras, só faca* – Uma pessoa (o “meirinho”) passa, pega todas as varas e fica aguardando do lado. O mestre diz “repique” e dá o assobio. As duas colunas se aproximam, fazendo-o com passos normais e se defrontam. Os dançadores, flexionando o tronco à frente, elevam a perna direita e passam a faca por baixo dela. Apoiam a perna direita no chão, elevam a esquerda, trocam a faca de mão rapidamente e passam-na por baixo da perna esquerda. Repetir os movimentos mais duas vezes completas e na última bater a faca com a do companheiro.

Figura 4 – *Em fileiras, giro, só faca* – Repetir o movimento anterior, girando em torno de si, por fora.

Figura 5 – *Em círculo, faca e vara* – Dançadores progridem naturalmente formando um círculo. Numerar os dançadores por 2. Enquanto isso o “meirinho” distribui as varas aos nº 2, que guardam as suas facas na cintura.

O nº 1, que está na frente, coloca a sua faca nas costas, à altura do ombro, paralela ao chão, segurando-a com as duas mãos, uma em cada extremidade. O nº 2, atrás, segura a vara na mão direita, na vertical. Caminham 3 passos naturalmente, em sentido contrário aos ponteiros do relógio. Param e o dançador, com a vara, bate-a sobre a faca do que está na frente (4). Fazer meia volta e repetir até novo comando. Usar a batida nº 2.

Variações desta figura para facilitar a execução ou mudar o aspecto:

1ª – Este movimento pode ser feito em duas colunas, caminhando-se em linha reta e fazendo-se as meias-voltas e batidas como foi indicado.

2ª – Pode-se caminhar no círculo só num sentido, batendo-se a vara na faca, sem se fazer meia-volta. Fazendo-a apenas uma vez, para mudar o sentido do círculo.

*Figura 6 – Sinuosa, só vara* – Dançadores refazem as duas colunas, caminhando naturalmente. Os nº 1 guardam as facas e recebem as suas varas. Colocam todas as varas no chão. Os dançadores de cada coluna, andando naturalmente, caminham entre as varas, descrevendo uma sinuosa. Depois, sob comando, fazem meia volta e progridem em sentido contrário. Nova meia-volta e progressão.

*Figura 7 – Passagem, só vara* – Os dançadores, 2 a 2, se aproximam, colocam suas varas uma junto a outra e estendem o braço que as mantém para o alto. Cada um segura com uma das mãos as pontas das duas varas, mantendo-as paralelas ao chão. Os dois últimos dançadores, um de cada lado, abaixam o tronco e as respectivas varas e passam sob as demais, indo colocar-se na frente do grupo. Aí chegando, levantam tronco e varas. Cada dois homens, à medida que forem ultrapassados, recuam, para que os últimos ocupem o lugar dos primeiros. Assim, sucessivamente, até que todos passem sob as varas. Andar naturalmente.

*Saída* – Terminada a dança, os participantes saem do recinto na formação da entrada.

*Nota* – No croquis apresentamos apenas 10 dançadores para não ocupar muito espaço.

Resumo:

Entrada

Em colunas, vara e faca

Em colunas, só vara

Em fileiras, só faca

Em fileiras, giro e faca

Em círculo, faca e vara

Sinuosa, só vara

Passagem, só vara

Saída

# VILÃO DE FACA E VARA



Fig. 0

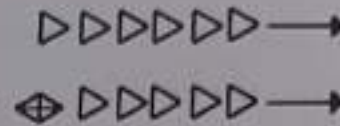


Fig. 1-2

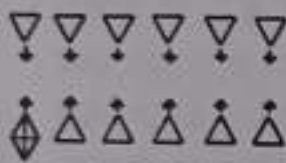


Fig. 3

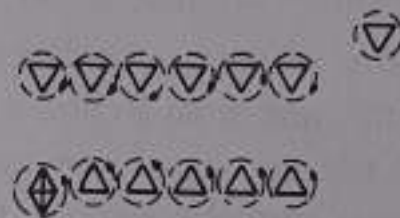


Fig. 4

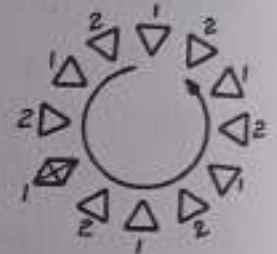


Fig. 5

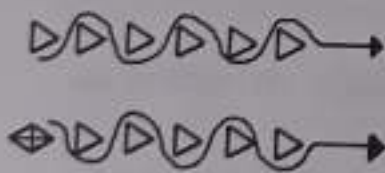


Fig. 6

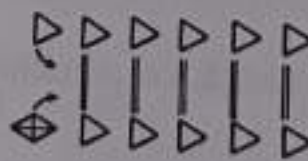


Fig. 7

## Convenções:

- ▷ Dançador
- ⊠ Músico
- ⊕ Capitão
- ▷ Porta-bandeira
- Direção
- ⊙ Giro
- Trajeto
- == Bastões

## VOZES DE COMANDO USUAIS NA DANÇA

Faca e vara!  
Faca com vara!  
Bate a faca na varinha!  
Tá matando a varinha!  
Faca com faca!  
Em cima do risco<sup>(3)</sup>!  
Fais que vai mais num vai!  
Eh, Zé Custódio!

Faca com vara, oi!  
Faca com faca, oi!  
Em cima do risco, oi!  
Faca por baixo da perna!  
Agora a varinha!  
Segura bem!  
Passá no meio das vara!

Nota – Estas vozes de comando, que ouvimos durante a dança, foram dadas a critério do dirigente.

### b) Vilão de Faca

#### *Considerações*

É antigo e provém da Boa Viagem, como o Vilão de Faca e Vara. Tudo indica resultar de figuras deste em que só entram as varas. A abundância de “partes” do Vilão de Faca e Vara possibilita coreografia bastante significativa com apenas algumas de suas figuras. Muitas vezes, o conjunto vale-se apenas das varas, quando não levam consigo as facas. A falta desses objetos não os impede de dançar, quando solicitados. Foi o que aconteceu na apresentação que assistimos, dirigida por “Lili” (Francisco de Oliveira), capitão do Vilão de Faca e Vara. As figuras apresentadas abaixo foram registradas por nós, na ocasião.

Como já dissemos, as varas mais delicadas e ornamentais, provavelmente substituíram os cacetes apresentados no Vilão de Cacete, mais rústicos e perigosos. A referência que tivemos do Vilão de Vara a cavalo parece ser a mais antiga manifestação dessa modalidade, vista em Itapecerica.

*Indumentária* – Ver Vilão de Faca e Vara.

*Implementos* – Ídem, ver Varas

*Acompanhamento* – Ídem

*Texto Musical* – Ver junto às músicas – Vilão Novo (Anexo)

(3) Significa não errar.

*Número de Participantes* – 1 capitão, 1 porta-bandeira, dançadores e músicos à vontade.

*Coreografia* – Ver croquis

*Figura 1 – Em fileiras, bater a vara no chão* – Em duas fileiras, se defrontando, o porta bandeira colocou-se na frente. No final de uma das fileiras estava o Capitão e atrás do conjunto, os músicos. Os dançadores fizeram batida no chão (1), batida no chão (2), cruzaram as varas (3) (com o dançador da frente) e as mantiveram na posição (4). Acompanharam as batidas com o “passo unido” (dar um passo à esquerda e unir o outro pé. Ídem com a direita, alternando).

*Figura 2 – Em fileiras, bater e não bater a vara* – Na disposição anterior, executaram batida, cruzando as varas(1), batida cruzando-as, novamente (2), saltitar sem bater as varas (3), saltitar sem bater (4).As batidas eram acompanhadas de saltitamento (saltitar com uma perna e elevar a outra, ligeiramente à frente. Repetir com perna contrária, alternando).

*Figura 3 – Em círculo, não bater a vara* – Descreveram um círculo, andando, e durante ele cruzaram a vara (um dançador com outro) mantendo-as imóveis (sem bater) e dirigidas para cima.

*Figura 4 – Em círculo, meia volta e batida, andando* – Andando em círculo, bateram as varas com o dançador da frente e depois com o de trás, fazendo para isto meia volta e mantendo sempre as varas para baixo.

*Figura 5 – Ídem, saltitando* – Isto é, igual à anterior, porém saltitando.

*Figura 6 – Em círculo, igual à fig. 3* – Isto é, andando no círculo, os dançadores cruzaram as varas no alto, mantendo-as fixas.

*Figura 7 – Em círculo, flexão e extensão das pernas* (sem bater) – Parados e voltados para dentro da roda ligeira flexão (1) e extensão das pernas (2), colocando a vara na frente do corpo.

*Figura 8 – Em círculo, avançar para dentro e recuar* (sem bater) – Progrediram à frente, para dentro do círculo, com saltitamento, a seguir recuaram (de costas), conservando a vara na frente do corpo.

*Figura 9 – Em círculo, meia volta com as pernas separadas (bater) – Voltados no sentido da progressão do círculo, com as varas para o alto, executaram meias voltas, saltando com as pernas abertas e batendo a vara, ora com o dançador da frente, ora com o de trás.*

*Final – Ainda em roda, gritaram: Viva São Benedito! Viva Santa Ifigênia! Viva o Catupé! Viva o Moçambique, Viva todas as bandeiras!*

#### *Notas*

1ª) Para mudar de figura o dirigente dizia: “Vou mandar mudá”.

2ª) Os músicos conservaram-se nos lugares.

3ª) Outros tipos de batidas são apresentados em Vilão de Faca e Vara da Boa Viagem.

#### *Resumo:*

Fig. 1 – Em fileiras, bater a vara no chão

Fig. 2 – Em fileiras, bater e não bater a vara

Fig. 3 – Em círculo, não bater a vara

Fig. 4 – Em círculo, meia volta e batida, andando

Fig. 5 – Ídem, saltitando

Fig. 6 – Em círculo, igual à fig. 3

Fig. 7 – Em círculo, flexão e extensão das pernas (sem bater)

Fig. 8 – Em círculo, avançar para o centro e recuar (sem bater)

Fig. 9 – Em círculo, meia volta, com pernas separadas (bater)

# VILÃO DE VARA



Fig. 1-2



Fig. 3

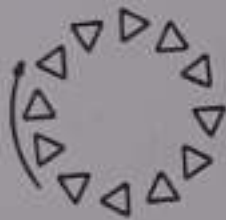


Fig. 4-5-6

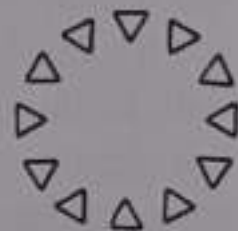


Fig. 7

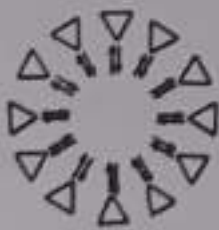


Fig. 8

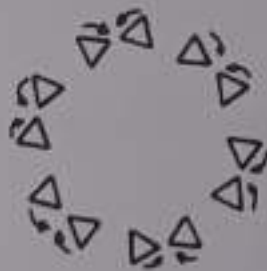


Fig. 9

## Convenções:

- ▷ Dançador
- ⊠ Músico
- ◊ Capitão
- ▷ Porta-bandeira
- Direção
- ↶ Meia-volta
- Trajeto

## 2.5. OUTRAS INFORMAÇÕES

Parece-nos de importância histórica e técnica as seguintes observações:

1º) A Ordem Franciscana, presente desde os primeiros tempos da cidade, teve significativa influência no conteúdo religioso do Reinado de Itapecerica.

2º) Na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, fundada na localidade em 1818, pretos e brancos participaram de sua organização, conforme regulamento por nós observado. A contribuição da Irmandade no aparecimento do Reinado é indiscutível.

3º) Havia, na época, Irmandades dos Santos Pretos, como São Benedito e Santa Ifigênia, reverenciados no Reinado de Itapecerica. É encontrada referência, durante a escravatura, a Santo Antonio Preto, sobre o qual aventamos a possibilidade de corresponder a Santo Antonio de Categiró, de cor escura, filho de muçulmanos, nascido em Cirenaica, África. Converteu-se ao catolicismo e tornou-se franciscano. É igualmente provável tratar-se de Santo Antonio de Lisboa, pintado de preto para alegria dos escravos e solidariedade a eles.

4º) Itapecerica era zona de mineração (assim como cidades próximas) que necessitava de braço escravo para o trabalho das minas, às quais foi encaminhado um contingente negro conhecedor do assunto.

5º) O Reinado do Congo perdurou onde as intervenções não foram suficientemente prejudiciais para fazer desaparecer as razões que determinaram a sua presença, como aconteceu em Itapecerica, onde as ligações com o passado continuam fortes. O progresso, sentido em vários setores, inclusive nas indústrias existentes na localidade, ligadas à extração de grafite e outros minérios, se fez sem alterações que neutralizassem antigos costumes.

6º) No princípio do Reinado de Itapecerica, o Congo, manifestação coreográfica, teve papel destacado. Atualmente, nele é encontrada a Congada, denominação posteriormente recebida, equivalente àquele.

7º) Os Reis e Rainhas nos velhos tempos eram empossados pelos padres, como acontecia há vinte anos na Congada do Oeste Mineiro e até certa época em Itapecerica. Coroa e cetro, atualmente, passam dos

que participaram do Reinado do momento, para os que dele participaram no ano seguinte de “mão em mão”, isto é, diretamente, sem os padres com intermediários.

8º) O regresso dos participantes às sedes, alugadas ou cedidas, onde é servida a comida ou lanche e usufruído o descanso, no intervalo das cerimônias, é visto durante o Reinado em Itapecerica. Obedece a antigas normas, conhecidas também em outras localidades.

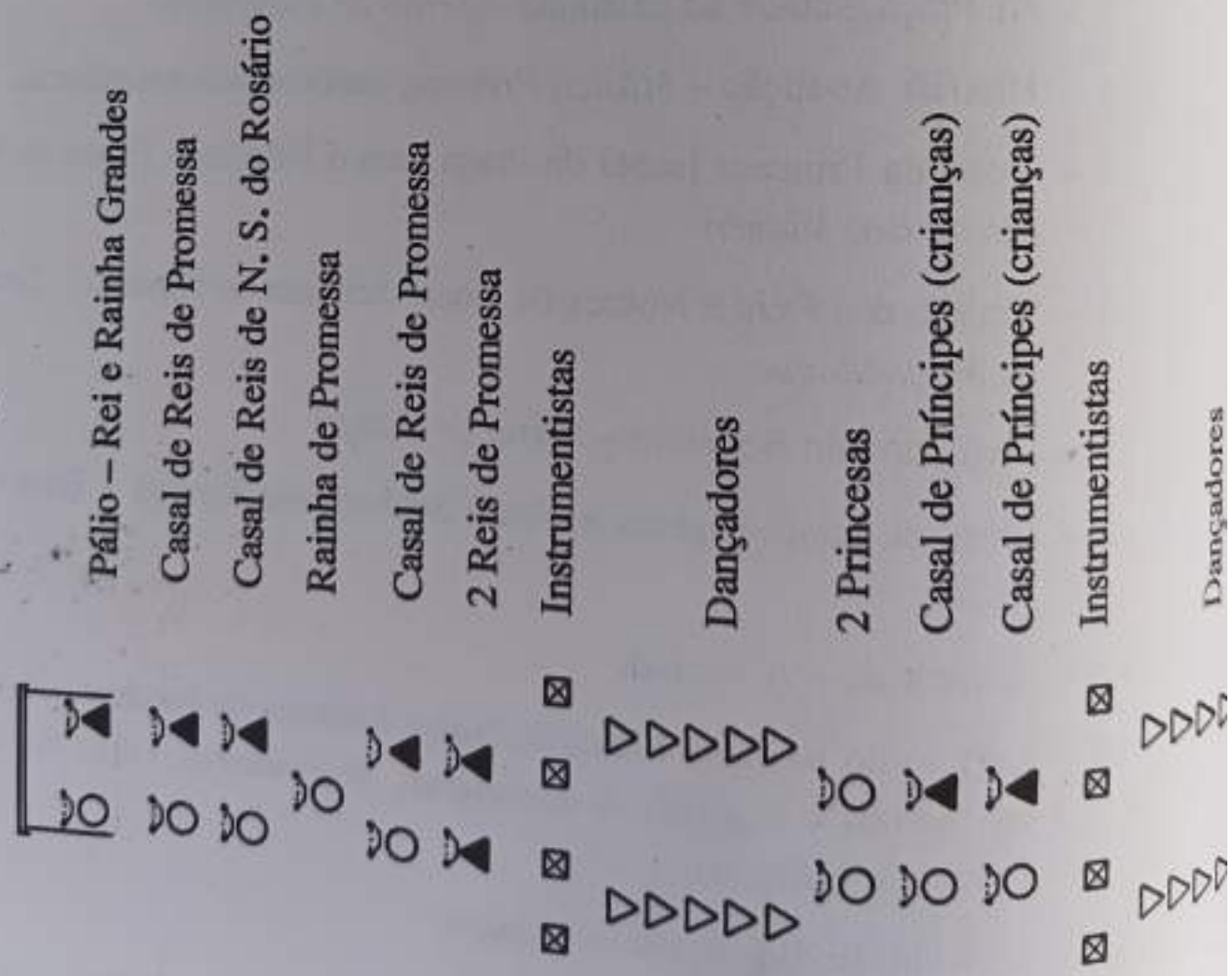
9º) Em Itapecerica, dois homens, sempre os mesmos, encarregam-se do levantamento anual dos mastros, garantindo a eficiência da operação, como acontece em outras regiões, em eventos congêneres.

FASES DO REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA  
E "TERNOS" QUE AS ACOMPANHAM

- 1 – Trajeto da Rua Juscelino Kubitschek para a Rua do Rosário – *Terno de Moçambique*
- 2 – Trajeto da R. Rosário para a Praça Santa Cruz (Rosário) – *Terno de Marinheiro*
- 3 – Na Praça – *Terno de Marinheiro*
- 4 – Levantamento da Bandeira de Nossa Senhora do Rosário – *Terno de Moçambique*
- 5 – Levantamento da Bandeira de São Benedito – *Terno de Catupé (Congada)*
- 6 – Trazer a Princesa Isabel do Palácio (casa) para a Praça – *Terno de Vilão da Boa Viagem*
- 7 – Na Praça, subida ao palanque – *Terno de Vilão Novo*
- 8 – Hino da Abolição – *Música Própria*, cantada pela assistência.
- 9 – Volta da Princesa Isabel da Praça para o Palácio – *Terno de Vilão da Boa Viagem*
- 10 – Trajeto dos Reis e Nobres de Nossa Senhora do Rosário – *Terno de Moçambique*
- 11 – Idem, de São Benedito – *Terno de Catupé*
- 12 – Idem, de Santa Ifigênia e Nossa Senhora das Mercês – *Terno de Vilão*
- 13 – Amarração – *À vontade*
- 14 – Cortejo do Reinado Maior de Nossa Senhora do Rosário – Todos os “ternos”: *Catupé, Moçambique, Marinheiro, Vilão da Boa Viagem e Vilão Novo*
- 15 – Descida das Bandeiras – *Congada*

Nota: É importante lembrar que os “ternos” recebem a denominação dos gêneros musicais e coreográficos que executam.

# Cortejo a caminho do Largo do Rosário



Instrumentistas

Dançadores

Casal de Reis de Santa Ifigênia

Casal de Reis Perpétuos

Casal de Príncipes

Instrumentistas

Dançadores

Princesa Isabel e seus 3 guardas









Instrumentistas

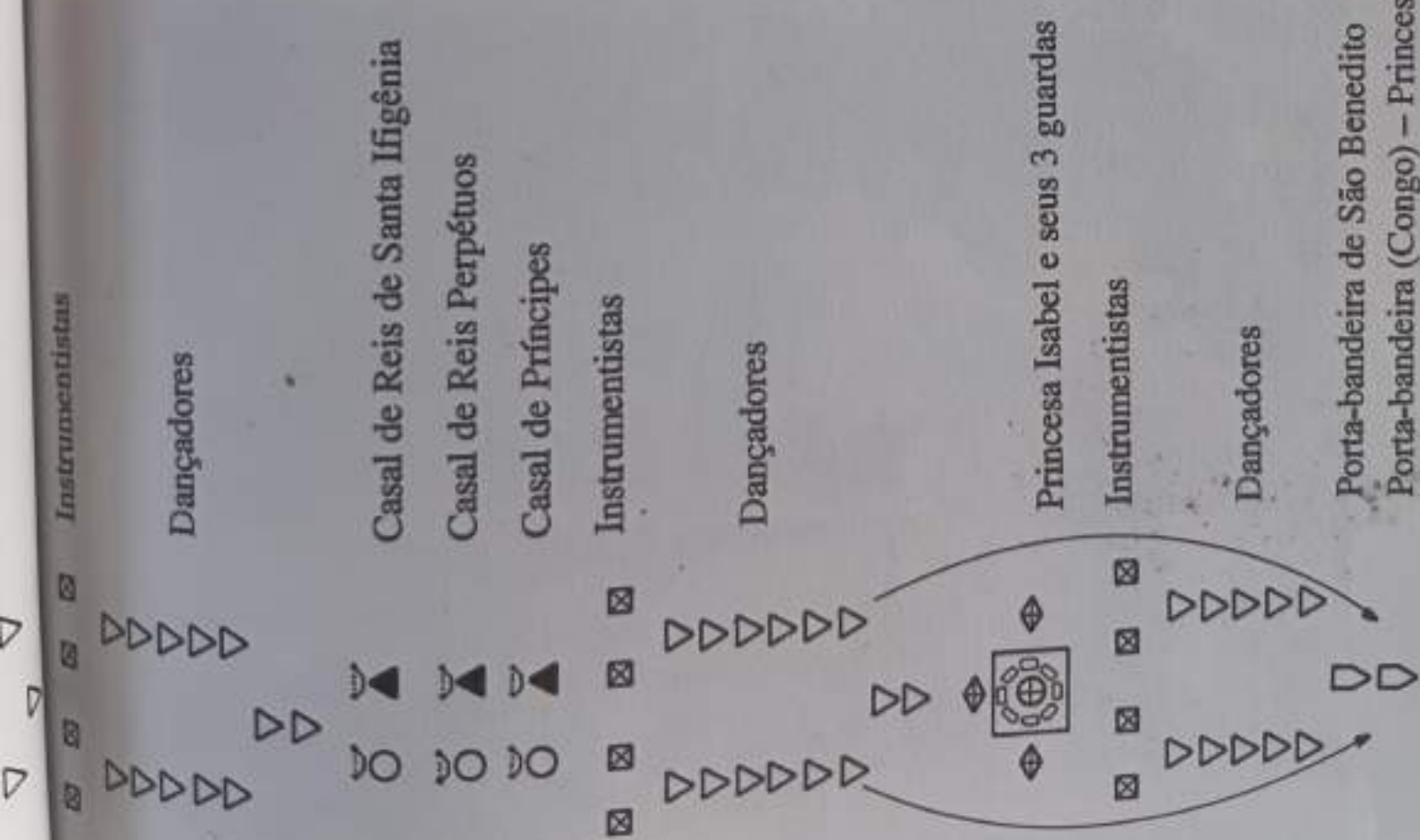
Dançadores

Porta-bandeira de São Benedito

Porta-bandeira (Congo) – Princesa Isabel

### Convenções:

-  Rei ou Príncipe
-  Rainha ou Princesa
-  Músico
-  Dançador
-  Princesa Isabel
-  Porta-bandeira
-  Trajeto
-  Guarda





- Barraca de doces – cortando a cocada
- A Autora entrevistando um dono de barraca

## 2.6. BARRACAS ARMADAS DURANTE O REINADO DO ROSÁRIO

As barracas acompanham o Reinado em toda a sua duração. Após o término da apresentação de cada dia, os espectadores e participantes permanecem na Praça do Cruzeiro, prolongando à noite. As barracas oferecem-lhes salgados, doces, refrigerantes, jogos e possibilitam a compra de lembranças que marcam a presença de cada um e alegam o retorno. Instaladas na Praça, contornam-na por três lados, deixando livre o lado superior onde está instalado o palanque em que se acomodam a nobreza do Reinado e as pessoas gradas e na frente do qual é montado o cenário da Libertação dos Escravos.

As barracas, assim como os forrós, que funcionam todas as noites, constituem a parte recreativa que acompanha o Reinado. Algumas são maiores e melhor apresentadas, outras menores e mais modestas. Os visitantes e os da terra passeiam por elas, compram pequenas recordações, comem e bebem e fazem joguinhos inocentes.

Visitamos todas, examinamos o estoque de cada uma e conversamos com os proprietários. Eram as seguintes:

1 – *Barraca de comes e bebes* – Vendia churrasco, bebidas, docinhos e farinha. Chamou-nos a atenção a farinha, produto típico da região. Pertencia a Edson Araujo.

2 – *Barraca de doces* – Incluía cocada branca, cocada queimada, pacotinhos de pedaços de coco açúcarados, “maçã do amor” (a fruta caramelada) e “brigadeiro” (doces pequenos e redondos feitos com leite condensado e chocolate). Proprietária – Wilma Santos Pereira.

3 – *Barraca “Rigue”* – Com material que permite fazer uma “fezinha” em times de futebol mineiros. Dono: José Ferreira da Costa.

4 – *Barraca de mini-cigarro* – Com maços arranjados manualmente.

5 – *Barraca mista* – Vendia pinga, salgados e doces. Donos: Maria Vitória Araujo e Balbino Moreira.

6 – *Barraca do jogo de futebol* – “Zebra” – Opção: times cariocas, paulistas e mineiros, muito bem instalada. Proprietário: Alvimar Alexandre.

7 – *Barraca de jogos variados* – Próprios de parques de diversões e feiras de promoção – Procedente de Belo Horizonte.

8 – *Barraca de jóias* – Pequena, bem cuidada, vendia “fantasias”, isto é, jóias não verdadeiras, imitando brilhante, pérola, ouro e prata. Dono: Geraldo Teixeira.

9 – *Barraca de “bife de palito”* – Oferecendo os bifés que lhe dão o nome, isto é, carne enrolada, com recheio, presa por palito e, ainda, picadinho acebolado, cachorro quente e bebidas. Era grande e simples. Pertencia à Marcia Costa.

10 – *Barraca salada milanese, fria* – Vendia prato frio, inspirado em receita da Exposição Agro-Pecuária de Belo Horizonte, tendo como ingredientes: alface, repolho, pimenta, salsicha, carne moída, tomate picado e molho. Muito saborosa, vendida a 3 cruzados novos a porção, colocada dentro do pão, como sanduíche. Nesta barraca encontrava-se, também, churrasco de carne de porco e de vaca, acompanhado de farinha de mandioca, quentão e “maçã do amor”. Bento Barraqueiro, seu dono, veio de Divinópolis, perto de Itapecerica e corre o Estado de Minas há 8 anos.

11 – *Barraca de salada milanese, quente* – Menos completa que a anterior, é servida quente. Vendia, ainda, churrasco de carne de porco e de vaca, quentão e conhaque.

Pelo que vimos, os compradores mostravam preferência pela farinha de mandioca, acrescentada a tudo que possível, e doce de coco, ambos bastante conhecidos. A salada milanese, fria ou quente, constituía novidade e foi muito apreciada.

## III PARTE

### 3.1. ANOTAÇÕES SOBRE OS REINADOS CIRCUNVIZINHOS

Localidades próximas a Itapecerica ou pertencentes a ela possuem Reinado, atestando que o seu raio de expansão é maior do que se supõe à primeira vista. Aproveitamos nossa permanência naquela cidade para algumas averiguações. Em Boa Viagem, sub-distrito de Itapecerica, é visto no mês de maio. Lamounier<sup>(1)</sup>, distante 9km e a ela pertencente, realiza-o em setembro. Em Neolândia, a 18km, apresenta-se, anualmente, em setembro. Partidário, a 12km, Sabarazinho, quase à mesma distância, e Taquara têm o seu Reinado, de menores proporções. Barra possui o seu.

A cidade de Candeias apresenta o Reinado em setembro, mês preferencial pelo que foi visto, com cinco mastros e oito ternos, chefiado por Zé Ponte, que ultimamente colabora no Reinado de Itapecerica, com muita eficiência, como pudemos comprovar. O Reinado de Candeias inclui mastros e bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora da Guia. Os ternos são: três de Vilão de faca e vara, dois de Moçambique, dois de Catupé. Os ternos de Moçambique são de saia, raro hoje em dia, sendo um só de pretos<sup>(2)</sup>. As figuras do Vilão são iguais às do Vilão de Itapecerica, mas o ritmo é mais rápido.

Recolhemos interessantes dados sobre o Reinado de Bom Despacho<sup>(3)</sup>, a 100km aproximadamente de Itapecerica, por meio de Maria José Gontijo, enfermeira naquela cidade. O Reinado local tem muitos "cortes" (equivale a "ternos"). Em sua apresentação anual, cada "corte" sai de um ponto da cidade. O "corte" apresenta de 30 a 40 homens e uma Rainha que vem na frente. Os figurantes são todos do sexo masculino, com exceção da Rainha. Cada "corte" adota uma cor para os trajes. Se houver repetição, os detalhes da roupa, enfeitada com passamanaria, estabelecem a distinção. Os elementos do corte usam

(1) A Indústria Lamounier, local, deu nome à cidade.

(2) Em Perdões (MG) vê-se Moçambique de saia e todos os participantes são pretos.

(3) Consta que o nome da cidade provém do fato de presidiários portugueses, refugiados no Brasil, precisando do perdão de Dom Manoel, Rei de Portugal, fizeram promessa de construir uma igreja à Nossa Senhora se conseguissem bom despacho. E conseguiram.

boné e manto. As pessoas ficam nas janelas para ver os “cortes” passarem. Estes param diante das casas. Gente de fora vem assistir à apresentação e, onde tem Reinado, seus “cortes” comparecem. Dançam um tipo de Congada. O acompanhamento instrumental é bumbo e chocalho.

No último dia todos os “cortes” vão à igreja. É celebrada a missa e levam prendas. Cada participante (homens) convida namorada, amiga ou parente para ir à igreja com ele<sup>(4)</sup>. As convidadas levam sombrinha por causa do sol<sup>(5)</sup>. Os padrinhos e madrinhas dos cortes, que são em grande número, oferecem um jantar. São escolhidos com um ano de antecedência. O Reinado de Bom Despacho apresenta-se até hoje.

Em Bom Despacho havia mineração, próxima à zona rural, onde a família da informante tinha propriedade agrícola, há 40 anos, aproximadamente. Havia bastante garimpeiros. Como em Itapecerica, a mineração e os escravos ligados a ela podem ser responsáveis pelo aparecimento do Reinado de Bom Despacho.

Em Cláudio, a 39km de Itapecerica, a Cavalhada, cortejo a cavalo que sai de uma fazenda, dá volta pela cidade e retorna ao ponto de partida, dá início ao Reinado, que é mais ou menos como o de Itapecerica.

### 3.2. ASPECTOS CULTURAIS DE ITAPECERICA

Nesta parte, a nossa intenção é dar uma idéia, embora superficial, sobre o que vimos e procuramos saber durante a nossa permanência na cidade, acrescentando novas informações às apresentadas anteriormente.

*Trançados* – As colchas feitas em tear continuam sendo procuradas. As tecelãs estão se tornando raras, tanto quanto o material necessário e sua confecção. Famosas em Goiás, Bahia, Minas e São Paulo (na divisa com Minas), de onde procedem as que conhecemos melhor, a técnica de elaboração tem evoluído. No litoral da Bahia estão partindo para a textura da peça lisa e desenhos posteriores feitos à mão com agulha, ficando o avesso desprovido dos mesmos, o que facilita o tra-

(4) Maria José foi convidada quando tinha 12 anos.

(5) Vimos num documentário de Pratápolis (MG) dançarem a Congada com sombrinha, pela mesma razão.

balho mas diminui o seu valor intrínseco. No geral, os recursos para a obtenção dos fios e a técnica das tramas, variável para cada modelo, mantêm a forma tradicional em Itapecerica.

Tivemos referências a duas tecelãs locais: uma perto da cidade, no caminho do Camacho, e outro próxima à Praça Santa Cruz. Falaram-nos, ainda, na Luíza. Não conseguimos ver o trabalho de nenhuma delas. Houve desencontros. Fica a indicação e a certeza de que ainda continuarão um trabalho raro e de valor. O nome de "colcha", pelo qual é conhecida, confunde os não-familiarizados com o assunto. Como são confeccionadas em lã natural, cardada, o termo apropriado seria "cobertor" ou "colcha de lã".

Vimos peneiras, cestos e balaios, em taquara e cipó, de diferentes modelos, de consumo maior no meio rural.

*Escultura em madeira* – Ficamos conhecendo as figuras e pranchas de Oliveiros, 30 anos, aproximadamente, branco, funcionário da Nacional de Grafite. Trabalho bom, com características pessoais e preço considerado alto. O São Francisco destacou-se entre outras peças. Aprendeu com um senhor italiano, do qual ficou-lhe a influência semi-erudita.

*Cerâmica* – Só pudemos ver um ceramista popular, branco, de 18 anos, que faz pequenos animais, com predominância, na ocasião, de leões. Usa barro claro, cozinha-o e deixa as peças ao natural. Nota-se a influência de revistas e de televisão, nos desenhos.

*Danças e Folguedos* – Como parte do Reinado do Rosário, são encontrados os folguedos Moçambique, Catupé (Congada), Marinheiro (Congada), Vilão Novo e Vilão da Boa Viagem, já comentados: Modernamente, há dúvidas em se classificar o Vilão como dança ou folguedo. Depende de características que não serão tratadas aqui. Para nós, o de Itapecerica é folguedo. A modalidade de faca e vara é rara e muito interessante. Sua riqueza coreográfica advém do número de figuras que apresenta – vinte e duas. No vilão, os violões estão mais presentes do que as violas e o acordeão faz parte do acompanhamento atual. O vilão a cavalo, fora do Reinado, existia por volta de 1940. As varas eram enfeitadas com fitas, assim como os cavalos, cujo peitoral e crina adornavam com flores. Os cavaleiros "brincavam", como dizem, vestidos de soldados, formados em duas colunas, fazendo-nos lembrar

a cavalhada. Examinamos fotografia em que os participantes usavam “casquete” de papel repicado e bolero.

As Folias de Reis são muito comuns em Itapecerica. Informaram-nos existir perto de vinte e cinco grupos. Fotos de 1938 registraram-na com estandarte, três Reis e um palhaço. O elevado número de “ternos” vistos no momento deve se ligar às comemorações natalinas, tão respeitadas no passado, à religiosidade dos portugueses e o amor que Itapecerica demonstra pelas tradições.

*Parte Religiosa* – A igreja de São Francisco, que alguns chamam de Igreja de Santo Antônio, deixa o visitante em dúvida. Embora a Ordem Terceira do Cordão de São Francisco esteja ligada a ela, na parte central do altar-mor encontra-se São Francisco e logo acima, também no centro, figura a imagem de Santo Antonio. No teto ambos dominam, sem nenhum outro Santo. Embora São Francisco seja o fundador e Santo Antonio um membro da Ordem, a grande projeção deste, com devotos numerosos e assíduos, permitiu paralelismo posterior. Daí, talvez, o belo templo barroco reverenciá-los igualmente.

Em Itapecerica existe um precioso arquivo de músicas sacras e barrocas, compreensível pelo estilo e época de seus templos, pela influência econômica e política que a cidade exerceu nos tempos áureos.

A título de ilustração, mencionamos a presença de São Francisco de Paula, santo do Brasil colonial, em São Francisco das Oliveiras, como seu padroeiro. A introdução de sua devoção em nosso País, data da época do descobrimento, daí não ser de se admirar a sua figura, hoje tão rara, em região verdadeiramente histórica<sup>(1)</sup>. A Festa de Nossa Senhora do Desterro, em Marilândia, junto a Itapecerica, é outro evento que merece registro.

*Septenário* – Também chamado Semana das Dores, antecede a Semana Santa e projeta a figura de Maria e suas dores. Reveste-se de cuidados e elaborações. São programadas cerimônias para relembrar as sete dores da Mãe de Jesus. Começa no domingo e vai até o sábado seguinte.

(1) “Em São Francisco de Paula, Santo do Brasil Colonial”, fazemos um levantamento da devoção deste Santo em nosso País. (Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Vol. LXXVI, 1980).

O altar-mor é coberto por uma cortina preta, só retirada no final do septenário. Este começa às 19 horas. Inclui obrigatória e diariamente: *Invitatório do Septenário*, do Padre João de Deus, *Antífona*, *Respório*, *Ladainha* (cantada). A seguir o *Sermão*, no qual, em cada dia, é comentada uma dor de Nossa Senhora; depois é dada a *Bênção do Santíssimo* e rezada a *Oração Final* ("Deus e Senhor nosso, protegi a nossa igreja, etc", muito conhecida).

Durante o Septenário são usadas sete imagens, diferentes, de Nossa Senhora das Dores, todas elas antigas, com roupas de tecido, manto de veludo e cabelos naturais, doados por promesseiros. É rezada missa na Igreja de São Francisco, seguida de *abertura* do Septenário. Os sermões obedecem aos seguintes temas:

Dia 5 (domingo)	– 1ª Dor: Profecia de Simeão
Dia 6 (segunda-feira)	– 2ª Dor: Fuga para o Egito
Dia 7 (terça-feira)	– 3ª Dor: Perda do Menino
Dia 8 (quarta-feira)	– 4ª Dor: O Caminho do Calvário
Dia 9 (quinta-feira)	– 5ª Dor: Maria aos Pés da Cruz
Dia 10 (sexta-feira)	– 6ª Dor: Com o Filho Morto nos Braços
Dia 11 (sábado)	– 7ª Dor: O Sepulcro – Soledade de Maria

### Encerramento do Septenário

*Semana Santa* – Itapecerica guarda e relembra, anualmente, as tradições e cerimônias da Semana Santa. Dá-lhe aspectos familiares aos itapecericanos, porém quase desconhecidos dos adventícios. Como nos velhos tempos, a cortina negra isola o altar-mor durante a Semana, abrindo-se nos momentos devidos. Reúne, à grande altura, valendo-se de escadas, as imagens daqueles que acompanharam de perto o Crucificado: João, Maria Madalena, José Nicodemos, José de Arimatéia, reproduzindo os últimos cenários que seus olhos viram. Cobrem o corpo do Senhor Morto com manjerição, rosmaninho e alecrim, ramos que são levados pelos devotos para dar sorte. Mais carinhosos e raros do que as moedas que Lhe deixam num pratinho, em muitas regiões, trocadas pelos visitantes por outras, com aquela finalidade, tendo em vista porém, mais freqüentemente, a sorte econômica.

As cerimônias prescritas envolvem as várias igrejas locais: a Igreja de São Francisco, a Matriz, a Igreja das Mercês e a Praça Santa Cruz, onde a imagem do Senhor dos Passos se encontra com a de Nossa Senhora das Dores, para o Sermão do Encontro. Resumimos estas cerimônias para que possam imaginá-las, revestidas do maior respeito e religiosidade, nas antigas ruas, com suas casas coloniais e nas ricas igrejas de Itapecerica. Além das missas obrigatórias do período, a programação é a seguinte:

*Domingo de Ramos* – Bênção dos ramos e procissão;

2ª feira – Procissão do Depósito do Senhor dos Passos;

3ª feira – Procissão de Nossa Senhora das Dores;

4ª feira – Procissão e Sermão do Encontro;

5ª feira santa – Instituição da Eucaristia, cerimônia do Lava-pés e adoração do santíssimo;

6ª feira santa – Veneração da Imagem do Senhor Morto e Via Sacra nas ruas, feita por grupos de reflexão;

Sábado santo – Bênção do Fogo Novo, procissão de Velas com o Sírrio Pascal e procissão do Santíssimo Sacramento;

Domingo da Ressurreição – Procissão do Triunfo de Nossa Senhora, Coroação de Nossa Senhora e encerramento da Semana Santa.

Para quem conhece as solenidades da Semana Santa, é fácil imaginar as procissões percorrendo as ruas, os andores enfeitados de acordo com as circunstâncias, as figuras de Jesus e Maria dominando o ambiente, envolvendo de emoção e tristeza os devotos. Embora todo este conjunto de evocações históricas e religiosas aconteçam em outras localidades, Itapecerica tem recursos para que sejam majestosas. Seu acervo religioso possibilita outras conotações. As antigas mini-capelas distribuídas pela cidade, construídas especialmente para os “passos” da Semana Santa, permitem a evocação do trajeto feito por Jesus até o Calvário, proporcionando espetáculo inesquecível para muitos<sup>(2)</sup>. As cenas ao vivo, reproduzindo fases de seu martírio, é outra particularidade interessante. Os trajes, os objetos, as armas e todo o contexto de

(2) À semelhança do que acontece em Jerusalém onde se pode acompanhar o trajeto da paixão de Cristo.

situações enriquecem os fatos e dão colorido e significação especiais ao período de maior importância vivido pelos cristãos das primeiras horas.

Itapecerica se orgulha das suas bandas de música. A Corporação Musical Nossa Senhora das Dores dá colaboração às cerimônias da Semana Santa.

*Cosme e Damião* – Dia 27 de setembro o Centro de Umbanda de Itapecerica promove festa para as crianças, em homenagens a estes santos da Igreja Católica. Gêmeos, martirizados na Ásia, cujos corpos foram trazidos para Roma, a devoção a eles divulgou-se pela Europa, partindo de Portugal para o Brasil. São padroeiros dos médicos e confrarias médicas. Têm o poder de conseguir alimentos e evitar epidemias. Os candomblés baianos substituíram os Ibeiji, orixás sudaneses, por Cosme e Damião. Nas oblações a eles feitas costumam distribuir comidas, bebidas e executar danças. Em Itapecerica, na festa que os umbandistas promovem em homenagem a Cosme e Damião, aquelas características são encontradas. Vem gente de toda a parte.

Os participantes percorrem as ruas, distribuindo doces e balas para as crianças e dançando. Um “terno” canta o Hino de Cosme e Damião. Os devotos vão até a casa dos festeiros. Tivemos referência a Dondoca como alguém que se empenha nesta promoção.

*Culinária* – As quitandas, sempre disponíveis nas residências e indispensáveis no recebimento de visitas, atestam o préstimo das donas de casa e a eficiência das empregadas. Apresentamos três receitas fornecidas por Clara das Dores Silva e recolhidas em Itapecerica. Destacam-se pela grande aceitação e tradicionalidade. São testadas e aprovadas. Tivemos ensejo de experimentar essas iguarias quando hóspedes de Maria Antonieta Junqueira Netto Cordeiro, em Itapecerica.

#### *Broa de fubá*

- 1/2 litro de farinha de trigo
- 1 litro e 1/2 de fubá (grosso)
- mesma medida de coalhada
- 1 prato (de sopa) de açúcar cristal
- 1 copo de óleo
- 1 colher (de sopa) de manteiga
- 1 colher (de sobremesa) de sal

1 colher (de sopa) de bicarbonato, dissolvido no leite ou água  
Cravo ou canela à vontade  
Ovos até o ponto de enrolar (mais ou menos 4 inteiros)  
Forno quente.

### *Pão de queijo*

2 copos de polvilho (azedo)  
2 colheres (de sopa) de fubá de canjica ou fubá de milho  
1 colher (de chá) de sal  
1/2 copo de óleo  
1/2 copo de água  
1 copo de queijo ralado  
2 ovos

Ferva a água com o sal e o óleo, escale o fubá em cima do polvilho. Deixe esfriar um pouco, coloque os ovos e o leite e vá sovando até o ponto de enrolar.

Forno médio.

### *Rosca da Rainha*

50 gramas de fermento de pão  
1 prato (de sopa) de açúcar cristal  
1 colher (de chá) de sal  
canela à vontade  
1 copo de óleo  
2 colheres de manteiga ou claybom  
1 xícara (de chá) de queijo ralado  
5 ovos  
1 litro de leite

farinha de trigo até o ponto de enrolar (2kg e 1/2, mais ou menos)

Misture o fermento com o leite quente, uma colher (de sopa) de açúcar, engrosse com a farinha de trigo e deixe crescer.

Bata os ovos, claras em neve, depois as gemas. Coloque os outros ingredientes, menos a farinha e bata até dissolver o açúcar, por último pôr a farinha de trigo, até o ponto de enrolar. Faça as tranças, coloque em tabuleiro untado e deixe crescer. Na hora de assar, passar gema em cima e polvilhar açúcar. (Forno médio).

*Salgados* – Não fornecemos as receitas porque são fáceis de fazer e sobejamente conhecidas. Entre os pratos salgados considerados de maior agrado na região de Itapecerica, segundo Clara, com experiência no assunto, mencionamos frango ao molho pardo (feito com o aproveitamento do sangue da ave, ao qual se acresce vinagre, para não talhar), prato preferido do Presidente Juscelino; quiabo com angú, lombo de panela (semelhante ao de forno) e frango com farofa. Atualmente a farofa é feita em separado e não colocada dentro do frango cru, como se fazia antigamente, a qual ficava mais saborosa. A macarronada invadiu a cozinha mineira e está se tornando o prato mais usual, em refeições normais.

Os dados apresentados sobre arte popular, religiosidade e culinária de Itapecerica, necessitam de complementação. Têm apenas a finalidade de focalizar os assuntos apontados. O objetivo primordial deste trabalho é o Reinado de Itapecerica.

### 3.3. G.T.O., O ESCULTOR ITAPECERICANO (Entrevista comentada)

Geraldo T. Oliveira nasceu em Itapecerica (MG) em 1º de janeiro de 1913. Quando o conhecemos pessoalmente, tinha 72 anos. Miúdo, tranqüilo, simpático, amável e extremamente modesto. Mudou-se para Divinópolis, em 1970, aproximadamente. A cidade era relativamente pequena, na época. Teve desenvolvimento posterior fora do comum nos setores econômico, cultural e demográfico, enquanto a sua cidade natal estacionou, mas conservou o valioso patrimônio arquitetônico e suas tradições. Atualmente, vive isolado de tudo, dedicando-se apenas às suas esculturas, reconhecidas em qualquer lugar pelas características excepcionais. Pela primeira vez, vimo-las no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, há quinze anos, aproximadamente. Os visitantes paravam, embevecidos, diante de seus trabalhos, os mais elogiados da exposição.

Contou-nos ter recebido um prêmio da França, em 1985. Não foi recebê-lo por falta de recursos para a viagem e desconhecimento da língua. Foi premiado em 1987, na Rússia, com promessa de um emissário-intérprete para levá-lo e as despesas pagas. Teve convites da

Alemanha e Estados Unidos para apresentar seus trabalhos e criá-los diante de interessados em sua arte e técnica. Prefere “trabalhar direto, sem sair do País”.

G.T.O. dava aulas na Escola de Arte de Divinópolis. Perguntamos-lhe como, quando e porque se dedicou à Escultura. Respondeu-nos “os meus trabalhos são frutos de sonho e criação”. Em dezembro de 1956, obteve “a graça” e começou a esculpir em madeira. Tinha ido ao mato procurar lenha para o fogão. Estava sem trabalho. Quando vinha com o feixe na cabeça, sentiu uma coisa esquisita, um desejo de pegar um pedaço daqueles galhos, um canivete ou outra ferramenta e começar a trabalhar a madeira. Essa vontade veio e ficou para não mais sair. Na primeira tentativa, “já fez coisa mais ou menos”. Nunca tinha lidado com aquilo e animou-se. Ficamos sabendo que nos primeiros tempos esculpiu santos, em reconhecimento pela graça alcançada. Vimos quatro exemplares de Nossa Senhora Aparecida, da época. Ofereceu-nos um São Francisco daquele tempo. São pequenos, estilo moderno, em mogno. Há muito não faz santos. Fez no começo, hoje são raros. Os que ainda possui estão no oratório de sua mulher. Trabalha em cedro e mogno, principalmente. Depois que começou a esculpir ficou uns três anos parado, em consequência de um desastre de automóvel. Em 1968, o chofer do Prefeito de Itapecerica foi buscá-lo em Divinópolis para expor em sua terra natal. Posteriormente o Sr. Sálvio de Oliveira, de Belo Horizonte que viu suas esculturas, apreciou-as tanto que levou seus trabalhos para aquela Capital, Rio e outros Estados. Quanto estivemos em sua casa estava concluindo esculturas por ele encomendadas.

G.T.O. nos disse que trabalha sempre, a qualquer hora, dia e noite. Suas peças são extraordinariamente recortadas, vazadas, com figuras humanas em abundância, que se aglomeram e se encaixam em várias posições. Tomam forma de vítrôs circulares, como os que vimos adaptados às paredes de sua casa e outros expostos no Museu do Rio de Janeiro. Retângulos enormes e surpreendentemente elaborados destinados a vários fins, são muito requisitados. Perguntamos-lhe o porque da utilização da figura humana, dando idéia de aglomeração, envolvimento e confusão. Respondeu-nos: “é assim que vejo o mundo, de cabeça para baixo, um querendo atropelá o otro. O povo tá tudo girando. É o mundo de hoje”. Um de seus trabalhos disputados é o “Engenho

musicado". Nele se encontram peças que comandam o som. Mudando-as de lugar produzem som diferente. A sua complexidade exige muito trabalho. Vendia-o na rua, quando o Dr. Sálvio o descobriu.

O início na profissão foi o resultado de um pedido que fez à Nossa Senhora da Aparecida para que arranjasse um jeito de ganhar a vida. Depois "começou direto, sem precisar de mestre nenhum. Não é técnica, não é ensino, é Deus quem manda". Transmitiu-nos a opinião de um "entendido" da Rússia que disse "ser a arte dele um negócio que nunca houve em País nenhum e em tempo nenhum". Perguntamos-lhe por que, de vez em quando, aparece uma cruz em seus trabalhos. Atribuímos o fato à sua religiosidade dos primeiros tempos. Respondeu-nos "mais é raro, pode sê orientação de alguma pessoa, não sei de onde. Quase no começo fazia santos por causa de um sonho primitivo que tive". Em resposta ao que achava do próprio trabalho, disse: "pessoa estudada é que deve sabê o que é. Os outro é que interpreta o meu trabalho. Eu só faço o que vai saindo. Traço o desenho "male má", pra colocá as figuras, mais nem precisa. Posso trabalhá sem fazê os desenho". Fez, para vermos, traços com a caneta "bic" para um trabalho em elaboração. São rápidos, imprecisos, apenas um ponto de referência.

Contou-nos ter feito um caranguejo-tarântula e um cientista russo, vendo-o disse: "esse bicho existia na costa da África, há milênios". O estudioso identificou o animal.

Quando o visitamos (em 13 de agosto de 1987), esperava um técnico do programa "Caso Verdade" da Globo, para filmagem de aspectos da sua vida e arte. "Vem gente de toda a parte do mundo, das costas da Ásia, para conhecer o meu trabalho". Realmente, vale à pena se deslocar de qualquer lugar para conhecer, não só a arte como a pessoa de G.T.O. Suas esculturas vasadas requerem vãos maiores, menores e mínimos. Emprega ferramentas rústicas e técnicas por ele criadas. Apesar da abundância de detalhes, frente e verso recebem o mesmo polimento e cuidado. Contrasta com sua arte ousada, a figura simples, modesta e discretamente afável.

Quando chegamos, estava trabalhando. Examinamos as ferramentas utilizadas e indagamos sobre a maneira de utilizá-las. Foi-nos explicando: "serrote, para preparar pedaços grandes de madeira; *for-mão* escanteado à direita e à esquerda, quando dá jeito trabalho dos

dois lados, bato com *macete* na madeira; as *pua* é prá vazá o lugar mais apertado e favorecer na entalhação do *formão*; *serrote* menor prá cortá pedaço mais pequeno de madeira”. Utiliza mogno não muito seco, para que a madeira não fique dura, facilitando o trabalho.

Ao passar em sua residência, na ida, a caminho de Itapecerica, encomendamos-lhe uma peça pequena, que pudesse ser feita até a nossa volta, que seria em breve. Dela resultaram três interessantes figuras entrelaçadas. Avisou-nos que o mogno estava claro por não estar bem seco e que ficaria de cor avermelhada e característica com o passar do tempo, como realmente aconteceu, tornando a escultura mais bonita. Notei que a parte posterior da peça não tinha o acabamento habitual. Pareceu-nos que o polimento foi insuficiente, o que atribuímos à pressa. Sem que nada disséssemos, seu neto comentou que o mogno oferece muita resistência e que G.T.O. atualmente não tem força suficiente para deixar as duas faces igualmente trabalhadas. Cabe-nos a observação de que as várias fases de um artista se modificam e que cada uma delas tem seu valor. O avançar dos anos cria limitações num sentido e vantagens em outro.

Quanto ao ambiente familiar, ficamos conhecendo sua mulher, Maria Quirina de Oliveira, que começou a benzer no dia em que pediu para o marido arranjar serviço. Não havia benzido antes. Foi na Igreja de São Bom Jesus de Divinópolis que pediu a graça. Inesperadamente, G.T.O. teve vontade de esculpir. Recolhia tábuas e pedaços de madeira na rua e começou a trabalhar. A atual residência do casal, ampla, bem situada mas sem luxo, tem espaço reservado para um futuro museu. Esculturas são encaixadas nas paredes como vitrô, quadrados ou redondos. A iluminação se faz através da parte vazada que separa as figuras.

Referindo-se ao neto, Geraldo Fernando de Oliveira, presente à entrevista, disse ser um “primitivo criador”. Seus trabalhos são muito parecidos com os do avô. Temas e técnicas têm semelhança e as iniciais que os identificam GFO podem confundir-se com GTO. Mário Pereira Telles, seu filho, é desenhista e “tem técnica”, segundo avaliação paterna.

Nosso contato com G.T.O., vendo-o trabalhar, conhecendo sua casa, conversando com a esposa, apreciando seus trabalhos, os do neto e comparando-os, nos trouxe novos conhecimentos sobre sua arte e grande satisfação, criada por essa intimidade. As paredes externas

da grande sala tornaram-se repositório de seus trabalhos, permitem apreciá-los e nos levam a pensar, como ele próprio, que tudo é milagre. A modéstia que o caracteriza contrasta com sua criatividade e a surpreendente mobilidade de suas figuras. Para quem nunca saiu de um pequeno mundo e do auto-didatismo, o destaque de seus trabalhos em exposições de primitivos, em várias latitudes e as merecidas premiações nos fazem concordar com o artista, mais uma vez, que a mão de Deus o abençoa.

.....

Neste trabalho procuramos dar uma visão, embora rápida, de outros aspectos culturais do povo de Itapeccerica, como subsídio para avaliação, em pequena dimensão, do meio em que se desenvolve a mais representativa manifestação popular local – o Reinado do Rosário – nosso principal objetivo.

# REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

ITAPECERICA - NOS DIAS 10, 11, 12, 13 E 14 DE AGOSTO DE 1985

A Associação do Reinado do Rosário, através de sua Diretoria e Comissão Organizadora, vem divulgar e anunciar para os dias 10, 11, 12, 13 e 14 de agosto de 1985, Os Festejos em louvor de Nossa Senhora do Rosário Santa Efigênia, São Benedito e Nossa Senhora das Mercês.

O que para tanto convida todos os devotos e o povo em geral.

## PROGRAMA

Dia 27 de julho e 03 de agosto, a noite: - Visita aos festeiros.

Dia 08 de agosto: - Santa Missa na Igreja do Rosário, às 19:00 horas, sendo celebrante, Padre Bento Mateus Borges, e logo após reunião da Diretoria, Dançadores e Festeiros.

Dia 10, sábado às 20 horas - Levantamento das bandeiras com a presença dos senhores mordomos.

Dia 11, domingo às 10:30 horas - Libertação dos escravos, onde será lido o decreto da Lei Áurea, pela Senhorita Raquel Maria Morais Malaquias, que com muita honra representará sua Alteza a Princesa Izabel. Às 20:00 horas, Reinado maior do Rosário, com a presença da corte Real, Rei da Corôa Grande: Laert Bento Chaves e Rainha Raimunda Maria Morais.

Princesa Izabel, demais reis, rainhas, príncipes e princesas, que formam o grande e solene cortejo do tradicional Reinado do Rosário de Itapecerica.

Dia 12, segunda feira, às 20:00 horas - Reinado de São Benedito.

Dia 13, terça feira, às 21:00 horas - descida das Bandeiras, Coroação, nomeação e despedida.

Dia 14, quarta feira, às 18:00 horas - Procissão, Missa celebrada pelo Revmo. Padre Bento Mateus Borges. Festa da Colheita, Lulões, para o que pedimos a generosa contribuição do povo.

Todos os dias, teremos a presença de sua Alteza, Princesa Izabel.

Cumpra a Comissão Organizadora do Reinado comunicar a todos os festeiros que os ternos irão buscá-los em suas casas às 16:00 horas e a chegada do Reinado no Rosário será por volta das 22:00 horas. As amarrações para quem não participar diretamente dos festejos, foram tabeladas no mínimo de Cr\$ 10.000. Lá no alto do Rosário os ternos farão uma apresentação, neste local não há quantia estipulada.

### Pela Diretoria

José Gomes Filho - Cap.-Mor      Antônio Anielo D'Alessandro - Cap.-Regente      José Pontes - Cap.-Suplente      José Custódio - Coord. Palanque

**ARMAZÉM N S APARECIDA**  
de Pedro da Silva Paz  
gêneros, armazinho, bebidas  
miudezas em geral.  
R. Berlink Araújo, 243  
Itapecerica Minas

**CASA ARAÚJO LTDA**  
Material para Construção  
P. Lincoln L. Ribeiro, 60  
Fone 341-1291  
Itapecerica Minas

**ARMAZÉM SELETO LTDA.**  
P. Lincoln L. Ribeiro, 6  
Fone 341-1295  
Itapecerica Minas

**PANIFICADORA OJAN LTDA**  
R. Cel Leopoldo, 6  
Fone 341-1424  
Pães quentes a toda hora,  
vários depósitos na cidade,  
aceitamos encomenda para  
festa.

# *Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica*

Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica, por Inter-  
médio de sua Diretoria, Capitão Mór, Capitão Regente, Capitães de  
Ternos e seus comandados, agradecem aos festeiros em geral pela  
acolhida e a dedicação que obtivemos de cada um, às autoridades  
civis, militares e eclesíásticas, sempre nos apoiando para o bom  
andamento de nossa festa, à Diretoria do Reinado da Boa Viagem com  
um Terno de Vilão há dois anos nos honrando com sua presença,  
ao Sr. Prefeito e seu quadro de funcionários, obtivemos tudo aquilo  
que foi solicitado, a Imprensa sempre nos dando o seu apoio, a todos  
conterrâneos, amigos e colaboradores, pedindo a Nossa Senhora do  
Rosário uma benção e deixando o convite para o agosto de 1985.  
Contando com a sua presença, colaboração, tolerância, pois prometemos  
trabalhar, preservar e melhorar dia a dia o Reinado que Itapecerica e  
seus filhos merecem.

A todos o nosso muito obrigado.

Pela Diretoria

Presidente : Clélio Ferreira da Silva

Tesoureiro : Manoel Henrique de Souza

Capitão Mór : José Gominho

Capitão Regente : Altamiro Lima

# ANEXO



- Altar, armado no Reinado, na Praça. Imagem de Nossa Senhora e outras
- Palanque e roda



- Autoridades e participantes no palanque
- Dr. Severo Ribeiro da Silva, orador, Capitão-Mór Gominho e Santos



- Na frente, Rei e Rainhas Perpétuos. Atrás, figuras da nobreza  
- Princesa Isabel entre nobres. Abaixo, Rei e Rainhas



- Rei e Rainha da Corôa Grande  
- Rei e Rainha de São Benedito



- Rei e Rainha de Santa Ifigênia
- Bandeiras dos Santos padroeiros do Reinado



- Terno de Moçambique que foi buscar a Rainha
- O Rei, em sua residência, o Cap. Olivério e moçambiqueiros



- Pálio que protege o Rei e a Rainha e "terno" de Moçambique
- Porta-bandeira, a Autora e Zé Ponte



- Terno de Vilão da Boa Viagem (faca e vara)
- Terno de Catupé



- Terno de Marinheiro
- Terno de Vilão Novo (vara)



- Antigo moçambiqueiro com "gunga" (latinha com seixos)
- Instrumentistas



- Zé Ponte e companheiro, executando a "benção"
- A Autora entrevistando o Cap. Olivério dos Santos e Zé Custódio



- Participantes do Reinado no "quartel"
- O Capitão-Mór Gominho (centro) e participantes do Reinado



- Fogos abrilhantam o Reinado, à noite
- Terno de Vilão tem como fundo a cidade iluminada



- A roda, o cadafalso
- Escravos, Autora e os Capitães Anielo e Olivério



- Objeto de uso dos escravos
- A escrava-cozinheira (Geralda Pio), grande intérprete



- Escrava cardadeira e escrava fiandeira
- Escravos acorrentados



- Escravos e público aguardam a Abolição
- Frade franciscano e escravos condenados à forca



- Chegada da Princesa Isabel (Raquel Maria Morais Malaquias)
- Princesa Isabel após a leitura do Decreto da Abolição



- Escravos libertados da forca
- Princesa Isabel entre escravos livres



- A volta da Princesa Isabel para o "palácio"
- Coche da Princesa Isabel, guardado no "quartel"



- Procissão do Reinado do Rosário
- Princesas do Reinado da vizinha Lamounier



- Capitão Altamiro F. Lima e integrantes do Reinado de Lamounier  
- Semana Santa ao vivo, em Itaipicérica



- Imagens de roca: Nossa Senhora das Dores e São José – Itapecerica  
- “Passo” (capela) para via-sacra e “terno” de vilão



- G.T.O. e suas famosas esculturas em madeira
- G.T.O e seus instrumentos de trabalho, quando entrevistado pela Autora

# VERSOS E MÚSICAS DO REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA

## LEMBRETES

Pela complexidade do Reinado do Rosário de Itapecerica, acompanhado sempre de composições poéticas, habitualmente cantadas, os versos *improvisados* são abundantes e variados. É a forma usual de transmitir os sentimentos, de revelar as emoções.

Não há quem consiga manter-se indiferente diante de manifestação popular tão diversificada. O espectador fica embevecido com a sucessão dos acontecimentos de caráter religioso, patriótico em certas ocasiões, históricos em outras. São acrescidas circunstâncias especiais e ao ambiente natural, por si só adequado, somam-se artifícios necessários ao momento. Pode-se imaginar o envolvimento dos participantes. A emotividade explode em versos que revelam uma filosofia pessoal, ingênua, porém enriquecida de experiência de vida. Evocam coisas e fatos que nos fazem pensar e nos levam a entender suas verdades. Variada e autêntica, sua poesia é prejudicada, às vezes, nos registros, quando os recursos disponíveis não permitem conservá-la na forma original. Não raro, as idéias e sentimentos não são guardados e traduzidos com a devida autenticidade. As "falas", tão importantes, perdem em sua essência. As palavras, tão desejadas, surgem incompletas, mutiladas em seu nascedouro ou posteriormente, dificultando a expressão. O ritmo musical rápido ou a aceleração eventual embaraçam a pronúncia, pouco familiar aos estranhos, além de outras causas que a prejudicam. Isto não impede que mensagens de valor sejam transmitidas com simplicidade e inocência que as fazem, não raro, passar despercebidas.

Em nossa amostragem, que se prende a aspectos de interesse ambiental, sociológico, histórico, religioso e vivencial, procuramos manter o meio termo: não pecar pelo excesso (que seria o ideal, pela maior disponibilidade de dados) e nem pela falta (para não empobrecer o acompanhamento dos textos musicais) o que seria contra-senso, pela profusão de versos que a improvisação oferece.

A parte poética, neste trabalho, figura ora isolada, para diversas observações, ora anexada aos textos musicais, para que música vocal e música instrumental se associem. Os cantos que ouvimos "in loco" deixaram transparecer o poder persuasivo e a amplitude do universo

ambiental. São ricos e variados, apesar de nascerem em espaço geográfico reduzido e distanciado de maiores urbes. As gravações ouvidas e as letras das músicas apresentadas configuram temas locais e ao mesmo tempo universais.

Enquanto alguns versos foram obtidos através de registros diretos, feitos por nós, muitos o foram por meio de fitas gravadas. As partituras baseiam-se, exclusivamente, em gravações realizadas durante o Reinado do Rosário de 1985, a cargo de João Batista (J. B.), da Rádio Itapecerica. Nas fitas encontram-se indicações sobre os dirigentes dos "ternos" e alguns trajetos. Numa delas constam observações nossas sobre fases do Reisado.

Nas pesquisas de campo tomamos contato com o acervo musical do Reinado, mas as fitas serviram de base para a musicografia, da qual se encarregaram a Prof<sup>ª</sup> Vera Lúcia Villela, o Prof. José Antonio Nogueira e o Maestro Antonio Mendes, com a supervisão da Prof<sup>ª</sup> Vera Lúcia e nossa.

Nos textos musicais apresentados figuram os acompanhamentos instrumentais utilizados, incluindo instrumento de percussão (tambor ou caixa, pandeiros e chocalhos) e de corda (violão e cavaquinho), empregados de acordo com a modalidade em vista.

Os ritmos correspondentes aos instrumentos que o fornecem encontram-se anexos às partituras do Catupé, Marinheiro, Vilão da Boa Viagem (faca e vara) e Vilão novo (Vilão de Itapecerica). O acordeão aparece na Congada de Itapecerica, ao lado de outros instrumentos, como acontece em várias localidades mineiras e não usual em muitas áreas geográficas. Apresentamos vários exemplos de cada modalidade porque o uso das mesmas é amplo, no Reinado.

A Congada (ou Congo) é conhecida em Itapecerica como Catupé (ou Quatro-pés) e Marinheiro, não se restringindo à nova nomenclatura, apenas àquela localidade.

Catupé, Marinheiro, Moçambique e Vilão são predominantemente manifestações coreográficas. No Reinado de Itapecerica, aparecem em trajetos onde o caráter de desfile predomina. Presentes em muitas fases do Reinado, em que a coreografia é quase nula, os participantes exibem-se como dançarinos com frequência e potencial bem menores, com atenuantes para o Vilão, ao que nos parece. O fato não diminui a importância dos elementos rítmicos nos folguedos (ou bailados) mencio-

nados. As características melódicas e rítmicas são bem definidas nas manifestações folclóricas e particularmente na dança, onde as construções rítmicas assumem importância ainda maior. Os exemplos apresentados adiante servem para observação e análise.

Envolvidos pelo ambiente local, recordando fatos e coisas, abrindo o coração a tudo que os sensibiliza, prestando louvores a seus padroeiros, pagando promessas, recebendo graças, cantando, rezando, lembrando, vivendo, dançando, percorrendo ruas, assim deixam a sua marca, no tempo e no espaço, os participantes do Reinado de Itapece-rica.

### OS VERSOS E SUA DESTINAÇÃO

Os versos do Reinado do Rosário de Itapece-rica são improvisados. Registrados diretamente durante o canto ou através de gravação, percebe-se que novos textos versificados aparecem a todo momento, devido à imensa capacidade improvisadora dos cantores. Sabe-se que o folclore cantado do Brasil é o segundo do mundo, só perdendo até certa época para o da Gasconha.

É freqüente o tema dos versos corresponder a fases de realização do Reinado. Nota-se também a presença de trechos de forma poética já conhecidos em meio à improvisação. Os próprios Capitães referem-se à permissão de um "terno" utilizar a música do outro, da mesma modalidade, variando os versos. No gênero popular, a quadra, de configuração simples, é a forma mais usual e antiga. Modernamente surgiram inovações.

Daremos, a seguir, exemplos de textos poéticos e sua função específica em determinadas fases do Reinado itapece-ricano.

*A – Para agradar Rei, Rainha ou qualquer pessoa que mereça agrado*

Canta, canta passarinho ai, ai, ai  
Que tá preso na gaiola ai, ai, ai  
Visitar São Benedito, ai, ai, ai  
E também Nossa Senhora, ai, ai, ai

Canarinho de pena verde ai, ai, ai  
Joga uma pena pra mim ai, ai, ai  
Vai falar com meu amor ai, ai, ai  
Que tá com raiva de mim ai, ai, ai

B – *Ao trazer a Princesa Isabel de seu “palácio” (casa) para participar do Reinado.*

A Bandeira do Brasil ai, ai, ai  
Ela é verde e amarela, ai, ai, ai  
Vou fazer a saudação ai, ai, ai  
A Princesa Isabel ai, ai, ai

C – *Versos cantados à saída do Rei, no Largo do Rosário*

Bendito louvado seja ai, ai, ai  
Meu Deus o que será ai, ai, ai  
Nossa Senhora me chama ai, ai, ai  
Eu quero festejar ai, ai, ai

Oh Virgem do Rosário ai, ai, ai  
Queira me permitir ai, ai, ai  
Em louvor da Senhora ai, ai, ai  
Minha guarda vai sair ai, ai, ai

No Rosário de Maria ai, ai, ai  
Lá no pé da paciência ai, ai, ai  
Pois eu venho todo ano ai, ai, ai  
Cumprir minha penitência ai, ai, ai

Minha Mãe, quando eu morrer ai, ai, ai  
Mande logo me sepultar ai, ai, ai  
Nos pés de Nossa Senhora ai, ai, ai  
Debaixo do seu altar ai, ai, ai

Entoados pelo Terno dos Marinheiros. Os versos examinados até aqui nos foram enviados pelo Capitão Zé Baixinho.

D – Na amarração feita com a Autora, na Praça, registramos as “vozes” do Capitão:

Ai! Maria, Maria Helena, etc (canto – ver junto às músicas)

“A Rainha tirou o pé esquerdo e pois o direito” (Capitão)

Ai! Maria, Maria Helena, etc.

“Nossa Rainha pois o coração no pé” (Capitão)

Ai! Maria, Maria Helena, etc.

“Chega nesse dia eu cumpri minha missão” (Capitão)

Ai! Maria, Maria Helena, etc.

“Pelo amor de Deus, levanta o pé do chão” (Capitão)

Ai! Maria, Maria Helena, etc.

Final – “Nossa Senhora que vai lhe pagar” (Capitão)

Recolhemos outros versos que acompanham a amarração:

Alecrim da beira d’água  
Chora aquela que nasceu.  
Eu também vou chorando  
Um amor que já foi meu.

Ai! Tereza, Ai! Tereza, Ai! Tereza } refrão  
Tira a mesa e põe beleza.

Menina que está chorando  
Me conta quem te bateu.  
Pega o lenço, enxuga o rosto  
Quem manda agora sou eu.

E – Apresentamos outros improvisos que transcrevemos de fita gravada no Reinado do Rosário de Itapecerica, em 1985.  
Após a Cena da Abolição, o Capitão Olivério se pronunciou:

*Agradecimento ao Rei (Imperador D. Pedro II)<sup>(\*)</sup>*

Nois já bebeu

Nois já comeu

Agora vamo agradecer, meu Deus

O pão que Deus nos deu. Coro: ai ai, ai (vários)

Agora Senhor Deus

Agora eu vô embora

Não se esqueça, seu Rei

Que eu sô filho de Nossa Senhora,

Ó meu coração, meu Deus,

Minha Princesa,

Ó! Pai da nossa Princesa

Olha o que ela feiz.

Olha "seu" Patrão

Olha o que a sua filha feiz

Ela nasceu na Espanha

..... (inaudível)

E veio para o Brasil.

Viva o Rosário de Maria!

Salva de palma prô Pai da Princesa!

Salva de palma prá mãe da Princesa.

No encerramento da representação da Abolição, o Capitão Olivério e Capitães de outras localidades presentes despediram-se cada um à sua maneira. Da ocasião, reproduzimos estes versos:

*Cap. Olivério:*

Ai quem tivé pranta nova, ai, ai, ai, ai

Ó! não se deve de vendê, ai, ai, ai, ai

E vem a chuva a terra molha, ai, ai

O chega tempo de colhê, ai, ai, ai, ai

(\*) Enviado pelo Maestro Antonio Mendes

*Cap. Raimundo, de Marilândia:*

Esses preto representa  
Esses preto de Angola  
Numa lapinha escura  
Buscaram Nossa Senhora

(coro ei, ei, ei, ei)

Essa festa do Rosário  
Foi do princípio do mundo  
Mais agora ela tá se acabando  
de minuto em segundo.

(coro oi, oi, oi, oi)

(coro: ei, ei, ei, ei)

Festa não acaba, festa não acaba  
Enquanto eu não morrê, festa não acaba  
Enquanto eu não morre, festa não acaba

(coro: ei, ei, ei, ei)

*Cap. Wilso, de Belo Horizonte (\*)*

O meu que é Treze de maio, ai, ai  
Em que a Assembléia levantô, ai, ai  
Foi levantá a cabeça do negro, ei, ei  
Que cativero já acabô, ai, ai

Tu te manda, tu me manda  
Mais eu não sei prá onde vou, ai, ai  
Tu me manda, tu me manda  
Mais eu não sei prá onde vou, ai, ai

F – Parte de versos compilados pelo Pe. José Teodulo Mendes (Pe. Dulinho) – 1972.

Como se verá constituem homenagem à trilogia em que se fundamenta o Reinado do Rosário de Itapecerica: Nossa Senhora do Rosário, Princesa Isabel e os pretos. Reproduzimos os versos mais significativos:

(\*) Capitão Regente da Guarda 13 de Maio.

## À NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Uma vez, num belo dia,  
Junto a um belo cenário,  
Envolvida por anjos, aparecia  
a Virgem do Rosário.

Estrilho: À Nossa Senhora do Rosário,  
Com amor e gratidão,  
Lançamos vivas e glórias,  
De todo coração

Mostrou-nos Deus, novamente,  
E o Rosário ao mundo deu  
E a quem o rezasse sempre  
o céu Ela prometeu.

No Rosário que nos destes,  
brilhante, refletindo luz,  
cada conta muitas vidas,  
cada vida de Jesus

Todos que vem ao mundo  
De Deus, recebem Jesus.  
De Nossa Senhora, o Rosário,  
Para amenizar nossa cruz.

## À PRINCESA ISABEL

Da Imperatriz, Dona Tereza  
E de D. Pedro II, o Imperador,  
Nasceu Isabel Cristina  
Fruto de bondade e amor.

Estrilho: O! Isabel Cristina  
O Brasil te bendiz,  
pois foi com grande altruísmo  
que libertaste este país.

Encontrando-se doente  
O velho Imperador  
Viajou-se para a Europa  
À Isabel o Brasil entregou

Achando a Princesa Isabel  
Com todo o Brasil nas mãos  
Por amor aos brasileiros  
Extinguiu a escravidão

Graças a ti Princesa Isabel  
Que nos livrou do cativoiro  
Em louvor a tua grandeza  
És a mãe dos brasileiros.

#### AOS NEGROS

Ser branco, negro ou mulato  
Pergunto meu caro Senhor  
Se sabe que nossas almas  
Nascem todas da mesma cor

Estrilho: Amor ao nosso próximo  
Foi o que nos disse o Senhor  
Então amemos os negros  
Com fraternidade e amor

A um País como o nosso  
Que dependeu ao crescer  
Do trabalho braçal dos escravos  
desde jovens até morrer

Digo-vos caros senhores,  
Relembrando nossa história  
Mal de nós, se não fossem os negros  
Autores de nossa história

Se em todo negro, há homem  
Em cada homem, um irmão  
Nestes homens há um negro  
Neste negro um coração  
etc.

# ÍNDICE DAS MÚSICAS

## I

- 1 - AMARRAÇÃO - O! Maria, Maria Helena
- 2 - CATUPÉ - Entregá à Nossa Senhora
- 3 - CATUPÉ - Olha a minha Princesa
- 4 - CONGADA - O! Levanta a bandeira, ai, ai
- 5 - CONGADA - Vou descer nossa bandeira
- 6 - HINO DA ABOLIÇÃO
- 7 - MARINHEIRO - Ai! Meu botão de rosa
- 8 - MARINHEIRO - Eu vô com alegria
- 9 - MARINHEIRO - O! Marinheiro é loro
- 10 - MOÇAMBIQUE - Eu quero i no Rosário
- 11 - MOÇAMBIQUE - Se vai passá na ponte
- 12 - VILÃO - Ô Senhor Rei
- 13 - VILÃO - Ir na casa dela
- 14 - VILÃO DA BOA VIAGEM - Cê não vai me judiá
- 15 - VILÃO NOVO (ou de Itapecerica) Tuê, tuê

## II

### MÚSICAS PARA DANÇAS (Sugestões)

- 1 - CATUPÉ - Olha a minha Princesa
- 2 - MARINHEIRO - Eu vô com alegria
- 3 - MOÇAMBIQUE - Eu quero i no Rosário
- 4 - VILÃO DA BOA VIAGEM (FACA E VARA) - Cê não vai me judiá
- 5 - VILÃO NOVO - tuê-tuê

Gravação: J. B. (João Batista)

Musicografia: Maestro Antônio Mendes

Prof. João Antonio Nogueira

Prof<sup>a</sup> Vera Lúcia Santos Vilela

# AMARRAÇÃO

O! Maria, Maria Helena

Música e versos recolhidos mecanicamente  
Musicografia de Vera Lúcia Santos Vilela para este trabalho.

The musical score is written on six staves. The first five staves contain the vocal melody and accompaniment. The sixth staff features a rhythmic accompaniment section with two parts: 'Tambor' (drum) and 'Pandeiro' (pandeiro). The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 3/4.

## REFRÃO

Oh! Maria, Maria Helena  
Oh! Maria, Maria Helena  
Te amar ai eu não posso bis  
Te deixar eu tenho pena

I

Ei, Siã Rainha bis  
Vamo cabã de chegar  
Eu te levo no Rosário  
Venho aqui pra ti buscar  
Vou levar Santa Coroa  
Minha mãe, mandô chamã

## REFRÃO

II

Oi, Sinhô Rei bis  
Vamo cabã de chegar  
Vô pedi São Benedito  
ele que vai ti levã  
A divina da bandeira  
ela que vai ti levã.

## REFRÃO

III

Ai, Sinhô Rei bis  
Ora vamos devagar  
Eu também sô remadô  
Vim aqui para remã  
Eu pedi Nossa Senhora  
ela mandô ti chamã

## REFRÃO

IV

Oh! Nossa Senhora                   bis  
 devagar eu tô chegando  
 Tô chegando no palácio  
 O rei eu vô levando  
 Eu cheguei lá no palácio  
 e o rei eu vô levando.

REFRÃO

V

Oh! "Sua" rainha                   bis  
 eu não sei o que será  
 paro no mei do caminho  
 aqui não posso dexã  
 vou levã Santa Coroa  
 Oh! minha mãe mandô chamã

REFRÃO

VI

Oi "Sua" rainha  
 Vô ter dô no coração           bis  
 para no mei do caminho  
 tenha dô dos meus irmãos   bis

REFRÃO

VII

Oi linda jóia  
 que a rainha vai lhe dã       bis  
 tirou o vosso pê  
 e torno a equilibrã           bis

VIII

ai, ai, ai  
 eu não sei o que será       bis  
 oi fui eu quem trabaiei  
 meu irmão quem quer gastar  
 vou pedir Nossa Senhora  
 dã licença de pegã.

## CATUPÉ

Entregã à Nossa Senhora

Música e versos recolhidos mecanicamente  
 Musicografia de Antonio Mendes para este trabalho

$\text{♩} = 104$

Coro

Tambor 2/4 Chocalho 4/4 Acordeon 4/4

Vou levar pro Rosário  
 Um galho de Mangericão  
 Entregã à Nossa Senhora  
 Dentro do seu coração

CORO

Cai Sereno cai  
 Sereno que vem do céu       bis  
 Cai sereno cai  
 Na copa do meu chapéu

Ó ! Minha nobre Princesa  
Um caso eu vô te contã  
Se esta jóia que jogou  
For prá mim eu vou catã (1)

O! Minha nobre Princesa  
prã você eu vou cantar  
se é de bom coração  
levante seu pé do chão.

## CATUPÉ

Olha minha princesa

Música e versos recolhidos mecanicamente  
Musicografia de João Antonio Nogueira para este trabalho

♩ = 104

coro

Tambor 4

Olha minha Princesa  
Prã você eu vô falã  
Eu vim de muito longe  
Não posso me demorã

Quando chegar noite e dia  
Venho aqui passẽã (coro)  
Com minha nobre Princesa  
Vamo acabã de chegar

Vô levã lá pro Rosário  
Um galho de manjericão  
Vou entregã pra Senhora  
De todo o meu coração.

Esta agora que mi deu  
Eu num posso lhe pagã (coro)  
A visita de Maria  
Agora nu mesmo lugã.

Vamo embora Traviseda  
Vamo acabã de chegã  
A Virge mãe do céu  
Tã mandando tí chamã

Minha nobre Princesa  
Vamo acabã de chegã (coro)  
De algum lugã  
Tã mandando mi chamã

Prã Princesa eu vô falã  
Tira o teu pezinho do chão  
Essa graça não posso pagã  
A virge paga prá mim

Senhora Princesa eu vô falã  
A Menina do Rosário (coro)  
Tã mandando tí chamã  
Prum presente ela tí dã

Minha Princesa  
Acabamo de chegã  
A senhora mãe do céu  
Tã mandando tí chamã

Oh! linda menina  
Minha demora é pôca (coro)  
Eu preciso viajã  
Prã tão logo eu chegã

Nota - Versos reproduzidos pela Autora.

# CONGADA

Ó levanta a bandeira, ai, ai

Música e versos recolhidos mecanicamente  
 Musicografia de Vera Lúcia Santos Vilela para este trabalho

The musical score consists of five staves. The first four staves are vocal lines in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. The fifth staff is an instrumental accompaniment section, divided into three parts: 'Tambor' (drum) with a 2/4 time signature, 'Pandeiro' (pandero) with a 2/4 time signature, and 'Apito' (whistle) with a 4/7 time signature. Each part includes a repeat sign at the end.

I

Ó! Levanta a bandeira, ai, ai  
 ela que veio da beleza, ei, ai  
 ajudai São Benedito, ai, ai  
 junto de Nossa Senhora, ai, ai

CORO

Nóis tá querendo vortã  
 Prã terra que nasceu  
 Eu também vivo chorando, ai, ai  
 Pro amor que já foi meu, ai, ai

II

Na saída do palácio, ai, ai  
 Vamos lâ no seu portão, ai, ai  
 Ô levantai a bandera, ei, ai  
 No meio de todos nós, ai, ai

CORO

III

Oh! Senhor em seu portão chegai  
 Tô chamando nessa hora, ei, ai  
 prã levantã a bandera, ei, ai  
 essa festa é de todos nós.

CORO

IV

Levanta vossa bandera, ai, ai  
 que ela é vossa companhia, ei, ai  
 quando fosse amanhã, ei, ai  
 eu levo minha companhia

coro

V

Vem trazê vossa bandera, ei, ai  
 Éta hora abençoada ei, ai  
 Vem trazer no seu portão, ei, ai  
 Éta hora abençoada, ai, ai

CORO

VI

Vou pedir Nossa Senhora, ei, ai  
 que ajuda todo irmão, ei, ai  
 pra dar vida e saúde ei, ai  
 e também em vosso portão, ai, ai

CORO

VII

O Senhor em seu portão, ai, ai  
 minha mãe mandô buscar, ei, ai  
 Ai levanta a bandera, ei, ai  
 para a festa começã, ei, ai

CORO

VIII

Vou pedir São Benedito, ai, ai  
 ele que é o nosso guia, ei, ai  
 que te leva no rosário, ei, ai  
 como o da Virge Maria, ei, ai

CORO

IX

Levanta vossa bandera, ei, ai  
 prã gente descansã, ei, ai  
 Vou pedir São Benedito, ai, ai  
 ele que vai ajudã, ei, ai

CORO

## CONGADA

### Vou descer nossa bandeira

Música e versos recolhidos mecanicamente  
 Musicografia de João Antonio Nogueira para este trabalho

The musical score is written in 2/4 time with a key signature of one flat (Bb). It consists of seven staves of music. The first staff begins with a tempo marking of ♩ = 100 and a circled 'A' above the first measure. The second staff continues the melody. The third staff ends with a double bar line and repeat dots. The fourth staff begins with a circled 'B' and a '7' above the first measure. The fifth staff continues the melody with a '7' above the first measure. The sixth staff continues the melody with a '7' above the first measure. The seventh staff begins with a circled 'C' and a '7' above the first measure.

Vou descer nossa bandera  
 Em todo nosso coração  
 Você, nossa bandera fais nóis chorã  
 A alegria dêxa nóis chorã

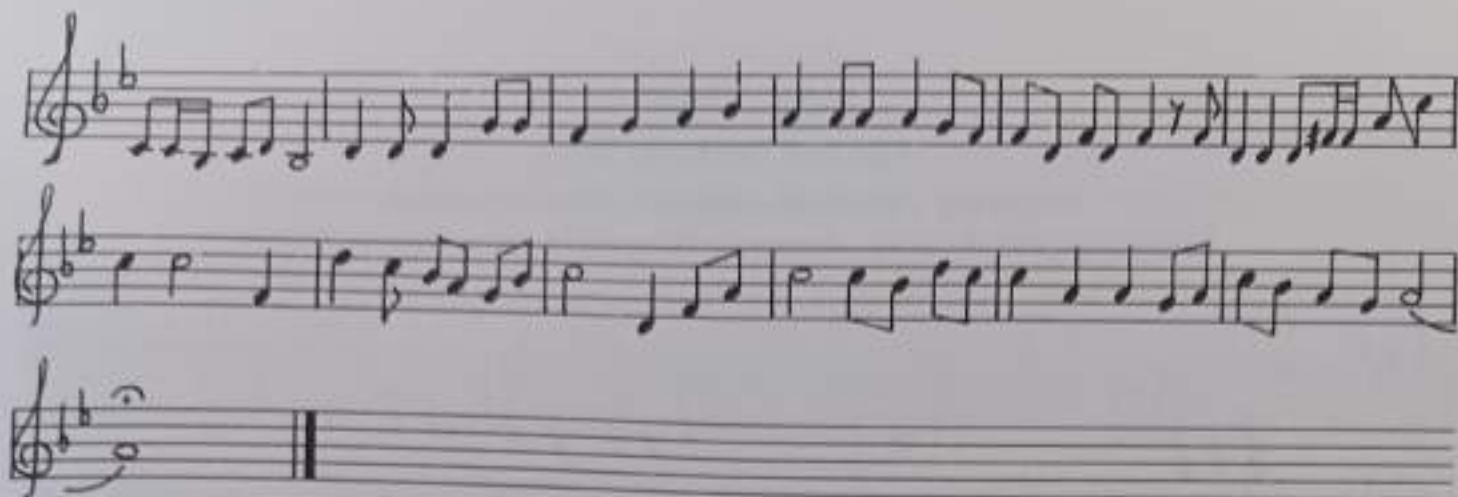
Tocando nossa viola, ai, ai  
 pressas bandera, pressas bandera  
 Meus irmão comigo aqui, adeus  
 Vô embora, adeus, adeus, ai, ai

Vou pedi São Benedito, ai, ai  
 Prô no ano ele vortã, ai, ai  
 Dã vida e saúde pra os irmão  
 Festejã sua chegada, ai, ai

NOTA - Os versos se adqtam melhor à linha melódica A

## HINO DA ABOLIÇÃO

Música e versos recolhidos mecanicamente  
 Musicografia de Vera Lúcia Santos Vilela para este trabalho.



(CANTO)

Viva a Princesa Izabel  
Viva a Princesa Uzabel  
qual coração bondoso, que veio tirar  
O negro agora, ai, ai, ai, ai, ai, ai

RECITATIVO (Foi protetora ....  
o final da escravidão)

I

(ver página 54)

(CANTO)

Salve 13 de maio  
Salve aurora da República  
eterna do Brasil.  
O Brasil por teus filhos  
pode erguer a voz  
e combate o hino norte a sul

REFRÃO

Em lira a glória  
Edificadora, as nossas almas cantarão.  
Glória Izabel.  
Glória Redentora.  
Glória os heróis da abolição.

II

Apagaste uma nota  
do passado coriscando  
em relâmpago triunfal.  
Pois em meio de dores  
nos recorda o combate  
O final da escravidão

REFRÃO

Em lira a glória  
Edificadora, as nossas almas cantarão  
Glória Izabel.  
Glória Redentora.  
Glória os heróis da abolição.

## MARINHEIRO

Ai! meu botão de Rosa

Música e versos recolhidos mecanicamente  
Musicografia de João Antonio Nogueira para este trabalho

The image shows a musical score for the song 'Marinheiro'. It consists of three staves of music. The first two staves are vocal lines, and the third staff is for guitar. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The guitar part is marked 'Guitar' and includes a 7th fret barre. The music is written in a simple, folk style.

Ai meu botão de rosa  
Flor de laranjera, Senhora do Rosário  
Nóis vai chegã

A praça é nosso povo  
eu cheguei agora  
ao Rosário e Nossa Senhora, ai, ai

Por Jesus Cristo, o Rei do mundo  
O São Benedito é o Congado  
Aqui ficou, ficou

Vamo sem demora  
Vamo embora pro Rosário  
Que Nossa Senhora abençoa

Sô marinheiro, que cheguei do mare(1)  
Vou comprã u'as nave  
prã no mã(2) chegã, chegã

Eu marinheiro, que cheguei na praça  
Sô do peito e da boa raça  
Sô do mã!

(1) e (2) - MAR.

# MARINHEIRO

Eu vô com alegria

Música e versos recolhidos mecanicamente  
Musicografia de João Antonio Nogueira para este trabalho

The musical score is written on ten staves. The first staff is marked with a tempo of quarter note = 102 and a circled 'A'. The second and third staves continue the melody. The fourth staff is marked with a circled 'B'. The fifth and sixth staves continue the melody. The seventh staff is marked with a tempo of quarter note = 108 and a circled 'C'. The eighth and ninth staves continue the melody, with some triplets. The tenth staff is marked with 'Tambor' and 'Grocatho' and shows a rhythmic pattern.

Nota - Utilizar a parte C para o canto.

Eu vô com alegria  
Oh! São Benedito  
Hojê é o vosso dia  
no tempo do cativoiro

Oh! São Benedito  
Eu quero festejã  
no tempo do cativoiro  
quando o sinhô mi batia

Gritava Nossa Senhora  
quando a pancada doia  
gritava por Nossa Senhora, meu Deus  
Quando a pancada doia.

# MARINHEIRO

Marinheiro é hora

Música e versos recolhidos mecanicamente  
Musicografia de Antonio Mendes para este trabalho

The musical score is written on four staves in treble clef with a key signature of one sharp (F#). The tempo is marked as quarter note = 112. The first staff begins with a 3/4 time signature. The second staff has a 11/8 time signature. The third staff has a 7/8 time signature. The fourth staff includes sections labeled 'Tambor' (2/4) and 'Chocalho' (5/4). The piece concludes with the word 'Fim'.

## REFRÃO

Ô marinheiro é hora  
É hora de viajar bis

É serra, é terra, é mar  
Ô marinheiro vamos todos viajar

## REFRÃO

É céu, é terra, é mar  
Ô marinheiro dá um balanço no mar

## REFRÃO

Eu quero, eu quero, eu vou  
Ô marinheiro eu quero logo chegar

NOTA - O refrão e o 19.º dístico foram recolhidos pelo Mestre. A autora registrou o 29.º e 39.º dísticos

# MOÇAMBIQUE

## Eu quero i no Rosário

Música e versos recolhidos mecanicamente  
 Musicografia de João Antonio Nogueira para este trabalho

Eu também quero i no Rosário  
 Oh! Segura a Calunga daí  
 Que eu seguro a Calunga de cá  
 Nós já vemô pro Rosário

É de vê seu Capitão zero  
 Que eu sô moçambiquero  
 É de vê seu Capitão zero  
 num quero juntá garrancho

Oh! lambari do cargo  
 inventô de passêa  
 Oh! lambari do corgo  
 Inventô de passêa

Chegô na lagoa funda, ei  
 num sobre nadã  
 chegô na lagoa funda, ei  
 num sobe nadã

É de vera Capitão  
 Não fica com raiva, não  
 É de vera Capitão  
 Não fica com raiva, não

Tudo isso é brincadera  
 Nós somo tudo irmão  
 Tudo isso é brincadera  
 Nós somo tudo irmão

No tempo do cativero  
 Quando o senhor me batia  
 No tempo do cativero  
 Quando o senhor me batia

Eu gritava por Nossa Senhora  
 ai, ai, meu Deus, ai, ai  
 Eu gritava por Nossa Senhora  
 Quando pancada doía.

## MOÇAMBIQUE

Se vai passá na ponte

Música e versos recolhidos mecanicamente  
Musicografia de Antonio Mendes para este trabalho

♩. 112

The musical score consists of three staves of melody in 3/4 time, followed by three staves of accompaniment. The accompaniment is divided into three sections: Tambor (Tambourine), Chocalho (Shaker), and Acordeon (Accordion).

Se vai passar na ponte  
passe devagar  
Debaixo da ponte  
Jacaré tá lá!

Resposta

Ô lê lê, Ô Lã, lã  
Ô lê lê, Ô Lã, lã bis

Eu passei na ponte  
A ponte tremeu  
Debaixo da ponte  
Jacaré gemeu

## VILÃO

Ó Senhor Rei

Música e versos recolhidos mecanicamente  
Musicografia de Antonio Mendes para este trabalho

♩. 92

The musical score consists of two staves of melody in 2/4 time, followed by two staves of accompaniment. The accompaniment is divided into two sections: Tambor (Tambourine) and Chocalho (Shaker).

Ó Senhor rei  
Vamos acabar de chegar  
Vou pedir São Benedito  
Prã acabar de ti levar

bis

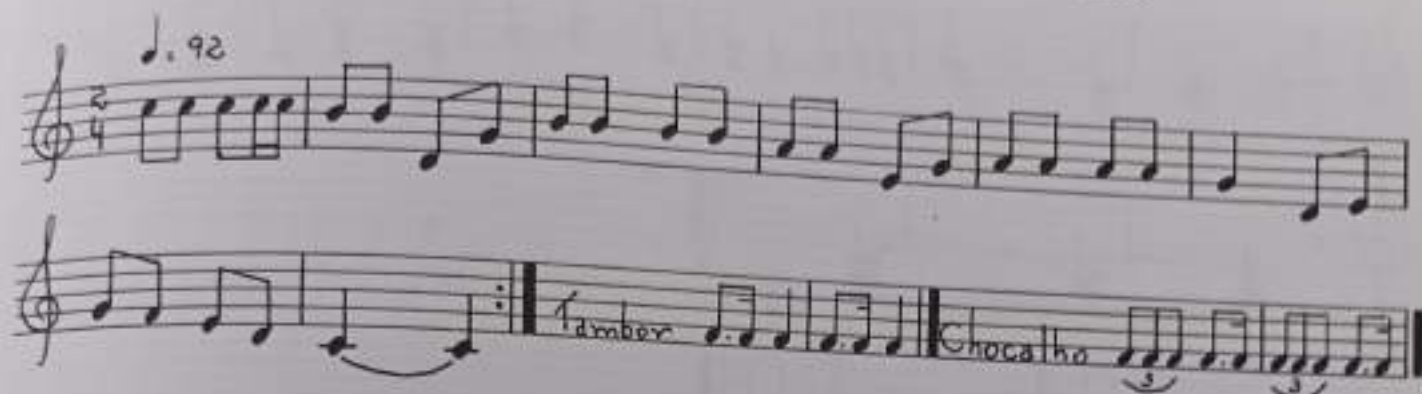
Loira, loirinha  
Cabelos cor de ouro  
Danse comigo  
E deixe de choro

bis

## VILÃO

Ir na casa dela

Música e versos recolhidos mecanicamente  
Musicografia de Antonio Mendes para este trabalho



Ir na casa dela  
O pai dela não deixa  
A gente namorã  
É por cima da cerca

Senhora Princesa  
Você é de bom coração  
Se for filha de Mamãe  
Levanta o pé do chão

Senhor sô visitante  
Você vai me desculpã  
O prazo aqui é pouco  
Lã em baixo mandou me chamã

## VILÃO DA BÔA VIAGEM

Cê não vai me judiá, ai

Música e versos recolhidos mecanicamente  
Musicografia de João Antonio Nogueira para este trabalho

Musical notation for the piece 'Vilão da Bôa Viagem'. It consists of three staves of music in 2/4 time, with a tempo marking of quarter note = 112. The first staff is marked with a circled 'A' and contains the main melody. The second staff contains a bass line with a circled 'B' and a fermata. The third staff contains a bass line with a circled 'B' and a fermata.

Nota - Utilizar as partes A e C para o canto.

Cê não vai me judiã, ai  
preto veio tá doente, ai, ai

CORO

Quero cantã mais alto  
mais meu peito não arcança  
O galo cantô, ai, ai

II

Eu sofri um resfriado  
no tempo de criança, ai, ai

CORO

III

Laranjera dã laranja  
Bananera dã cacho, ai, ai

CORO

IV

Eu quero licença, sua  
Prã pegã o que tá em baixo, ai, ai

CORO

V

Eu vô levantã essa jóia  
com carinho e muito amô

CORO

VI

Vô pegã ela do chão  
e entregã pro Zeladô, ai, ai

CORO

VII

A Senhora do Rosário  
Levantô ela quã mão

CORO

VIII

Eu tô no pé do morro  
ocê acaba de chegã, ai, ai

CORO

# VILÃO

Tuê, tuê

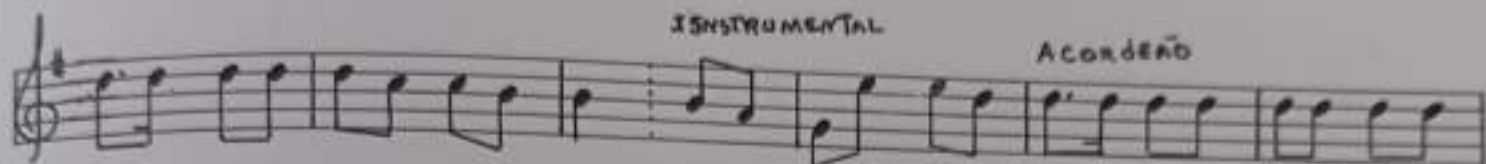
Música e versos recolhidos mecanicamente  
 Musicografia de Vera Lúcia Santos Vilela para este trabalho

SONO



INSTRUMENTAL

ACORDEÃO



SOLO



REFRÃO (CORO) (1)

Tuê, tuê  
 tue, tua  
 Gavião tá preparando  
 Prá pega passô no â (2)

I (solista)

Viajando o dia interô  
 Eu não sei como chegô  
 Cantando de dia e de noite  
 Vendo o dia clariã.

II

O cumpadre vai descurpã,  
 Eu passei manhã  
 em claro, prá  
 Podê eu madruga.

REFRÃO

III

O dia tá começando,  
 Vi onda na bera do mã.  
 Eu vô levã sodade,  
 De trsiteza vô chorã.

REFRÃO

IV

Amanhã por essas hora  
 Vai duê meu coração,  
 Que tão cedo vai parã,  
 de tanto, tanto penã.

REFRÃO

V

Viajando a noite intera  
 Eu não sei por que serã.  
 Viajando dia e noite  
 Sem vontade de:parã.

REFRÃO

VI

Aquele que vai cantã  
 Vai cantã fora do â  
 Fala aqui o Zê Baxinho  
 Vai cantã pra Capitã

REFRÃO

1 - O refrão é cantado em coro e as quadras em solo.  
 2 - Pássaro no ar.

Nota - Versos reproduzidos pela Autora.

ESTATUTOS DO REINADO DE ITAPECERICA  
(1823)

CONSTITUIÇÃO DO REINADO DO  
ROSÁRIO DE ITAPECERICA  
(1975)



# Cap. 1.º

Como he necessario para o  
bem temporal, que esta Irmandade tenha grande numero de  
Irmãos, a. Herza accitará todas as pessoas de qual quer esta-  
do, e Condicao, cas, sem homens como mulheres, que sendo Ca-  
tholicos. Porem os seguintes se agragarão a esta Santa Corporação,  
as quaes pagaráo de entrada hum mil e oito centos reis, e em cada  
anno seis centos reis de annual, e que estando em artigo de  
morte quizer ser Irmão desta Irmandade dará doze mil reis,  
ou o que com elle se ajustar, e o mesmo daráo o que forem ma-  
iores de cinquenta annos, e os que quizerem ser remidos para não  
servir os Cargos de Herza, as quaes pagaráo a dita quantia  
em razão de não se esperar d'elles fruto nem utilidade, e despo-  
is de cento e hum annos, tendo assignado termo de se sujeitar  
a. S.ºs deste Compromisso, a. Herza lhe passaráo hua Cédula  
manuella e escrita: Elle, assignado pelos Officiaes della, declaran-  
do na mesma o dia meo sanno do dito asserto, eo Livro delle: e o  
dito accitarão pessoas de pecunas costumes, que vinda servirem  
a Irmandade e servirão com outros e com os seus.

# Cap. 11º

## Almeida de Luiz, Su-

iza, e mais Officiaes, se fará no dia do Nascimento de No-  
so Senhor N. S. J. Christo, que he a vinte cinco de Dezembro, p-  
o que se ajuntará nesta Igreja e Officiaes que servirem na  
Igreja, e maior numero de Simões que se pedirem congregar,  
e ajuntar no Consistorio de Luiz, Escrivão, Thezoureiro, e  
Procurador, a si na presença do Reverendo Padre, ou Sacerdote  
de sua orde, proporem cada hum uns Simões dos mais ido-  
nos e aptos, para succeder no Cargo que deve servir, proponer  
em humas palavras cada hum d'elles hum Simão p- Luiz, e fôrta  
e proposto chamarão aos mais Simões p-irientes para dar ca-  
da hum de p-ssi o seu voto, que lhe tomará o Escrivão da Igreja,  
e cabida a pluralidade dos votos, setre em hum Livro escre-  
verem em votos para servir no anno seguinte: e haesendo  
sempre o Luiz o dezerempatará; e nomeação em si d'onde se fará  
de seis Simões de Meza, para se incorporarem com os Officiaes  
e mais assim os facerem; e sendo assim feita a eleição do  
Padre ou Sacerdote de sua orde a assignará, para se fazer  
no dia seguinte, ficando os Meza e Officiaes e servirem

# Cap. III.

## Passado o dia da Ses-

ta de Nossa Senhora, logo passado o dito dia no jur. Domingo a Mesa dará posse ao Juiz e Juizes nova mente ellecto a face do Altar de Nossa Senhora, entregando lhe as varas que largarim, e aos Officiaes e Mozarios maiores, e darão a posse do dito dia da Testa a Sum. mes, ou mais ou menos em Domingo ou dia Santo, no qual dia se acharão nesta Igreja os mesmos Mozarios, com os antecedentes, estes para dar posse a aquelles, em cujo acto entregará o Escrivão todos os Livros a seu Successor, para este fazer nelle Inventario de todos os bens ornamentos, e alfaias de que o Thezoureiro tem a entrega, no fim do qual se assignarão hums, e outros Mozarios, e o dito Escrivão que acaba, terá as Elleições registadas no Livro competente, para nelle se lavrar o termo de posse, que deve ser assignado por todos, e será nulla a posse que contra sorte se tomar, e o Thezoureiro terá em boa guarda os bens da Irmd. e que se sumir no curso em que se estiver a obrigado a pagar pelos seus bens, e não tomarem os

o. avir

# Cap IV.

Logo que forem empossa-  
das as novas e Antigas, cuidam o. Sua na Administracão e  
governo de dita Mandado por a elle pertence adoutor, comē-  
dar as faltas de todos os. Smaes, e fazer que cada hum cumpra  
com asua obrigacão, mandando por em arrecadação tudo qua-  
to nella pertencer como ornamentos, calçadas, sendo obriga-  
do a achar se em todas as. Vintões, que se fixerem nesta J-  
greja, de raõ opuneyto voto com esda. Meza, porra os prega-  
dores, consultando a Suiza, e com sedera parte da festividade  
que assestavam em. Meza que hão de fazer a Nossa Senhora,  
e duna edite. Sua de mandado doze citavas de cura ex. Suiza  
e duna quinta quarta, e terão por sua morte de xeris. Mezas

333

# Cap. V.

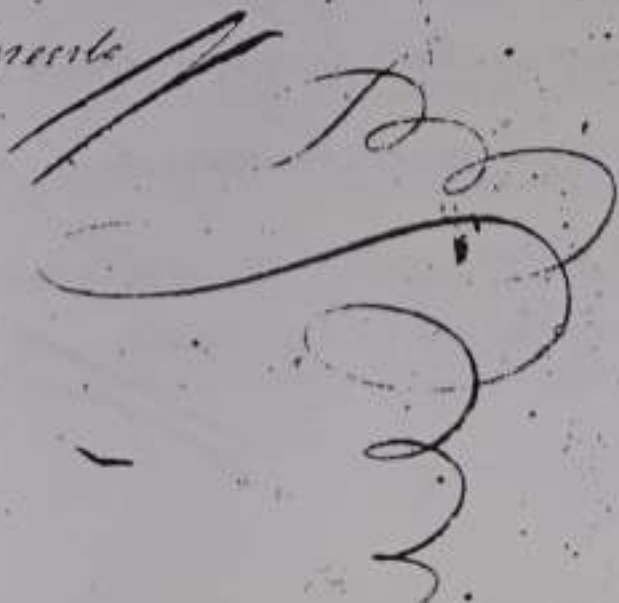
**D**e grande peso he o car-  
go do Escrivão desta Mandado, porque delle depende o  
bem governo della fidelidade, com que se deve portar fazendo  
todas as diligencias da Recada, e diligencia, que o Thezoureiro, fizes  
Lancando os embuam Suro, que deve haver para esse fim e fa-  
rã as termas das resoluções da Mesa no Suro competente,  
e todas as annuaes escriptas pertencentes a Mandado e tudo com-  
muito diligente e chareza, que em tempo algum se possa negar a  
sua verdade e exactidão: e quando o Suro nao possa assistir a  
algum acto ou funcão desta Igreja e Escrivão o substitua  
edará de. He queda sua mil eduzentes, e despois defalecendo  
se lhe mandará dizer de. He isas por suffragio

De  
L. M.

# Cap. VI.

No. Mercurio está

a conservação desta Irmandade, porqui he de ser em sua grande lealdade e rendimento e fabrica della: tendo a classe do Consistorio onde estiverá o Cofre em que se he de guardar todo o dinheiro que elle receber, tendo de mesmo humocheve, outra o Tiz, outra o Escrivão, outra o Procurador. He de as despesas resolverem em Mesa, que consta por termo della, e pedindo se o pagamento de alguma divida contractada pela Mesa antecedente, seja aquelles. Hearios chama dos para se examinar a tal divida se he ou não verdadeira, e assim he muito conveniente que seja o mesmo Mercurio de toda a confiança e não se abomada, e terá de Mesada tres mil e seiscentos reis, e terá de suffragio dez Mesas depois do seu falecimento.



# Cap. VII.

**F**o observancia destes  
Estatutos, e cõvengimentos temporales e Espirituales desta  
mandado esta valendo de Procurador, e potesta razão  
deve ser este lido recto zelo e de consciencia porqu a elle  
pertence fazer que se cumpra este Compromisso, e procurar o  
cumprimento e observancia dos bens della, assistindo estudo pro  
pellido em. Nessa que for util, vendo que os Fideiõs paguem  
suas. Nessas carencias, accorrendo os que forem remissos,  
para serem punidos conforme a possibilidade e estado de ca  
da hum, e tambem sera exacta em que. Logo se facerõ os su  
fragios dos Fideiõs fideiõs, repartindo os Messas pe  
los nossas Fideiõs. Sacardotes, as quaes se pagarem avista  
do Cõvênio pela do Bispado: ajudará a trabalhar e como  
coõ da Igreja para os dias Festivos, e terá a Sompada sem  
pre preparada a custa da Fideiõ, e não pagará nada  
no anno em que servir etará dez Messas por suffragio, de  
claro pela esmola do Bispado.

# Cap. VIII.



meo et rigades es. Fr

maes de. Hora a assistir a todas as funcões que se fizerem nos  
na Igreja assim festivas como funebres achando se nellas to-  
das os Domingos e dias Sanctos a Missa do Reverendo Capel-  
lão, para com os Officiaes euidentes no governo economico desta  
Irmãdade, fazerse. Hora para as decizões dos negocios  
dellas, a qual prezidira o Reverendo Capellão quando for  
necessario, e nunca se fara sem os seus respectivos Officiaes, e  
estando algum d'elles impedido, que não possa assistir re-  
s. Hora para vendica, nem carã de entre os Irmãos hum para  
o outro. Lugar assistir, e rezar como se fora elle proprio, e não  
podendo fazer outra alguma sem resoluçõ de. Hora, que  
constará por termo: e quando quizer fazer alguma obra novo. I-  
greja, ou alguma officio de importancia de mais de sete mil  
Arreales reis, não fará sem consulta de. Hora redonda, para  
que seja abnegaçõ de todos, e assign darã cada Irmão de.  
Hora deus mil e quatro centos, e os Irmãos outra tanta qua-  
lta e terço por suffragio cada hum e ipso despalser esse e de.

# Cap. IX.

**D**eve haver nesta Simã

dade hum. Indador, o qual será Elleito pela Mesa, para  
fazer tudo quanto elle ordenar em serviço da Mesa de  
Deos: elle procurará saber quando adoece algum Simã  
para dar parte a Mesa, e esta examinará se o Simã deen-  
te he pobre e desvalido, para o socorrer com alguma esmôla  
afim de não prejudicar necessidade, e legendo elle entre as Ir-  
mandades duns de consuetude Caridade, para o tractar o tempo que  
se he justo, e falecendo senão tiver com que se amortallar a  
Mesa he mandará dar: e que se fará com aquelles Simões q.  
empegaram seu Dello no serviço d'elle deo Vossa Santissima  
Mesa, e beneficio da Irmandade, e assim não só não pagarão  
nada e Indador no anno em que servir, mas antes a Mesa he  
dará quatro mil e cento e certos reis, por seu trabalho, ou a quelle  
que se ajustar.

///

Per  
3

# Cap. X.

116

**F**alecendo algum Of-  
ficial de Moza, antes de findar o seu anno, será chamado  
seu antecessor para assumir esse lugar, e Cargo a the o procedime-  
to da nova Elleição, para que sempre se conserve a Moza  
completa, e se algum Official for transgressor das d'termi-  
nações deste Compromisso, terá baixa de Inmão, pondo-se-  
lhe cota no termo de sua Entrada, por não ser como devia ob'em-  
plo na observancia delle sendo chamado como fica dito. e o an-  
tecessor para complemento da Moza, e se algum outro Inmão  
se não conformar com o transgressor para o que fica relatado, a-  
ntes de ser reprehendido primeira e segunda vez, não se absterde  
será também expulso; como se se fará com aquelle que desat-  
tender o Corpe da Inmandade com alguma briga, assim como tá-  
bem com aquelles que desprecis de certos Inmãos forem orgu-  
lhosos e irritadores, que serão riscados pela determinação de Mo-  
za

*[Decorative flourish]*

# Cap. XI.

118

## Missa desta Corpo

naquelle, foy celebrada a Festa de Nossa Senhora, na primeira octava de Natal, fazendo cada anno nesse dia Missa Cantada e Sermão, ed tarde. Procução pelas Ruas tudo com o Santissimo Sacramento exposto, e publica adoração para maior Consolação dos Fieis, e havendo possibilidade farão com a presença do mesmo Sacerdote Sacramentado e Novenas, e Novenas, para o que pedirão Licença ao Ordinario: na 2<sup>a</sup> Oitava farão a Festa de S. Benedito conforme o Rito do seu Juiz, e Terça, nos Domingos depois da Missa, que deu o R. do Capelão sahirão com o corpo de Nossa Santissima. Nas pelas Ruas, e nos primeiros Domingos de cada mez sahirão a mesma Senhora em seu andar, e quando poderem farão no Oitavario da Comemoração dos Fieis defunctos hum Officio pelas Almas dos nos Annos, e estas Funções assistirão todos os Annos para mandados com as suas oppias brancas, para fazerem de todo o seu deliquito, e corrigirão as negligências nãtões e Procução, com todos os seus pastores e Clerigos, hum como assistência de hum

expira //

# Cap. XII.

118

## Terá esta Irmandade

um Esquife, para Conduzir os Irmãos falecidos a Sepultura em Corporação e Cruz alçada, em este acto hirão os Irmãos com toda a modestia rezando o Padri. Nosso e Ave Maria, pelo Alma do Irmão, pelo qual se mandará dizer seis Missas (muitas vezes elle servido os Carjos de. Nossa) E porque a mayor parte dos Irmãos desta Irmandade são assistentes pelas Paroquias de. São. Simões, distante desta Igreja meia huma e mais Leguas, fará a. Nossa nesta Villa hua Capella nella se depositarão os Cadaveres dos Irmãos, isto se deve entender: as que forem muito pobres q' não têm q' fazer enterra, serão depositados na Capelinha de. Nossa, para ser encarnada pelo Paroco, e tal a Irmandade e sua Capella se poderem o Conduzirão para o Cymiterio da Capella, com Cruz alçada, e alia por quatro Irmãos, e setiver bens que possa fazer se enterra, então na Capella assim se depositará, porque hirão o Paroco, e o Sacristão e Cruz da Paroquia, bem como a Irmandade e sua Capella Conduzirão a ella e aver fazendo o mesmo Paroco as Exequias de sua obrigação, e os bens assim aquelles de quem a Irmandade perceber.

utilidade hinda que depois venha a devir a mesma para  
hír emprobeta, porquanto aquelles que podendo deixarão de co-  
tribuir com as suas expensas enão deixarão com que pagar e  
estiverem devindo a estes thedoraõ sómente sepultura; e  
ma terão os Filhos conhecidos dos Simões tanto Legittimos  
como naturaes ate a idade de quatorze annos, diço con-  
cidos dos Simões sendo Legittimos de a idade referida, ten-  
do o clero que o Parrocho se mezze a acompanhar, e assistir, ten-  
do o Simão vivo, fazendo e juu thecumpertir, e mais o Capellão; e  
que esta Simandade tem seu Procurador e Advogado como se  
clara mente dito farão os servicos competentes na Capella  
Cymiterio sem recitros reter qual quer outra puzca extra.

De  
L. J.

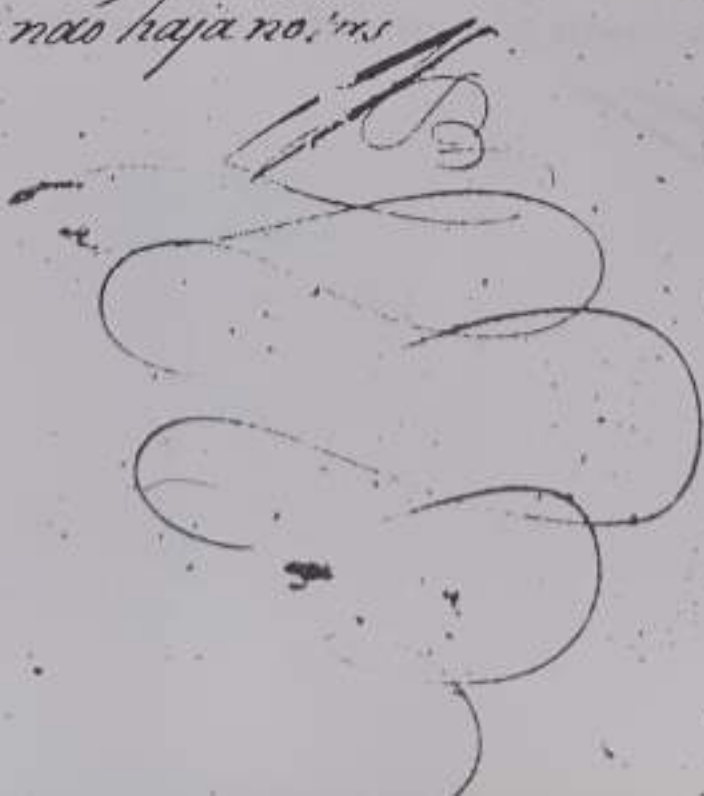
# Cap. XIII.

Haverá nesta Imman-  
dade hum Capellão Sacerdote approvado, o qual será justo pela  
Vota, para dizer as Missas nos Domingos e Dias Sanctos pertencen-  
tes ás missas. Irmãos vivos e Defuntos, das quaes passará Certidão  
no Livro competente, fazendo os actos Ecclesiasticos sem interrom-  
per os actos Parochiaes, bem como poderá a mesma Immanidade a-  
juizar os Sacerdotes que lhe parecer para as festividades, cujas serão  
as horas em que os Irmãos possam assistir depois dos Serviços de-  
seus. Também, e quando o mesmo Capellão não cumprir com a sua  
obrigação de Vota, poderá despedir pagando-lhe o que tiver venen-  
do, e ajustará entre preferindo sempre os que forem Irmãos desta  
Immandade a qual nunca sahirá fora sem que elle Capellão a  
acompanhe

So

# Cap. XIV.

**F**erá esta Irmandade de os Livros precizos como são de Entradas de Irmaõs, dos Termos das determinações da Heza para a economia, das Certidões das Moissas por Almas dos Irmaõs, dos Recibos do que se pagar pertencente a Irmandade, da Recieita e despesa do seu Pendimento, e das contas que haõ de dar ao Provedor da Comarca, alem dos Livros haverá hum Livro, ou Caderno de Inventario de todos os bens da mesma Irmandade, bem como hum Caderno no qual o Escrivão lançará as contas dos Irmaõs abatidos seus recibos e meritos para o Procurador a descobrir, e fazendo se as cargas, e descargas para que não haja no. ms



# Cap. XV.

**P**or causa da maior

parte desta Corporação serem homens Pretos, e Capti-  
vos, e não terem posses para o augmento desta Capella  
haverá na mesma hum Ermitão para tirar esmolas vo-  
luntarias pelos fieis, sem embargo da buçia com que os  
Necessarios haõ de tirar todos os Domingos nesta Villa.

**B**

# Cap. XVI.



Inquanto a El-  
leicão de Suiz Suiza, Procurador e Irmãos de Mera pa-  
ra festejarem a San Benedito, será feita pela Mera des-  
ta Irmandade, com assistencia do Suiz que acaba de ser-  
vir ao dito Sancto, e assim mesmo serão as Elleicões dos  
mais Sanctos, que nesta Igreja se festejarem, e suas pessoas El-  
leitas pagarão tanto como pagão os outros. Meraarios, e farão as fes-  
tas a seu arbitrio e rendimento que della sobrar se entregará  
ao Thesoureiro desta Irmandade, para a edificação dos Or-  
namentos e alfeuzes ficando os despojos debaixo da inspe-  
cção della em seu economico governo, para que não possam  
innovar eoutra alguma sem consentimento da Mera, para cujo  
fim se formalizou estes Estatutos que os pedem na Real pre-  
sença de Vossa Magestade, procurando a graça de  
sua Confirmação para vallidade delles, e qual pedimos ao  
mesmo Soberano Senhor, nos mande passar Provisão de  
Confirmação pelo seu Tribunal da Real Mera da Cons-  
ciencia e Ordens

ATA DA ASSEMBLÉIA DE CONSTITUIÇÃO DA "ASSOCIAÇÃO DO REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA".

Aos quatro dias do mês de Agosto de 1975, reuniram-se, na residência do Sr. Altamiro Ferreira Lima, situada na rua Severo Mendes nº 150, nesta cidade de Itapecerica, Estado de Minas Gerais, os subscritores da presente, devida e regularmente convocados pelo referido senhor, que passa a expor-lhes a finalidade daquela reunião, dizendo que, como era do pleno conhecimento de todos os presentes, constituía-se, já, tradição firmemente estabelecida, na cidade de Itapecerica, a realização, durante o mês de Agosto de todo ano, dos festejos do Reinado do Rosário, mantidos, heróicamente, através dos tempos, pelos esforços do Sr. José Gomes Filho e a ajuda do grupo de abnegados que ali se encontrava presente, mas que, agora, julgava necessário se procedesse à legalização dos ditos festejos, através da constituição de uma entidade civil que passasse a cuidar de sua preservação e manutenção, com vistas, sobretudo, à sua perpetuação, já que se tratava de inestimável patrimônio folclórico, histórico e religioso que nos foi legado pelos pretos africanos, trazidos d'além mar para a negra escravidão em nossa terra, cujo solo fecundaram com seu sangue, seu suor e suas lágrimas, e, na hora mais desesperada de suas vidas, num ato supremo do mais puro amor e de sublime humildade, elegeram a Santíssima como seu refúgio, consôlo, alívio e proteção. Prosseguindo disse que concitava todos os presentes a indicarem que nomeassem um presidente para dirigir aquela reunião, que passaria a cuidar da constituição da referida entidade civil. Os presentes, concordando com a proposta, indicaram por unanimidade, o mesmo Sr. Altamiro Ferreira Lima para presidir os trabalhos. Assumindo a Presidência o citado senhor convidou a mim, Clélio Ferreira da Silva, para secretariar a reunião. A seguir o Sr. Presidente colocou em discussão o assunto relativo à constituição da entidade, tendo ficado resolvido, depois de se ouvirem várias sugestões, que se constituísse uma sociedade civil por nome "ASSOCIAÇÃO DO REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA". Colocada a proposta em votação foi a mesma unanimemente aprovada. Em seguida foi colocado em discussão e votação o assunto referente aos Estatutos da Associação, tendo os presentes aprovado, por unanimidade, os abaixo transcritos, que passam a ser adotados como "ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO DO REINADO DO ROSÁRIO DE ITAPECERICA".

Art. 1º - A Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica é uma entidade civil, destituída de qualquer finalidade lucrativa, com sede e foro na cidade e comarca de Itapecerica, Estado de Minas Gerais, regendo-se pelos presentes Estatutos. Art. 2º - A Associação terá como objetivos a promoção, uma vez por ano, pelo menos, na localidade da sede, dos festejos do Rosário e a divulgação, por todos os meios cabíveis, da história, das tradições e do folclore, tanto regionais, quanto nacionais, relacionados com os ditos festejos. §1º Na apresentação mínima, anual, dos festejos, conforme exigido no "Caput" do presente artigo, se

guir-se à, rigorosamente, a tradição já firmada. §2º Respeitada a obrigatoriedade do festejo anual, estabelecido neste artigo, a Associação poderá realizar apresentações em locais diversos dos da sede, em quaisquer datas, da forma que melhor lhes parecer. Art. 3º - A Associação se comporá de número limitado de sócios, recrutado entre pessoas de comprovada idoneidade moral. Parágrafo único. Os sócios não responderão subsidiariamente, pelas obrigações assumidas pela Associação. Art. 4º - Os recursos necessários ao custeio das suas atividades, se obtiverão através de contribuições dos associados, donativos diversos e subvenções de pessoas jurídicas de direito público. Art. 5º - A Associação será dirigida por uma Diretoria composta de um Presidente, um Vice-Presidente, um Primeiro Secretário, um Segundo Secretário, um Primeiro Tesoureiro, um Segundo tesoureiro, um Encarregado de Relações Públicas. §1º. Comporá, também a Diretoria, um Presidente Honorário, escolhido pelos sócios, entre as pessoas que mais tenham contribuído para a constância, através dos tempos, dos festejos do Rosário, com mandato por tempo indeterminado, até decisão em contrário da Assembléia dos Associados, destituído, contudo, de qualquer função diretiva específica. §2º. Ressalvado o disposto no parágrafo anterior, o mandato da Diretoria, eleita na forma da alínea "a" do §1º do Art. 9º, será de dois anos, iniciando-se no dia primeiro de Janeiro do ano referente ao da eleição e terminando a trinta e um de Dezembro do ano posterior. §3º. São inelegíveis quaisquer sócios que, à época da eleição, não estejam plenamente em dia com suas obrigações sociais. Art. 6º - Compete à Diretoria, com excessão no estabelecido no §1º do artigo anterior, a administração de sociedade, praticando todos os atos necessários ao bom andamento dos assuntos sociais e, especificamente, os relacionados nos parágrafos seguintes. §1º. Compete ao Presidente: a) Representar a sociedade, ativa e passivamente, em juízo ou fora dele, constituindo-se necessário, procuradores, com poderes especiais, desde que especificados no instrumento respectivo. b) Convocar, de acordo com os presentes Estatutos, as Assembléias dos Associados, e presidí-las. c) Convocar e presidir reuniões da Diretoria, sempre que necessário. §2º. Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente em suas ausências e impedimentos, completando-lhe o tempo restante de mandato se o impedimento for definitivo. §3º. Ao Primeiro Secretário compete secretariar as reuniões da Diretoria, lavrando-lhes as atas respectivas e cuidar de toda correspondência da Associação, que assinará, em conjunto com o Presidente. §4º. Ao Primeiro Tesoureiro compete cuidar das rendas da Associação, recebendo as mensalidades devidas pelos sócios, assim como quaisquer outros donativos e subvenções, devendo prestar contas, anualmente, à Diretoria, através de balancetes e demonstrativos do movimento de cada exercício e sempre que esta ou a Assembléia dos Associados o exigir. §5º. O encarregado do Patrimônio cuidará da boa guarda e conservação dos bens do clube, principalmente dos necessários às apresentações em festejos, catalogando-se, devidamente, e mantendo-os em local seguro sempre que não estiverem em uso. Caber-lhe-á, ainda, distribuí-los entre os respectivos usuários, por ocasião dos fes

tejos ou apresentações e recolhê-los uma vez terminados. §6º. Ao Encarregado de Relações Públicas compete divulgar o nome da Associação, propagando-a por todos os meios ao seu alcance e colaborar na programação dos festejos. §7º. Os Segundos Secretário e Tesoureiro substituirão os respectivos titulares em suas ausências ou impedimentos. Art. 7º - A eleição bienal, prevista nestes Estatutos, é obrigatória, podendo no entanto, haver reeleição. Art. 8º - Haverá ainda, para o comando dos festejos e quaisquer outras apresentações da Associação, um Capitão-Mor e um Capitão-Regente que desempenharão as funções que lhes forem atribuídas no Regimento Interno, cabendo à Assembléia dos Associados nomear os seus respectivos ocupantes ou destituí-los, a qualquer tempo. Art. 9º - A Assembléia dos Associados, regularmente convocada e instalada, na forma destes Estatutos, é o órgão soberano da Associação, cabendo-lhe resolver quaisquer assuntos de interesse social. §1º. A Assembléia reunir-se-á: a) Ordinariamente, de doze em doze meses, durante o mês de Dezembro de cada ano, para examinar as contas da Diretoria, elegendo, obrigatoriamente, na reunião do ano que anteceder o término do respectivo mandato, a Diretoria que funcionará no biênio seguinte. b) Extraordinariamente, sempre que convocada Presidente ou, quando este não puder ou se recusar a fazê-lo, por associados em número nunca inferior a sete. §2º. A Assembléia, tanto a referida na alínea "a", quanto na alínea "b", só se instalará, em primeira convocação, com a presença de, pelo menos, um terço dos associados e, em segunda convocação, com qualquer número, sendo as deliberações tomadas por maioria simples, exceto a que tiver por finalidade a reforma dos Estatutos, para a qual se exigirá maioria absoluta. §3º. Só poderá comparecer e tomar parte em qualquer deliberação, o associado que estiver perfeitamente em dia com suas obrigações sociais. Art. 10º - No caso de extinção da sociedade a totalidade de seu patrimônio será doado a instituição de caridade ou filantrópica, legitimamente creditada, do local da sede, ou, na sua falta, a uma qualquer, existentes em outros locais, desde que preencha as condições do presente artigo. Art. 11º - A Associação adotará um regimento interno que disporá a respeito de seu modo de funcionamento, regulando a realização dos festejos e apresentações, o qual não poderá em hipótese alguma, contrariar estes Estatutos. Art. 12º - Os presentes Estatutos poderão ser reformados, no todo ou em parte, pela Assembléia dos Associados, regularmente convocada e instalada. Art. 13º - A Assembléia que constituir a associação elegerá e empossará a primeira Diretoria cujo mandato, excepcionalmente, completará os meses faltantes para o término do ano e se prolongará, a contar de primeiro de Janeiro do ano seguinte, pelo biênio, conforme previsto no §2º do artigo 5º. Art. 14º - Serão considerados Fundadores, os sócios que assinarem a Ata de Constituição da Associação - Itapeçerica, 04 de Agosto de 1975. Uma vez aprovados e transcritos os Estatutos, na Ata, pelo modo acima, disse o Sr. Presidente ser necessário eleger-se a primeira Diretoria, o Presidente Honorário, o Capitão-Mor e o Capitão-Regente, conforme estabelecido. Colocado em discussão o assunto, os presentes resolveram que fos-

se, inicialmente, eleita a Diretoria, cuidando-se depois, dos demais; tendo, então, determinado o Sr. Presidente fosse suspensa a reunião pelo tempo suficiente a que os presentes fornecessem as respectivas chapas. Reabertos os trabalhos verificou-se que haviam sido, indicados para compor a Diretoria, os seguintes nomes: Presidente - Antonio Bernardes Lamounier, brasileiro, casado, escriturário, residente e domiciliado em Itapecerica. Vice-Presidente - José Ribeiro da Silva, brasileiro, casado, fazendeiro, residente e domiciliado nesta cidade. Primeiro-Secretário - Dr. José Geraldo de Araújo, brasileiro, casado, advogado, residente e domiciliado nesta cidade. Segundo-Secretário - Meroveu Mendes Cerqueira, brasileiro, solteiro, alfaiate, residente e domiciliado em Itapecerica. Primeiro-Tesoureiro - Sebastião Henrique de Souza, brasileiro, casado, comerciante, residente e domiciliado em Itapecerica. Segundo-Tesoureiro - Clélio Ferreira da Silva, brasileiro, casado, mecânico, residente e domiciliado nesta cidade. Encarregado do Patrimônio - Altamiro Ferreira Lima, brasileiro, casado, motorista, residente e domiciliado nesta cidade. Encarregado de Relações Públicas - Lázaro Medeiros, brasileiro, casado, radialista, residente e domiciliado em Itapecerica. Como ninguém quizesse apresentar outra chapa, o Sr. Presidente colocou em votação a acima indicada, que foi eleita, por unanimidade, passando a constituir a primeira Diretoria da Associação. Em seguida passou-se à eleição do Presidente Honorário, tendo sido indicado pelos presentes e eleitos, unanimemente, o Sr. José Gomes Filho, à vista dos relevantes serviços que sempre prestou à instituição do Reinado do Rosário em Itapecerica, mantendo sempre viva a sua tradição, com grandes sacrifícios. Logo após foram indicados e eleitos, unanimemente, o mesmo Sr. José Gomes Filho e o Sr. Altamiro Ferreira Lima, para o exercício das funções de Capitão-Mor e Capitão-Regente, respectivamente. Em seguida o Sr. Presidente empossou todos os eleitos, declarando constituída a "Associação do Reinado do Rosário de Itapecerica", e, como não houvesse nada mais a tratar, declarou franca da palavra. Ninguém dela querendo fazer uso, o Sr. Presidente suspendeu a reunião, mandando lavrar no livro próprio a presente ata. Reabertos os trabalhos, determinou o Sr. Presidente fosse a mesma ata lida, depois do que foi colocada em discussão e votação, tendo sido aprovada por unanimidade, e assinada por todos os presentes, encerrando-se a reunião.

Itapecerica, 04 de Agosto de 1975

- 1 Altamiro Ferreira Lima
- 2 Clélio Ferreira da Silva - Secretario ad. hoc
- 3 Antonio Bernardes Lamounier - Presidente
- 4 José Ribeiro da Silva - Vice-Presidente
- 5 Sebastião Henrique de Souza
- 6 José Geraldo de Araújo
- 7 Meroveu Mendes Cerqueira
- 8 José Gomes Filho
- 9 Lázaro Medeiros

- 10 Antonio Gomes de Carvalho
- 11 Antonio Manoel dos Santos
- 12 José Freitas
- 13 Raimundo Nunes da Costa
- 14 Mario L. Ribeiro
- 15 Pedro Américo Mesquita
- 16 João Bento Afonso
- Geraldo D'Alessandro
- 17 Manoel Henrique de Souza
- 18 Antonio Anielo D'Alessandro
- 19 Cesário Mendes de Cerqueira
- 20 Antonio Ribeiro
- 21 Baltazar José Prata
- 22 Alderano dos Reis D'Alessandro
- 23 Manuel Arantes
- 24 José Custodio Sebastião
- 25 Olívio Felix dos Santos
- 26 Raimundo Ferreira Gato
- 27 Alberto Carvalho
- 28 Iracy Duarte Medeiros
- 29 Roberto Felix da Silva
- João Batista Gomides
- 30 Ilegível
- 31 José Gomes de Araujo

Acabou-se de imprimir  
aos 6 de junho de 1989 nas oficinas da gráfica da  
Associação Palas Athena do Brasil.  
Edição *hors commerce* de 2.000 exemplares  
a cargo de  
Massao Ohno Estúdio  
São Paulo, Brasil

